

Os Comunistas e o Governo do sr. Jânio Quadros

OS COMUNISTAS brasileiros examinaram a situação política, em particular os resultados das eleições presidenciais de outubro de 1960, a constituição do governo do sr. Jânio Quadros e o cres-

cimento das lutas de massas por melhores condições de vida. Tomando por base a orientação política traçada no V Congresso do Partido, confirmada pelos acontecimentos nacionais e internacionais, resolveram definir, através

da presente resolução, sua posição no atual momento político. (Os leitores de NOVOS RUMOS poderão encontrar na 8ª página do 1º caderno desta nossa edição o texto integral da resolução dos comunistas brasileiros.)

NOVOS RUMOS

ANO III

Rio de Janeiro, semana de 17 a 23 de março de 1961

Nº 106

Diretor Executivo — Orlando Bomfim Jr. Diretor — Mário Alves Redator-Chefe — Frogmen Borges

NR PUBLICA EM PRIMEIRA MÃO:

Carta de Alforria do Camponês

Dep. FRANCISCO JULIAO
Presidente do Nôra das Ligas Camponesas
Texto na 1ª página do 2º caderno

Verdade Cambial! de Jânio Quadros: Mais Carestia, Mais Fome e Mais Desemprego Para o Povo

Textos na 3ª pág.

Kruschiov: Breve Enviaremos um Homem ao Espaço Cósmico

VIVEMOS um ótimo tempo, camaradas. Tanto na Terra como no incensurável espaço cósmico, os sonhos mais atrevidos do homem estão se convertendo em realidade», afirmou Nikita Kruschiov em discurso pronunciado na cidade siberiana de Akmolinsk. O primeiro-ministro soviético anunciou, então, sob os delirantes aplausos de seus ouvintes, que «não está muito longe o tempo em que a primeira nave espacial soviética, com um homem a bordo, será lançada ao espaço». Há poucos dias, uma nave soviética, pesando 4 e meia toneladas e atingindo uma altura de 280 quilômetros, levou ao cosmo e trouxe de volta à Terra vários seres vivos, entre os quais a cadela «Negrita». Foi um êxito espetacular da ciência soviética, que deixou claro não haver nenhuma dúvida de que partirão da URSS os primeiros astronautas que percorrerão os espaços siderais: «Como podemos deixar de regozijar-nos pelo fato de o criador de tão grandes feitos e acontecimentos ser o nosso povo soviético, que está construindo o comunismo?», perguntou Kruschiov em seu discurso. Em nossa página gráfica (6ª do 1º caderno), damos algumas fotos relativas às mais recentes conquistas da ciência soviética no terreno da astronáutica. Na foto abaixo, Stelka com dois de seus filhotes.

A PROPOSITO DO 39º ANIVERSÁRIO DO PCB

O Que é o Partido Comunista?

O Que Quer o Partido Comunista?

Texto na 4ª pág. do 2º cad.

A Revolução Cubana

Destruiu o Grande Tabu

Rep. de ALMIR MATOS
na 5ª página do 2º caderno



Pernambucanos exigem vassourada na Tramways

Texto na 2ª página do 2º caderno

Alvorada no coração d'África

Poema de Lumumba na 5ª página

Aumento Das Aposentadorias: Como se Calcula o Acréscimo

Reportagem da 2ª página

CABO FRIO VOLTOU A CENA:

Polícia e Ministério do Trabalho Contra os Grevistas da Álcalis

Texto na 2ª página

Resolução

ORLANDO BOMFIM JR.

A NOTA do Fundo Monetário Internacional sobre a reforma cambial iniciada pelo governo do sr. Jânio Quadros diz tudo. Por ela se vê que a política econômica-financeira do Palácio da Alvorada está sendo realmente traçada pelo poderoso instrumento dos monopólios norte-americanos. Houve mesmo, como se confessa, uma consulta prévia. Só depois é que o Presidente foi fazer seu discurso perante as câmeras de televisão. Ai, no seu conhecido estilo, exibiu-se falando grosso. Esqueceu-se apenas de anunciar que o «script» fora antes submetido à censura de Washington.

TRAÇADA de acordo com o FMI (o mesmo FMI cujas imposições mereceram, no passado, enérgica e patriótica repulsa de nosso povo) a reforma cambial introduzida pelo sr. Jânio Quadros só pode ser o que é. Sua orientação se volta contra nosso desenvolvimento econômico, contra a industrialização do país. Terá como consequência o maior domínio das trustes internacionais, maior submissão de nossa pátria ao estrangeiro. Descarregará sobre os ombros já vergados de nosso povo um peso mais elevado ainda do que o imposto pelas condições atuais da carestia da vida. Arrancará ainda mais dos que quase nada possuem, dos pobres, em benefício dos que já possuem de sobra, dos muito ricos. Não é a mudança exigida pela voz das urnas, mas uma mudança para pior. Na sua descomedida demagogia eleitoral, o candidato Jânio Quadros prometeu parar, num passe de mágica, a subida do balão dos preços. Agora, o presidente Jânio Quadros manda apertar o cinto. O iluminado profeta das vacas gordas se transforma em prosaico magarefe de vacas magérrimas...

OS fatos tornam evidente, assim, o que está na essência do atual governo, confirmando a análise feita pelos comunistas, hoje apresentada em Resolução que NOVOS RUMOS publica. As mesmas forças pró-imperialistas e reacionárias, que serviram de suporte da candidatura do sr. Jânio Quadros, caracterizam a composição do seu ministério. E já começa a tomar corpo a política que o candidato eleito deixou

entrevier no discurso de 31 de janeiro, quando anunciou que o povo devia despojar-se dos últimos níqueis «para honrar dívidas postas em nome do Brasil». Começa o despojamento.

DESSA forma, perdem qualquer motivo de ilusões aqueles que, deixando-se embalar pelas palavras e iludir pelas aparências, alimentavam tendências admissíveis ante meras promessas. As forças mais retrógradas e entreguistas, que ocupam os postos-chave do governo, imprimem à sua política uma orientação que, no essencial, é entreguista e retrógrada. O caminho a seguir, pois, é o da luta contra essa política, a ela contrapondo uma política nacionalista e democrática.

POR outro lado, também estão despidos de razão aqueles que, alheando a realidade de um lado só e parada, como se fosse uma cópia fotográfica, procuram aplicar mecanicamente a caracterização do atual governo e vêem apenas demagogia em medidas de sentido positivo. É o caso de iniciativas que coincidem com os objetivos nacionalistas e democráticos. Em vez de ficar de braços cruzados, vendo fantasmas ao meio dia, deve-se impulsionar a mobilização e luta das massas pela conquista de tais objetivos, como nos ensinam os patriotas de São Paulo, que irão defender em praça pública, num comício a se realizar dia 17, a normalização de nossas relações diplomáticas com os países socialistas.

A RESOLUÇÃO adotada pelos comunistas ante o resultado das eleições presidenciais não se limita a caracterizar o governo do sr. Jânio Quadros e fixar sua posição frente ao mesmo. Indica toda uma perspectiva de organização e mobilização das massas para a luta política pela solução acertada dos principais problemas que interessam ao nosso povo. Transformar essa orientação em realidade não significará apenas levar ao fracasso os designios antipopulares e antinacionais do governo. Significará também conquistar novos êxitos para as forças nacionalistas e democráticas.

CABO FRIO VOLTOU A CENA

Polícia e Ministério do Trabalho Contra os Grevistas da Alcalis

A tranqüila paisagem da cidade fluminense de Cabo Frio voltou a se alterar na manhã do último dia 9, com uma surpreendente movimentação de soldados da Polícia Militar do Estado e de tropas da Secretaria de Segurança, que partiram de Niterói para sufocar o movimento grevista dos 2.600 trabalhadores da Fábrica Nacional de Alcalis, iniciado a zero hora do dia 9, em sinal de protesto contra a demissão arbitrária de sete líderes sindicais, e pelo atendimento de inúmeras outras reivindicações.

A intervenção descabida da Polícia do Estado, na cidade de Cabo Frio, a exemplo do que ocorreu no ano passado em relação à intervenção de tropas federais, provocou o imediato protesto da maioria dos vereadores e de todas as entidades sindicais da cidade que se dirigiram ao ministro do Trabalho e à Diretoria da Companhia Nacional de Alcalis, solidarizando-se com os trabalhadores em greve e exigindo respeito à sua luta reivindicatória.

Volta ao trabalho

Embora com a cidade praticamente sitiada pelas forças da Polícia Militar e Civil, que ocuparam ostensivamente as dependências da Fábrica e a área que a circunda, estendendo o policiamento a todos os pontos estratégicos de Cabo Frio, os grevistas permaneceram firmes em seu movimento de protesto, e só regressaram ao trabalho na noite do dia 10, após a realização de uma assembleia geral, na qual foi transmitido um apelo do presidente Jânio Quadros para que cessasse o movimento paralisista. No referido apelo, formulado através do Delegado Regional do Trabalho, o Presidente da República salientava que a Diretoria da Fábrica Nacional de Alcalis estava demissionária, o que dificultava o atendimento das reivindicações apresentadas, e comprometera-se a exa-

minar todos os problemas dos grevistas, por intermédio do ministro do Trabalho, sr. Castro Neves, que marcou, para isso, uma reunião no dia 13 do corrente, às 13 horas, no Ministério do Trabalho, com os líderes da classe.

As reivindicações

Várias foram as motivações que levaram os 2.600 trabalhadores da Fábrica Nacional de Alcalis ao movimento grevista. Um deles, que há vários dias vinham mantendo em estado de revolta a massa de operários, foi a demissão do líder sindical Nelson Gomes Gouveia e de mais seis trabalhadores. As demissões, efetuadas sem nenhuma explicação, e em prejuízo da própria empresa, uma vez que todos são trabalhadores especializados, sendo Nelson um eficiente e zeloso operador de central técnica, deixaram os trabalhadores revoltados.

Certos de que se tratava de uma reação contra o movimento sindical, que desenvolve na empresa uma luta tenaz pelo cumprimento das leis trabalhistas, os operários, depois de esgotadas todas as possibilidades de entendimento para a readmissão dos seus companheiros dispensados, resolveram paralisar o trabalho, exigindo o cumprimento das seguintes reivindicações: 1) readmissão dos operários arbitrariamente demitidos; 2) o cumprimento do acordo salarial de 25 de dezembro de 1960 nos itens relativos à classificação de cargos; 3) pagamento da taxa de insalubridade a partir de 23-11-60; 4) pagamento do abono-família; 5) demissão do superintendente administrativo, sr. Carmelo Calado; 6) construção da Vila Operária; 7) aumento da verba do Banco de Desenvolvimento Econômico, de modo a possibilitar a rápida conclusão dos obras da Companhia Nacional de Alcalis e do Conjunto de Soda Cáustica.

Em sua plataforma de reivindicações, os trabalhadores inscreveram, ainda, o fornecimento de verbas para a construção da Usina de Sal, empreendimento indispensável à identificação do fabrico de borrlilha, que vem sendo prejudicado pelo fato de a Alcalis ter de comprar o sal a companhias particulares.

Ameaça de intervenção

Logo que teve início o movimento grevista, através do qual os trabalhadores reivindicavam não apenas os seus direitos mais elementares, mas, sobretudo, a adoção de medidas desenhadas a desenvolver a própria atividade industrial da Fábrica Nacional de Alcalis, o delegado regional do Trabalho, sr. Sebastião Bebbiano, apressou-se a declarar aos líderes da greve que promoveria a intervenção no Sindicato, aplicando o decreto 9.070 contra os operários e ocuparia o município com tropas federais, se o movimento grevista não cessasse imediatamente.

As ameaças do sr. Sebastião Bebbiano, que é homem de confiança no ministro Castro Neves, desmentiram de maneira muito clara as constantes declarações do titular da pasta do Trabalho, de que não se utilizará do decreto 9.070 e de que assegurará o pleno exercício do direito de greve. Com efeito, não compreendem os operários da Alcalis, nem os trabalhadores fluminenses em geral, que o ministro do Trabalho prometa uma coisa e seus auxiliares diretos, homens de sua inteira confiança, façam outra.

Reação pela legalidade

A verdade é que os trabalhadores da Fábrica Nacional de Alcalis não foram à greve pelo fato de o ministro

do Trabalho afirmar que o 9.070 não seria aplicado, do mesmo modo que não regressaram ao trabalho levados pela ameaça do delegado Bebbiano de que se utilizaria do 9.070 contra eles. E isso ficou claramente demonstrado na assembleia geral da classe, quando as ameaças do delegado regional do Trabalho foram denunciadas, e recebidas com a mais veemente condenação da massa de trabalhadores, que decidiu prosseguir no movimento grevista, até que as autoridades competentes se comprometessem a atender às suas reivindicações.

Desse modo, só depois que o próprio presidente da República se dirigiu aos grevistas comprometendo-se a considerar as suas reivindicações, e entregando ao ministro do Trabalho a tarefa de se reunir com os líderes da classe, no dia 15, para examinar as suas pretensões, é que a greve cessou, permitindo que a Fábrica Nacional de Alcalis voltasse à sua atividade normal.

Inter-Sindical em Nova Fase: Pedida Audiência ao Ministro

A Comissão Permanente das Organizações Sindicais do Estado da Guanabara entrou em nova fase de atividades, promovendo, em sua última reunião plenária, a reestruturação da Comissão Executiva, que estava desfalcada, em virtude da deserção dos srs. Ary Campista e Floriano Maciel. O Plenário da CPOS elegeu os líderes Giovanni Romito, presidente do Sindicato dos Gráficos, e Hermenegildo Fernandes Autran, presidente do Sindicato dos Trabalhadores em Refinarias de Petróleo, para ocuparem os cargos vagos na Executiva. O



Reúnem-se os líderes

Figurante da reunião dos membros da Comissão Executiva da Comissão Permanente das Organizações Sindicais do Estado da Guanabara, quando ficou decidido solicitar uma audiência ao ministro do Trabalho

líder têxtil e deputado estadual Hércules Corrêa dos Reis foi eleito para o cargo de secretário geral da CPOS, em substituição ao sr. Ary Campista

Audiência com o ministro

Em sua última reunião, os membros da Comissão Executiva da CPOS decidiram solicitar uma audiência ao ministro do Trabalho, sr. Castro Neves, a fim de lhe fazer uma exposição sobre as reivindicações das entidades sindicais cariocas. Considerando a importância

do encontro com o ministro do Trabalho, a Executiva da CPOS está recomendando aos sindicatos que façam um levantamento de todos os seus problemas, cuja solução esteja na dependência do ministro do Trabalho. De posse desses elementos, a CPOS formulará uma agenda, na qual incluirá as reivindicações, críticas e sugestões dos trabalhadores da Guanabara ao Ministério do Trabalho.

Escolas primárias em Anápolis: poucas vagas

ANAPOLIS, GO (Do correspondente) — Segundo relata o jornal O Anápolis, a situação dos excedentes à escola pública nessa cidade goiana é séria, ainda mais agravada pela determinação do Diretor do Ensino Primário do Estado, Padre Ruy, que é contrário à criação de mais um turno de aulas no Grupo Escolar Antônia Santana.

630 alunos matriculados como excedentes

Devido à insuficiência da rede de grupos escolares da cidade, o Diretor do Ensino Primário concordou em que os estabelecimentos citados matriculassem mesmo além dos limites normalmente possíveis. Tal fato fez com que pudessem ser matriculados mais 630 alunos. No entanto, não existem acomodações suficientes para os excedentes, sendo que a única solução seria a ampliação do funcionamento para mais um turno.

A Diretoria do Grupo Escolar Antônia Santana está aguardando para os próximos dias uma solução por parte do Padre Ruy, relativamente aos 630 alunos excedentes matriculados para aquele estabelecimento.

Aumento Das Aposentadorias: Como se Calcula o Acréscimo

A propósito do decreto assinado pelo presidente da República, no dia 8 do corrente, determinando o reajustamento nos aposentadorias e pensões concedidos pelos IAPs, o Ministro do Trabalho, sr. Castro Neves, declarou:

«O decreto que aprovou a nova tabela dos índices de reajustamento das aposentadorias, pensões e benefícios de manutenção para vigorar nos Institutos de Previdência, foi elaborado pelo Serviço Atuarial e revisado pelo Departamento Nacional da Previdência Social. Nenhum beneficiário ficou de fora. Todos serão atingidos pelo aumento.»

O ministro Castro Neves salientou que o decreto promoveu um aumento de 26 a 68% a partir de junho de 1960. O ato, esclareceu, estabelece que nenhum beneficiário reajustado poderá em seu valor mensal resultar maior sete vezes, no IAPFESP, e duas vezes, nos demais Institutos, que o salário mínimo regional do adulto do valor mais elevado, vigente em 30 de junho de 1959.

Exemplo

Valendo-se das informações do chefe do Serviço Atuarial, e tendo em vista as controvérsias que já estão surgindo sobre a interpretação do refe-

rido aumento, o ministro do Trabalho mostrou que um engenheiro aposentado com mil cruzeiros em 1923 teve os seus proventos majorados para Cr\$ 14.230,00, a partir de maio de 1958, com aplicação do fator 14, 23, e um servidor modesto, da mesma época, aposentado com 200 cruzeiros, teve seus proventos reajustados para Cr\$ 2.841,00 (aplicando-se o mesmo fator de incremento da prestação de benefícios, isto é, 14, 23), inferior ao salário mínimo de 1958, 6.000,00 cruzeiros, prevalecendo esse. Ambos ganhavam já o salário mínimo; o primeiro reajustamento restabeleceu a hierarquia.

De acordo com o segundo reajustamento esses valores sofreram agora um acréscimo de 68%. O referido engenheiro passaria a Cr\$ 23.906,40 e o servidor a Cr\$ 4.781,30, mantendo-se para este último o salário mínimo, valor superior a que tem direito em face de outra lei. Benefícios concedidos em 1958, é que não foram reajustados pelo decreto 47.149, tiveram os seus valores acrescidos de 68% e os concedidos em 1959 um acréscimo de 26%. Para os concedidos em 1960 não haverá aumento algum, de vez que já foram calculados em nível de salário atual. Em julho de 1962, porém, se se concretizar um nível de salário acima de 15%, serão reajustados.

As pretensões do CONCLAP

ROBERTO MORENA

Com o discurso do presidente da República, sr. Jânio Quadros, em 31 de janeiro, foi aberto o sinal verde para os eternos exploradores dos trabalhadores e do povo. Com o quadro esboçado pelo presidente da situação econômica e a necessidade de um regime de "austeridade" e a advertência de que o primeiro ano de seu governo seria "rude e áspero", as chamadas "classes conservadoras" reunidas na cúpula reacionária de suas organizações, CONCLAP, lançaram um documento, definindo posições. Posteriormente, o entregaram ao presidente da República, arrogando-se o direito de representar o pensamento de todos os industriais, comerciantes e outros membros das "classes conservadoras".

Que pretendem esses senhores, após todos da "paz e harmonia social"? Impedir ou criar as maiores dificuldades aos aumentos de salários e vencimentos, alegando, mais uma vez, a necessidade de maior produtividade. Maior produtividade significa para eles maiores lucros, maiores negócios.

Nesse sentido, reiteram mais uma vez sua opinião contra o direito de greve, coincidindo seu pensamento com os substitutos reacionários elaborados por alguns senadores.

Manifestam-se, também, contra a estabilidade, sob a falsa alegação, de que isso impede a formação de profissionais. É uma obstinação dos mentores do CONCLAP a liquidação da estabilidade, o que aliás já põem em prática, despedindo aqueles que estão prestes a completar 10 anos de serviço, ou fazendo contratos de trabalho de ano ou menos de cinco anos.

Advogam o êxodo rural. Assim, sem nenhum rubeco, alegam-se pelo fato de: trabalhadores do campo, arru-

nados ou mortos de fome, os candangos, virem para as cidades, aumentar a reserva da mão-de-obra, como acontece na construção civil.

E, como não poderia deixar de ser, os donos do CONCLAP, pronunciaram-se, embora veladamente, contra a ampliação das relações comerciais e diplomáticas do Brasil com todos os países do mundo.

Com esse documento, os reacionários do CONCLAP, gastando grandes somas em propaganda, em anúncios, querem fazer pressão sobre os poderes Executivo e o Legislativo.

Contra essas pretensões e essas atividades, os trabalhadores e o seu movimento sindical têm que se mobilizar e unir. Na ausência de uma direção capaz e combativa, devido à atitude do grupo que domina a direção da CNTI, CNTC e CNTT, devemos nos unir em torno do programa de ação aprovado no Encontro Sindical de São Paulo, nos dias 18 e 19 de fevereiro deste ano.

Esse programa que já vai sendo discutido e examinado em todos os organismos sindicais de nosso país, será impulsionado com mais vigor, se as federações, os sindicatos e os Conselhos Sindicais tomarem a iniciativa de mobilizar a massa trabalhadora em torno de seus principais pontos — aumento de salário, contra o aumento do custo de vida, pela aprovação imediata da regulamentação do direito de greve, pela ampliação das relações comerciais e diplomáticas com os países socialistas etc.

Estado do Rio: Sindicatos Apresentam Reivindicações

Cerca de 100 líderes sindicais fluminenses, representando os trabalhadores dos mais importantes regiões industriais e agrícolas do Estado do Rio, reuniram-se, no último dia 11, na sede do Sindicato dos Rodoviários, em Niterói e aprovaram uma plataforma de reivindicações que deverá ser entregue ao novo governador do Estado, sr. Celso Peçanha, nos próximos dias.

O Encontro Estadual de Líderes Sindicais, promovido pelo Conselho Sindical dos Trabalhadores Fluminenses, contou com a presença de várias autoridades estaduais e de parlamentares, entre os quais os srs. José Maria Ribeiro, chefe da Casa Civil do governo do Estado; Jorge Bedran, secretário do Trabalho; deputados federais Aarão Steinbruch, Paiva Muniz e Bocaliava Cunha; deputado Alvaro Fernandes, presidente da Assembleia Legislativa do Estado do Rio; e Badjer Silveira.

Apoio aos cubanos e congoleses

Além da formulação de sua carta de reivindicações, os líderes dos trabalhadores fluminenses decidiram iniciar uma campanha pela construção de um monumento ao governador Roberto Silveira, como um preito de reconhecimento pela sua conduta e respeito às liberdades sindicais e democráticas no Estado. Resolveram ainda reiterar sua posição em defesa do Governo Revolucionário de Cuba e de apoio à luta pela independência do povo congolesês, cuja líder, Patrice Lumumba, foi brutalmente assassinado pelas forças a serviço do imperialismo.

Contra a intervenção

Solidários com a luta dos trabalhadores da Fábrica Nacional de Alcalis, os líderes sindicais fluminenses formularam veemente protesto contra a remessa de forças da Polícia do Estado para a cidade de Cabo Frio, onde se realizava uma greve pacífica. O chefe da Casa Civil do governador Celso Peçanha, tentando responder ao protesto dos trabalhadores, declarou que o envio de guarnições da Polícia do Estado foi a meio pelo qual o sr. Celso Peçanha evitou que Cabo Frio fosse ocupada por tropas federais, conforme ocorreu na última greve dos trabalhadores nas salinas, durante o governo passado.

As reivindicações

Dentre as reivindicações formuladas no documento que será entregue ao governador Celso Peçanha, os líderes sindicais fluminenses apresentam as seguintes: 1) reestruturação da Secretaria do Trabalho e Serviço Social, entidade que, embora precariamente organizada no governo Roberto Silveira, prestou importantes serviços aos sindicatos; 2) ajuda para a construção de Palácio de Sindicatos nos municípios de Niterói, São Gonçalo, Barra Mansa, Nova Friburgo, Nova Iguaçu, Cabo Frio, Petrópolis e Campos; 3) aplicação das verbas destinadas à construção de sedes sindicais próprias, nos municípios onde é menor o número de sindicatos; 4) execução da lei que criou a Companhia Construtora de Belduários Populares; 5) aplicação integral do Plano Piloto de Reforma Agrária; 6) consulta às entidades sindicais para a escolha do assessor sin-

dical do governador, diretor do Departamento de Trabalho e diretor do Departamento de Assistência Social.

Educação

No setor referente à educação, resolveram os líderes sindicais pleitear do governador Celso Peçanha a adoção das seguintes medidas: a) ampliação da rede educacional estadual, atingindo, principalmente os anéis primários, ginasiais e técnico-profissionais; b) manutenção e oficialização do Movimento Popular de Alfabetização, ampliando-se a rede das «Escolinhas Populares»; para a efetiva erradicação do analfabetismo no Estado do Rio; c) criação e manutenção pelo Estado de escolas técnico-profissionais, tanto nas cidades como nas zonas rurais, através, inclusive, de convênios com entidades patronais, ou com empresas isoladas.

Ajuda aos sindicatos

Com referência à assistência governamental às entidades sindicais, decidiram os representantes dos trabalhadores fluminenses pleitear: 1) auxílio financeiro às entidades sindicais de trabalhadores quando em greve, medida essa, aliás, que está para ser transformada em preceito constitucional no Estado da Guanabara; 2) financiamento, pelo Estado, para a aquisição de jipes pelas entidades sindicais, para uso exclusivo em suas atividades, com o pagamento a longo prazo; 3) prioridade na tramitação de papéis relativos às entidades de classe dos trabalhadores, em todas as secretarias e demais órgãos do Estado.

Representação sindical

No item referente à representação sindical foi aprovado o seguinte texto: «Considerando que a aplicação de medidas necessárias a uma política popular e de defesa dos direitos e dos interesses dos trabalhadores reclama a presença de representantes dos operários nos órgãos de administração do Estado, os dirigentes sindicais fluminenses, reunidos no «Encontro Estadual», reivindicam:

- 1) o direito de indicar nomes para exercerem a representação sindical no Palácio do Inqá, assim como em algumas secretarias do Estado, e na Inspeção Geral do Trânsito Público;
- 2) participação de um representante do Movimento Sindical Fluminense na Comissão Estadual de Matrículas Gratuitas, conforme vinha ocorrendo no governo passado;
- 3) que o executor do Plano de Ação Agrária seja indicado pelas entidades representativas dos lavradores e dos trabalhadores agrícolas do Estado. A referida indicação deverá ser processar através de uma reunião ampla, orientada pela Federação das Associações dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas Fluminenses».

Direção das empresas

Tendo em vista a antiga reivindicação dos trabalhadores de participar da administração das empresas, e considerando a recente medida do presidente Jânio Quadros, mandando proceder à indicação de representantes sindicais para a administração das empresas as-

tuais, os líderes sindicais fluminenses decidiram, do mesmo modo, reivindicar a participação de representantes dos trabalhadores na administração da Empresa Fluminense de Energia Elétrica, Serviços Industriais da Norte do Estado, Serviço de Águas e Esgotos do Niterói, Serviço de Viagem do Estado, Instituto de Previdência Social, Banco do Estado etc. A indicação deverá ser feita pelos trabalhadores das próprias empresas.

Obras públicas

Os líderes sindicais fluminenses solicitam, ainda, do governador Celso Peçanha, a conclusão das obras iniciadas no governo passado, entre as quais as seguintes: 1) Usina Central de Macabu, cuja construção estava prevista para 19 de abril próximo; 2) Usina de Cachoeira do Inferno, em Bom Jesus do Itabapoana, que se encontra em vias de conclusão; instalação de usinas térmoeletricas em Campos, Rezende, e outras localidades fluminenses que carecem de energia para o seu desenvolvimento; 4) prosseguimento das obras de recuperação de edifícios públicos, especialmente hospitais e escolas, em todo o território fluminense; 5) concessão imediata de aumento de salário para todos os empregados do Estado.

Defende Teu Direito

TESTEMUNHAS — É válido o depoimento de uma só testemunha para comprovar a justa causa da dispensa do empregado, desde que juridicamente capaz. Ac. TST, 3.ª Turma (Proc. 1145/60), Relator Ministro Tostes Malta.

A Junta indeferiu o pedido de intimação das testemunhas sob o fundamento de que à parte cabia provar que convidara as testemunhas e que elas haviam se recusado a comparecer a Juízo. — Recurso conhecido para anular a decisão recorrida, por cerceamento de defesa. Ausente a testemunha à audiência em que deveria depor, não há como se exigir da parte que a arrolou a prova da recusa em comparecer para se deferir a sua intimação. Ac. TST, 3.ª Turma (Proc. 445/60), Relator Ministro Jonas de Carvalho.

A data da admissão do empregado pode ser provada com o depoimento de testemunhas em Juízo. Ac. TRT, 1.ª Região (Proc. 1.728/59). A Consolidação das Leis do Trabalho não exige que a empresa, em sua contestação, apresente rol de testemunhas, nem estabelece que este rol deve ser apresentado antes da audiência. Somente durante a audiência poderão as partes saber se as testemunhas compareceram ou não, e, desde que não compareçam, devem ser intimadas, indicando-se, neste ensejo, os respectivos nomes. Se a empresa indica os nomes de suas testemunhas e a Junta, não obstante, nega a expedição de notificação às mesmas, cerecia a defesa do empregado. Ac. TRT, 2.ª Região (Proc. 2.857/58), Relator Juiz Wilson Campos Batalha.

Na Justiça do Trabalho não se exige a apresentação do rol de testemunhas, nem o requerimento prévio para sua notificação. Estas devem comparecer à audiência independentemente de notificação. Só no momento de serem inquiridas é que a parte pode saber se estão ou não presentes. Não comparecendo, surge, então, o momento oportuno de solicitar-se a notificação delas. Ac. TRT, 2.ª Região (Proc. 2.265/58), Relator Juiz Wilson Campos Batalha.

TRABALHO A DOMICÍLIO — Se o trabalhador a domicílio executa suas atividades com plena autonomia, sem que a empresa, de que se diz empregado, lhe imponha o cumprimento de tarefas rigorosamente fixadas, não tem o amparo da legislação trabalhista. Ac. TRT, 1.ª Região (Proc. 1.615/58), Relator Desembargador Pires Chaves.

Costumeira: execução de serviço em sua própria residência. Consideram-se empregados para o efeito de contribuições de previdência social, os chamados "tarefeiros a domicílio, quando verificada a relação de emprego". Ac. TFR, 1.ª Turma (Ag. pet. 8.902), Relator Ministro José de Queiroz.

O trabalho a domicílio é prestado longe dos olhos do empregador. Não há a fiscalização que-costumemente existe na prestação de serviço na fábrica. Não há o comando empresário dirigindo a atividade do empregado. O vínculo jurídico, nessa hipótese, se adérga. E transparece da obrigação que tem, em alguns casos, o empregado, de ir buscar as peças para confeccioná-las em sua casa, verificando-se o controle do empregador Hêlio Miranda Guimarães.

TRABALHADOR AUTÔNOMO — Trabalhando eventualmente, sem dependência, durante apenas o período em que havia necessidade de catadão de café, e isto somente dois ou três meses por ano, à base da tarefa, a reclamante era trabalhadora autônoma, pelo que não pode pretender direito à estabilidade. Ac. TRT, 2.ª Região (Processo 1.581/60), Rel. Juiz José Teixeira Peucedo.

DAS LUTAS DE 1908 A GREVE DE MARZAGÂNIA

Proletariado Mineiro Forjou Sua Unidade em 33 Anos de Luta

Reportagem de DAVID DA SILVA, da Sucursal de NR em Belo Horizonte

Em 1908 surgia em Minas Gerais a «Liga Operária Mineira», a primeira entidade dos trabalhadores do Estado. Iniciava com ela, a classe operária mineira, a sua longa trajetória na luta para se organizar e unificar as suas fileiras visando a defesa mais vigorosa dos seus interesses econômicos, sociais e políticos. A história é longa, cheia de altos e baixos, de vitórias mais do que de derrotas.

A Liga fundada em 1908, de tendência anarco-sindicalista, se reservou o papel de comandar a primeira grande batalha travada pelos trabalhadores mineiros: a greve dos operários de «Construção Civil» contra a jornada de 12 horas. Nos anos seguintes, sob o impulso das primeiras vitórias, foram aparecendo novas entidades. Em 1910 é organizada a «Confederação Auxiliadora dos Operários de Minas Gerais», associações de caráter profissional e de setor são organizadas. Em 1920 são fundados o «Centro dos Chofeiros» e a «União dos Empregados do Comércio».

Esse tipo de associação, criado inicialmente com objetivo de estimular a solidariedade e a assistência aos trabalhadores, rapidamente passava a organizar ativamente a luta por melhores condições de vida e, forjando consciências, abriam caminho para a formação de entidades de nível superior. De várias das associações surgidas no primeiro período da luta dos trabalhadores mineiros, nasceram sindicatos à frente dos quais se colocaram aqueles operários mais destacados na organização de movimentos reivindicatórios nas empresas e corporações.

As primeiras grandes greves

Na década de 30 começaram a aparecer os frutos do trabalho muitas vezes heróico dos pioneiros do movimento sindical organizado

Líderes sindicais

mineiros têm encontro em Belo Horizonte

Realizar-se-á, no próximo dia 16, em Belo Horizonte, o Encontro Regional dos Trabalhadores, ocasião em que será apreciado o relatório da comissão de líderes sindicais que participaram da entrevista com o Presidente Jânio Quadros. Consta, ainda, da pauta dos trabalhos, a intensificação da campanha pelo reexame do Estado, para efeito do reexame das bases do salário mínimo.

O Encontro é promovido pela Comissão Executiva do IV Congresso Sindical de Minas Gerais, e já conta com o apoio dos representantes das entidades sindicais de todo o Estado. A presença do ministro do Trabalho, sr. Castro Neves, está sendo aguardada pelos trabalhadores.

em Minas Gerais. Em 1934, os trabalhadores da Companhia de Carris Urbanos de Belo Horizonte deflagraram o primeiro movimento grevista de envergadura no Estado. A capital ficou praticamente paralisada e se verificaram manifestações de unidade e solidariedade jamais vistas no Estado. A greve dos carris sucederam-se outras de menor relevo, mas assim mesmo importantes para o fortalecimento da atividade sindical. Ainda em 1934 coroava-se de êxito a luta dos mineiros de Morro Velho pela organização do seu sindicato. A entidade de classe do maior setor operário do Estado naquela época, transformar-se-ia, mais tarde, no principal baluarte do movimento operário em Minas.

O surgimento de numerosas entidades sindicais nas principais cidades do Estado, criou as condições para os trabalhadores mineiros lutarem pelo fortalecimento da unidade que já se fazia sentir entre as diversas categorias. Passo importante nesse sentido foi a realização, em 1935, do I Congresso Sindical Estadual. A manifestação constituiu-se numa prova da considerável força já acumulada pelos trabalhadores e ao mesmo tempo abriu perspectivas para o início do intercâmbio com as organizações de trabalhadores dos centros mais adiantados do país, São Paulo e Rio.

Novo impulso

O hiato representado pelo Estado Novo começou a ser superado em 1942. A partir desse ano e durante uma década, realizaram-se no Estado vários congressos sindicais de cunho populista e fortemente influenciados pelos «Círculos Operários». Apesar disso, entretanto, essas manifestações contribuíram para fazer avançar o movimento operário em Minas. Deve-se ressaltar, no que se refere a essa etapa, que o movimento sindical, de 1948 a 1952, não avançou mais em virtude da incompreensão dos comunistas, de sua orientação sectária que só começou a ser superada a partir de 1953.

Um novo ascenso verifica-se a partir de 1955. Os trabalhadores iniciam e aceleram a realização de Conferências e Congressos de setores profissionais, principalmente metalúrgicos e têxteis, o que muito contribuiu para estimular a fundação de sindicatos, estreitar a solidariedade, articular melhor suas lutas específicas e estabelecer relações mais constantes com outras entidades sindicais de categoria em âmbito nacional. As concentrações sindicais pré-congressuais ou para coordenar as lutas e campanhas na esfera estadual, têm jogado um importante papel no processo de unificação dos trabalhadores de Minas. Papel de relevante destaque vêm desempenhando nesse terreno as reuniões intersindicais, a começar pelas semanas regionais

patrocinadas pela CNTI. A Comissão Permanente do III Congresso Sindical, nesse aspecto, desempenha, atualmente, um papel mais importante ainda como centro unificador do movimento sindical.

Os congressos sindicais realizados recentemente indicam também um significativo avanço político na luta dos trabalhadores. O Congresso realizado em 1960, por exemplo, aprovou moções em favor da Paz mundial, de solidariedade a Cuba, pela revogação do artigo 58 da Lei Eleitoral, em defesa da Escola Pública, contra as concessões à Hanna, pela nacionalização da Cia. Meridional de Lafaete e pela proibição da exportação do manganês daquela região. O Congresso representou um sensível avanço em relação aos dois anteriores. Quatorze concentrações foram realizadas em cidades do interior, algumas delas verdadeiramente impressionantes pela participação da massa trabalhadora (as reuniões de Itabira, Nova Lima, Brumadinho, Itabirito, Barão de Cocais, Governador Valadares e Uberaba são exemplos dessa nossa afirmativa). As posições antilimpialistas e nacionalistas dos trabalhadores mineiros, consubstanciadas nas moções apresentadas, foram ardentemente debatidas e aprovadas por unanimidade pelos 300 delegados representando 120 sindicatos que participaram do Congresso.

Crece o movimento

A atividade crescente dos trabalhadores, o recrutamento da luta em todos os setores, acrescidos da ação cada vez mais organizada das entidades superiores, contribuiu para o crescimento das entidades sindicais existentes e o surgimento de novas. Minas, que em 1954 contava com 120 sindicatos, hoje conta com cerca de 200. O número de Federações é, atualmente, de 8.

A par disso, adquire um novo sentido o movimento de solidariedade entre os trabalhadores. Exemplos disso são a recente greve dos tecelões de Marzagânia, que recebeu não só apoio moral como também material dos sindicatos de diversas categorias, e a greve dos 70 mil funcionários públicos estaduais, que contou com a decisiva colaboração das entidades operárias.

A importância cada vez maior do movimento sindical mineiro é comprovada pela crescente participação de representantes dos trabalhadores de Minas Gerais nos congressos, reuniões e conferências nacionais. O exemplo mais flagrante do avanço do movimento organizado da classe operária em Minas Gerais é a participação de sua delegação (40 representantes) no recente encontro de São Paulo, que aprovou uma verdadeira Carta do Trabalhador, defendendo suas posições e reivindicações diante do novo governo da República.



Mineiros combativos

Apesar de ser de formação relativamente recente, o proletariado mineiro é bastante combativo, sempre atento à defesa de suas reivindicações. A foto acima mostra um flagrante de gigantesca passeata realizada em 1953 pelos mineiros que trabalham em Nova Lima, numa luta que mobilizou todos os trabalhadores da corporação

20 MIL EM 1910 SE TRANSFORMARAM EM 250 MIL EM 1960

Trabalhador já Pesa na Economia Mineira

O processo de desenvolvimento industrial que se verifica no Brasil, reflete-se também em Minas Gerais onde cresce o peso específico do proletariado na população do Estado. Como decorrência desse processo, a tendência à concentração operária se acentua em virtude da ampliação das antigas e do surgimento de novas e grandes empresas industriais.

Pode-se considerar que o grosso do proletariado mineiro é de formação recente, e a grande maioria dele é constituída de camponeses que emigraram para as cidades, atraídos pela instalação de grandes empresas industriais. Outra parte provém da camada média da população, da proletarização de grande massa de empregados das mais diversas origens sociais.

Em 1920 o número de trabalhadores existentes em Minas Gerais era insignificante: não passava de 20 mil. Trinta anos depois, em 1950, esse número cresceu para 114 mil e, hoje, sobe a mais de 250 mil o número de trabalhadores

empregados na indústria de transformação e na extração de minérios. Incluindo-se a esses dois setores os trabalhadores em empresas de transporte e na construção civil, o número de operários no Estado ultrapassará a casa dos 300 mil, isto sem contar a grande massa de centenas de milhares de assalariados agrícolas.

A concentração industrial

Região de grandes jazidas de minerais ferrosos e não ferrosos, Minas Gerais desenvolveu-se industrialmente nesse terreno. Grandes companhias de mineração e siderúrgicas operam no Estado, empregando milhares de trabalhadores. No chamado «quadrilátero ferrífero», onde se concentra o peso da indústria no Estado, existiam em 1954 28 empresas com mais de 500 operários. Esses estabelecimentos, todos dos ramos de metalurgia, mineração e têxtil, empregavam 39 mil trabalhadores.

Nos anos de 1954 a 60 esse número cresceu em todo o Estado. As estatísticas relativas a 1960 registraram, para todo o território mineiro, o número de 66 indústrias empregando mais de 500 trabalhadores, e com um total de 117 mil, quase 50% do total do Estado.

Relacionando-se esses números com os municípios, constata-se que as maiores empresas estão localizadas em 47 cidades, 9% das concentrações urbanas de Minas. Além disso, dessas 47 cidades, 25 estão situadas no chamado «quadrilátero ferrífero», no qual também estão situados 21 dos 42 municípios de maior produção industrial, o que indica um alto índice de concentração industrial.

Segundo os ramos industriais é possível relacionar sua concentração na zona metalúrgica da seguinte maneira:

- Siderometalúrgica: 13 empresas com 27 mil operários no Estado (12 delas com 26.300 operários na zona metalúrgica).
- Mineração e cimento: — 15 empresas com 19.000 operários (14 das quais no «quadrilátero» com 18.000 operários).
- Tecidos: — 24 empresas com cerca de 20 mil tecelões (8 delas com 7.300 têxteis na zona metalúrgica).
- Ferrovias e carris: — 8 no Estado com 44.000 ferroviários (3 das concentradas no «quadrilátero» com 8.500 ferroviários).
- Energia e barragem: 3 no Estado com 5.500 sendo que na metalúrgica só uma com 500 operários.
- Bancos e autopeças: — 3 com 1.500 trabalhadores, todos na zona metalúrgica.

Assim, temos 62% das empresas com mais de 500 operários do Estado na zona metalúrgica, correspondendo a 53% dos operários.

Escalonemos as empresas segundo o número de operários e teremos mais uma afirmação da concentração que vem se acentuando:

- Empresas com mais de 5 mil operários: 2 ferrovias com 33.200 3 siderúrgicas com 12.000 — 45.200
- Empresas com menos de 5.000 e mais — 4.1.000 operários, 5 ferrovias com 10.000; 7 siderúrgicas com 13.800; 6 mineração com 16.200; 5 têxteis com 6.700; 1 barragem Furnas 4.000 — 50.700.
- Empresas com mais de 500 e menos de 1.000 operários: 3 siderúrgicas com 3.200; 5 municípios com mineração 2.800; 15 fábricas têxteis com 13.500; 2 emp. energia elétrica 1.300; 2 emp. carris urbanos 1.000; 2 bancos e 1 autopeças 1.500 — 21.700.



Prêmios e Mais Prêmios: Concurso Amizade Kibon

Exemplo do que vem ocorrendo todos os sábados, às 17,45 horas, pela TV-Rio, o Concurso Amizade Kibon realizou nova e farta distribuição de prêmios, no programa do dia 3 do corrente. Na foto acima, vemos alguns dos contemplados, que foram os seguintes: Guilherme Nogueira Guedes e Edna Nery de Souza (dois aspiradores de pó); Edison Herédia Jr. e Cândida Ramos Herédia (dois

fonógrafos portáteis); José Aguilrez e Anselmo Barreiros (duas bicicletas); Nassiba Borni e José Borni (duas bicicletas); Maria Bernadete Bezerra e Neidemar da Silva e Simonides Marinho dos Santos e Sênira Nery Caetano. Você também pode ganhar esses e outros grandes prêmios, bastando para isso enviar 4 ou 8 envelopes dos produtos Kibon para o grande Concurso Amizade Kibon.

NOVIDADES — livros de marcante atualidade
 Você pode adquirir na
LIVRARIA DAS BANDEIRAS

| | |
|--|--------|
| A. V. Michulin — HISTORIA DA ANTIGUIDADE (reedição) | 230,00 |
| E. A. Kosmovsky — HISTORIA DA IDADE MEDIA | 250,00 |
| N. Eimov — HISTORIA MODERNA | 250,00 |
| (livros de estudos de História sob as luzes de um método mais moderno de pesquisa) — o materialismo histórico. | |
| Rui Facó — BRASIL SÉCULO XX | 350,00 |
| contém alguns elementos essenciais da história do nosso País que tornam possível uma melhor compreensão do presente e uma perspectiva do futuro | |
| Osny Duarte Pereira — ESTUDOS NACIONALISTAS — 2 volumes (enriquecidos com dezenas de fotografias, mapas e gráficos) o leitor encontrará estudos condensados e o que cada brasileiro deve saber sobre os mais palpitantes problemas nacionalistas, num retrospecto da vida política, econômica e social do Brasil, de 1953 a 1960 | 320,00 |
| (do mesmo autor) — prefácio de Lourival Fontes | |
| NOS — CHINA — 2 volumes | 360,00 |
| nova edição, atualizada e ampliada, com suplemento sobre «Comunas Populares» — A Nova etapa da Revolução Chinesa e Estatuto Provisório da Comunidade Popular «Sputnik»... Por que não estudar os problemas do Oriente semelhantes aos nossos? | |
| P. J. M. Sweezy-Leo Huberman | 250,00 |
| 26 JULIO — CUBA ANATOMIA DE UMA REVOLUÇÃO (2ª edição) ... e uma análise objetiva da revolução cubana, desde as condições históricas, econômicas e sociais que a determinaram, até os últimos acontecimentos a ela ligados... | |

FAÇAM SEUS PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL À LIVRARIA DAS BANDEIRAS
 Rua Riachuelo, 342 — Loja 2 — Fone: 36-4871
ATENDEMOS PRONTAMENTE

ATUALIDADES SOVIÉTICAS

| | |
|--|-------------|
| NOVA «HISTORIA DEL PARTIDO COMUNISTA DE LA UNION SOVIÉTICA» Edição de Moscou, 1960, 921 pags., encadernado | Cr\$ 400,00 |
| PSICOLOGIA DE LOS SENTIMIENTOS, de Jakobson. A vida emocional e os sentimentos em seu desenvolvimento e educação | 760,00 |
| EL PENSAMIENTO Y LOS CAMINOS DE SU INVESTIGACION, de E. L. Rubinstein. Análise do pensamento do plano psicológico experimental | 300,00 |
| ALGEBRA RECREATIVA, de Perelman. O ensino da matemática, divertindo | 140,00 |
| GEOQUIMICA RECREATIVA, de Fersman. Exposição científica e amena | 350,00 |
| MANUAL DE LINGUA RUSSA, de Nina Potapova, 72 lições | 290,00 |

Pedidos a
AGÊNCIA INTERCAMBIO CULTURAL JURANDIR GUIMARÃES
 Rua dos Estudantes, 84 — sala 28
 Telefone: 37-1983 — São Paulo

Notas Sobre Livros

Pode um leigo escrever sobre uma obra especializada? Sim, quando essa obra especializada é feita com tal maestria e simplicidade que se torna acessível também ao leigo.

É o caso de O idioma brasileiro do professor Antenor Nascentes, em bela edição (3ª) da Livraria Acadêmica.

Temos nesse volume de cerca de 300 páginas uma gramática, um excelente estudo da língua portuguesa e apêndices preciosos que servem a todos para dirimir dúvidas.

Assim como depois do ginásio, na idade madura, nos reconcilhamos com os Lusíadas e lhes descobrimos verdadeiros mananciais de beleza poética que a dura análise sintática nos ocultava, assim com a exposição clara e precisa do professor Nascentes nos reconcilhamos com a gramática e ela nos parece fácil e suave.

Isto acontecer, creio, devido ao fato de tratar-se de um cientista da língua e não um gramaticista. Além disso, Antenor Nascentes parte da compreensão de que é o povo que faz a língua e os filósofos lhe dão as normas essenciais. Em outras palavras, de que a língua é uma coisa viva e um fenômeno social, não podendo ficar presa a regras imutáveis; de que a língua, instrumento necessário de contacto entre os homens, evoluindo com a evolução do pensamento, deve necessariamente acompanhar o progresso da ciência e da técnica, o progresso do povo a que serve de instrumento de comunicação, e portanto modificar-se constantemente.

Dai a ausência de qualquer dogmatismo nos ensinamentos deste mestre da nossa língua. Para mim, pelo menos, foi um encanto ler em O idioma nacional, aceita pelo Autor, a afirmativa de Silvio Romero — "com a largueza de vistas que o caracterizava", ao receber Euclides da Cunha na Academia Brasileira de Letras, "que preferia os escritores que colocassem bem as idéias, aos que colocassem bem os pronomes" (p. 153). Refere-se ainda o professor Nascentes à "exagerada importância que se dá à colocação dos pronomes". É uma prova de que o professor Nascentes não é um fanático da gramática, mas leva em conta as características do português no Brasil, sem naturalmente cair no exagero oposto de pretender que não falamos o português mas o brasileiro. A este respeito, a posição do Autor fica bastante clara nas páginas dedicadas ao português do Brasil, onde são acentuadas as diferenças mais flagrantes em relação ao português da Europa. Quanto a certas expressões portuguesas de Portugal, adverte o prof. Nascentes: "Um brasileiro não fala assim; não deve, por conseguinte, escrever desta maneira, embora do ponto de vista do português esteja muito certo" (p. 171).

Outra característica a destacar no livro de que falamos é que, ao contrário de muitos filólogos, o professor Nascentes costuma citar opiniões de outros estudiosos da língua, não pretendendo ser o único certo.

O idioma nacional é, por estas e outras qualidades — gramática e sociologia da linguagem — contribuição valiosa ao bom conhecimento da língua portuguesa. Gerações de brasileiros têm aprendido a língua materna com Antenor Nascentes. Na medida em que o povo brasileiro se libertar do analfabetismo que ainda acorrenha mais da metade da nossa população, saberá valorizar cada vez mais este estudo de paciência e erudição que é O idioma nacional.



Rui Pires

OS BILHETINHOS

Fôsse eu o presidente Jânio Quadros (coisa que não queria de jeito nenhum) e escreveria um bilhete proibindo todos os bilhetinhos de jornalistas e até de escritores. Estamos nadando num mar de bilhetinhos e o pior é que em todos eles há ódio, vinganças, pedidos de inquéritos, de demissões, de castigos. Que o presidente governe com recados para cá e para acolá — os bilhetinhos — ainda compreendo, se bem que não aprova. Mas que eles superabundem em todos os setores, que cortem os ares em todas as direções; isso é muito forte. De arder.

Várias vezes tenho dito e repetido: não sou oposicionista sistemática, não gosto de destruir. Prefiro aplaudir e sempre que possível colocar minha pedrinha numa construção social. Até o presente momento porém ainda não pude bater uma palma para o presidente atual. Fala-se em reconhecimento dos países socialistas (ato que aplaudirei) mas até agora tudo continua no ar, como, aliás, no ar tudo continua a não ser o pessimismo lançado, esse ódio desencadeado, esse afã de transformar todos nos em zumbis com processos inquisitoriais.

Muita coisa anda errada neste país, mas o caso não é de hoje, vem de longe e não serão bilhetinhos que mudarão essas e outras coisas. Não posso admitir, por exemplo, que haja necessidade de botar para fora todos os diretores de serviços do governo passado. Devia haver entre eles, com certeza, gente que prestasse, e há os técnicos, há os especialistas. Mas nem esses foram respeitados. Rua todo mundo. Novas nomeações, tudo novo. Será que os novos são melhores? E o respeito aos técnicos? Fulano não gosta de Beltrano? Manda um bilhete ao presidente: mande fazer uma devassa em tal lugar e apurar as responsabilidades de Beltrano. E lá vem outro bilhete, que de bilhetinhos estamos vivendo.

A vida está tão pesada, andamos respirando um ar tão denso que chega a atingir pessoas que até então pareciam indiferentes aos problemas. Ou até pessoas, como eu, que nada têm a perder (só tenho um mundo a ganhar) ficam assim, querendo compreender e não compreendendo nada — para ser sincera — compreendendo demais.

Mando um bilhete ao povo brasileiro: coragem, minha gente, coragem porque o bilhete não é sóla. Não nos deixemos dominar pelo pessimismo. Continuemos firmes na nossa luta por dias melhores. Eles vão, com certeza.



Enilda

Tópicos Típicos

Diálogo entre Austregésilo de Athayde e Marques Rebelo, por ocasião de um encontro, na rua:

A.A. — A Academia Brasileira de Letras está se renovando, você viu? Vamos admitir Jorge Amado.

M.R. — Só me impressionarão no dia em que admitirem o Pelé.

A.A. — ???

M.R. — É claro! Poesia também se faz com os pés, meu caro.

Conversa entre o falecido pintor Santa Rosa e uma bela senhora da sociedade, que designaremos por X:

X — Ouvi dizer que o senhor aprecia as mulheres de cor.

S.R. — Não diga!

X — Não lhe agradam as brancas, por acaso?

S.R. — Não tenho preconceito contra elas, minha senhora...

Há alguns anos passados, o arquiteto João Kair perguntou à filha do arquiteto Sérgio Bernardes, que é sua afilhada, que presente de aniversário ela queria ganhar. Ela pediu um coelhinho, Kair deu-o.

No ano seguinte, ele repetiu a pergunta e ela respondeu:

— Um coelhinho.

Kair estranhou:

— Outra vez? Mas eu já lhe dei um...

Ela esclareceu:

— E, mas aquele o papai comeu.

O mesmo João Kair, surpreendido por Sérgio Bernardes em briga feroz com o cachorro deste, justificou-se:

— Foi ele que começou...

Quando, em 1956, a nossa imprensa noticiou que Nasser limitara a 3 o número de filhos que cada casal podia ter no Egito, uma das vozes que se fez ouvir, protestando, foi a do padre Alvaro Negromonte, que disse: "Trata-se de um atentado às mais íntimas liberdades da pessoa humana!"

Marques Rebelo, na sua coluna da ÚLTIMA HORA, escreveu:

"A indignação do padre Negromonte não tem a menor razão de ser. O reverendo não é egípcio."



Pedro Severino

ALVORADA NO CORAÇÃO D'AFRICA

PATRICE LUMUMBA

Há um milênio, negro, sofres qual uma besta, e são tuas cinzas lançadas ao vento que vaga pelo deserto. Teus despotas erigiram templos encantadores e resplandescentes para conservarem teu espírito, conservarem teu sofrer. Direito bárbaro de bater o direito branco de açoitar, tinhas o direito de morrer, podias também chorar. Em teu totem, infundias fomes, infundias grilhões eles esculpiram e ate sob o abrigo das florestas esperitava de forma horrenda a morte cruel, perdida, que se esquivava para ti como galhos saídos dos troncos e das cepas das árvores e enleava teu corpo e tua alma enferma.

Sob teu peito então lançaram enorme vibora traiçoera: a aguardente que foi a canga que em teu pescoço armaram a esposa amada arrastada ao brilho de miçangas baratas e tuas riquezas sem fim que não se podiam medir. Lá de tua choça os tuitãs ecoavam na escuridão da noite através dos caudalosos rios negros levando doridas lamentações, que diziam de moças violentadas, correntes de lágrimas e sangue, que diziam de barcos singrando para lugares em que o homenzinho, chafurda num formigueiro e onde o dólar é rei, para aquela maldita terra a que chamam de metrópole. Lá, tei filho, tua mulher foram triturados, dia e noite, por u.a moimho aterrador e impiedoso, esmagando-os dolorosamente. Es homem como os outros, Rogam a ti que acredite em que o bom deus branco ao fim reconciliará todos os homens.

Ao pé do fogo, sofras e cantavas os teus queixumes de mendigo sem pátria que se humilha a portas estranhas. E quando um fervor te possuía e o teu sangue fervia pela noite adentro dançavas, entoavas lamentos, obsedado pela paixão paterna. Qual fúria tempestuosa sobre o cantar de máscara melodia uma força explodia em ti respondendo a mil anos de miséria na voz metálica de jazz, num brado revelado que ribombava pelo continente em gigantesca rebentação. Surpreendido, o mundo inteiro acordou em pânico, diante do ritmo violento de sangue, do ritmo violento de jazz, o homem branco empalidecendo ante essa nova canção que leva a purpurina tocha pela escuridão da noite. Eis a alvorada, irmão, a alvorada! Vê em nossos rostos, uma nova manhã desponta em nossa velha Africa. Serão apenas nossos, a terra, as águas, os rios poderosos, ao pobre negro usurpado há mil anos atrás. E os archotes impávidos ao sol brilhando para nós outra vez secarão as lágrimas dos olhos os cuspos de teu rosto. O momento em que romperes os grilhões, os pesados ferros, os tempos ruins e cruéis desaparecerão para não mais voltar. Um Congo livre e altaneiro que surgirá da negra terra. Um Congo livre altaneiro — a negra flor, a negra semente! (Traduzido do texto em inglês, publicado no The Canadian Tribune, por B. L.)



CANTO FUNEBRE PARA LUMUMBA

RUY GUILHERME BARATA

Um canto para Lumumba. Uma flor em seu caixão Uma dor doendo fundo como dói o coração. Um desespero crescendo com tamanha traição. Um sentimento de culpa, de culpa sem remissão. Uma lágrima caindo sobre seu corpo no chão e sobre o imperialismo nossa eterna maldição.

Castro Alves, meu poeta dá-me tua inspiração, morto Lumumba caiu, mais Lumumbas cairão. Traz meu grito de Palmares, verso meu torna em canção, há novo berço negroiro ultrajando teu pendão. Cessem tambores de paz, rufem os da rebelião, uma pedra por Lumumba seja nossa obrigação.

Pranto meu de tantas cores que a senzala misturou: vê tu Congo, chaga viva chaga que usura chagou. Chaga-corpo de Lumumba, chaga-mão que assassinou, chaga-povo sem Lumumba que chaga-morte assolou e a liberdade entre chagou quando Lumumba tombou. Cessem tambores de paz, guerra ao que morte pregou!

Ah! negro irmão, negro Congo, negra noite a se espraia! Castro Alves, eis teu povo que não pára de chorar! Antes, ferros das algemas, hoje, ferros de matar, ontem na terra estrangeira estrangeiro hoje no lar. Ferro que mata e escraviza não devemos perdoar. Antônio, dá-me teu verso, faz o ferro enferrujar.

Faz o tempo ser mais tempo, faz a messe madurar, faz o corpo de Lumumba no canto meu despertar, faz sua boca assassina por minha boca falar: a negra cor de Lumumba seja tinta a eternizar a presença do homem livre que não quis capitular. Antônio, neste meu canto faz Lumumba levantar!

Beatriz BANDEIRA

Ainda o PROGRAMA

Continuando os comentários sobre as declarações do dr. Clóvis Galvão, novo diretor do S.N.T., vejamos o que nos prometeu: auscultar os desejos de toda a gente de teatro a fim de ser no S.N.T., um representante de todas as categorias teatrais. Com tal fim, participou, recentemente, de uma Assembleia da União Paulista da Classe Teatral (da qual é presidente a atriz Caetlida Becker) no Teatro de Arena. Promete visitar todas as entidades teatrais para conhecer-lhes as necessidades. Pedirá sugestões para o melhor funcionamento do SNT, convocando, finalmente, uma assembleia geral para debates. Pretende descentralizar o SNT, criando conselhos consultivos nas principais cidades brasileiras. As verbas serão divididas, de acordo com a importância do movimento teatral de cada Estado e distribuídas mediante o parecer dos conselhos consultivos. (grifo nosso) Promete aproveitar os alunos recém-formados pelas Escolas (esperemos que entre estes figurem, especialmente, os do Conservatório Nacional, os quais têm sido até agora desprezados, apesar de se contar em nossos palcos diversos elementos saídos desse Conservatório, alguns de grande talento; mas que abriram seus caminhos sem o menor amparo oficial). Está ciente de que uma ponderável corrente de opinião pensa que o Teatro Nacional de Comédia deveria dedicar-se exclusivamente a encenação de peças brasileiras de mérito artístico. Sabe do mal funcionamento do citado Conservatório; não ignora que existem professores que não cumprem exatamente, como deveriam, suas obrigações para com o Conservatório e seus alunos. Palavras dele: "Entre os numerosos professores existentes, são poucos os que lecionam com obediência de um horário regular". Promete viajar pelos Estados, fazendo um levantamento da situação do teatro em todo o país. Promete incentivar a excursão de conjuntos teatrais de qualidade, levando assim o teatro às cidades do interior. Enfim, parece que estamos diante de um administrador sério e disposto a trabalhar. Oxalá os fatos corroborem as promessas, e os planos se realizem. Essa maneira de encerrar o teatro como algo dinâmico e democrático indo ao encontro do público — o menos favorecido economicamente, é claro — em vez de esperar por ele, é, sem dúvida, o sonho de todos aqueles que amam o teatro.

Cubanos Promovem Concurso Sobre a Obra de José Martí

O Centro de Estudos Marianos está promovendo este ano o Primeiro Concurso Internacional de ensaios sobre a obra literária de José Martí. O regulamento do concurso é o seguinte:

1 — Os ensaios deverão ser inéditos, redigidos em idioma espanhol e com um mínimo de 50 páginas e um máximo de 150. Os trabalhos deverão ser datilografados em papel tamanho carta, dois espaços, em cinco cópias e assinados com pseudônimo.

2 — Cada obra deverá ser acompanhada de um envelope fechado, sobrescrito com o título do ensaio e o pseudônimo do autor, em cujo interior deverão constar o título do ensaio, o pseudônimo, o nome e o sobrenome do autor, com a sua assinatura e seu endereço. O envelope será aberto apenas no caso de o ensaio ser premiado.

3 — Os ensaios deverão ser enviados ao Centro de Estudos Marianos, Apartado Postal 6376, La Habana, Cuba, até 19 de maio de 1961, dia em que será encerrado o recebimento dos trabalhos.

4 — Além da publicação, a obra vencedora fará jus a um prêmio de 300 dólares.

5 — O júri será composto de três estudiosos da vida e da obra de José Martí, cujos nomes serão conhecidos brevemente.

6 — O resultado será divulgado no dia 16 de junho de 1961.

A obra de Villa-Lobos estudada na Polônia

O musicólogo polonês Janusz Ekiert publica, no último número da revista polonesa "Movimento Musical", longo artigo de análise da obra do compositor brasileiro Heitor Villa-Lobos. Janusz Ekiert esteve recentemente no Brasil, acompanhando sua esposa, a pianista Lydia Grychotownia, participante do último Concurso Internacional de Piano do Rio de Janeiro, ainda em vida do compositor brasileiro. O estudo do musicólogo polonês traz o título «Villa-Lobos, descobridor do Brasil» e à certa altura declara que, assim como Cabral descobriu o país americano em 1500, Villa-Lobos o revelou ao mundo através de sua arte magnífica e original. Refere ainda Ekiert os contatos de Villa-Lobos com os compositores europeus, como Milhaud, e especialmente com os músicos poloneses, como Szymanowski, Rubinstein e Pavel Kochanski.

ACABA DE CHEGAR O
MANUAL DE MARXISMO-LENINISMO
 (em castelhano)

— peça-o hoje mesmo pelo reembolso postal, antes que se esgote.
 ... redigido por um grupo de destacados publicistas soviéticos, sob a direção de Otto V. Kusinen.
 ... conseguiram os seus autores, oferecer-nos uma pequena enciclopédia dos fundamentos do marxismo-leninismo, encontram-se aqui, claramente sintetizados, os aspectos básicos da doutrina marxista, em sua projeção atual.

A unidade harmônica dos problemas tratados na obra, a clareza e brilhantismo com que são expostos, conjugados com uma grande riqueza de argumentação e documentação, com uma seleção muito cuidadosa dos textos clássicos de Marx, Engels e Lenin, editados em suas páginas, fazem da mesma — um guia de estudo insubstituível para quantos queiram informar-se de que se trata uma teoria, em torno da qual gira hoje a marcha do mundo.

brochura: 960,00
 encadernado 1.360,00

Faça o seu pedido pelo reembolso postal a

LIVRARIA DAS BANDEIRAS
 Rua Riachuelo, 312 - loja 2 - fone: 36-4871 - São Paulo
 ATENDEMOS FRONTALMENTE

Fortalecem-se as Candidaturas Cantídio - Rio Branco Paranhos

Notas de São Paulo

POVO OCUPA CÂMARA MUNICIPAL

O fato ocorreu em Aparecida do Norte. Por diversas vezes, a Câmara Municipal deixou de reunir-se, devido à ausência da maioria dos vereadores. E como houvesse diversas questões de interesse para a população em pauta, algumas centenas de pessoas para lá se dirigiram, em um dia de sessão e pediram licença ao presidente da casa para ocupar o plenário. Concedida esta, elegeram por sua conta um «presidente» e fizeram veementes protestos contra o prefeito e a maioria dos vereadores, dado o desinteresse que vêm manifestando pelas questões que afetam o município e o povo.

A não intervenção da polícia permitiu que a manifestação popular terminasse em ordem. Mas sua repercussão foi enorme, em todos os setores, inclusive entre as altas autoridades do Estado. «É um mau sinal para nós que numa das cidades mais religiosas do Brasil o povo se tenha disposto a ocupar a Câmara diante da ineficiência dos seus mandatários», comentou-se nos Campos Elísios. Realmente, isto quer dizer que as condições se tornam cada vez mais favoráveis a sérios protestos do povo contra todos quantos a enganam, tanto nos legislativos quanto nos executivos. E esta não é uma perspectiva muito risonha para os que pretendem esfumar os trabalhadores com uma nova onda de carestia, para os que fazem dos governos instrumentos de aumento de suas próprias fortunas.

Prestes falará em São Paulo

Sob o patrocínio do deputado Luciano Lepore, vereador Rio Branco Paranhos e professor Mário Schenberg, Luiz Carlos Prestes anunciará uma conferência em São Paulo, a 18 do corrente, às 20 horas, no salão do «C. A. Juventus», rua Javari, 177, Mooca, sobre PROBLEMAS DO SOCIALISMO. Em seguida, às 22 horas, abrilhantado pela orquestra de Walter Augusto (Rádio Record), haverá um baile que se prolongará até 4 da manhã. Reserva de mesas e convites: Praça Carlos Gomes, 67 - 4º andar, conj. M - fone: 33-3587.

A candidatura de sr. Cantídio Sampaio fortalece-se nos bairros operários e populares e nas fábricas de São Paulo, marcando o apoio que a ela deram, ultimamente e de forma ostensiva, os comunistas. Além da repercussão que obteve na Cidade e manifesto dos comunistas paulistas, definindo sua posição no pleito de 26 de março e suscitado pelos dirigentes Moacir Longo, Antonio Chamorro e Joaquim Câmara Ferreira, idêntico interesse provocou a conferência pronunciada por Luiz Carlos Prestes, na semana passada, nas «Classes Laboristas», perante numerosa assistência de militantes comunistas. Prestes assinalou a importância das eleições deste mês, explicando as razões políticas do apoio dos comunistas à candidatura de sr. Cantídio Sampaio, a fim de que possam ser derrotados os candidatos Prestes Maia e Emilio Carlos, ambos abertamente apoiados no sistema de forças reacionárias que levou ao poder o sr. Jânio Quadros. Recomendou o nome do advogado Rio Branco Paranhos para vice-prefeito, com o sr. Cantídio Sampaio, recordando a oportunidade dos serviços prestados por ele aos trabalhadores paulistas nos últimos vinte anos. Os órgãos de divulgação de São Paulo ocuparam-se com destaque, não só do manifesto dos comunistas paulistas, como também da conferência pronunciada por Luiz Carlos Prestes.

Porfírio da Paz

Cautou também grande repercussão nos meios políticos e eleitorais da Capital o apoio levado à candidatura do sr. Cantídio Sampaio pelo general Porfírio da Paz. O vice-governador do Estado, em nota distribuída à imprensa, conclamou os trabalhadores e os democratas em geral a sufragarem o nome do candidato do Partido Social Progressista, recordando no comunicado que tal apoio fazia, com a autoridade de quem, em todas as circunstâncias, colocara-se ao lado da classe operária. Tudo indica que o general Porfírio da Paz apoiará para vice-prefeito o nome do advogado Rio Branco Paranhos.

Dissidência trabalhista

Cerca de trezentos elementos do PTB, todos de bairros e vilas, sem lugar nos quadros dirigentes da agremiação manifestaram-se em dissidência, proclamando apoio ao sr. Cantídio Sampaio. Na sua maioria apoiarão a candidatura de Rio Branco Paranhos para vice-prefeito.

Filhos dos outros Estados

Cerca de dois mil cidadãos residentes na Capital lançaram um manifesto anunciando a organização do «União dos Filhos de outros Estados» com o objetivo de trabalhar pela eleição de Cantídio. Além de alguns nomes expressivos das profissões liberais, subscreveram o documento trabalhadores residentes em bairros e vilas afastados do Centro.

Campanha

O candidato Cantídio Sampaio vem visitando diariamente bairros e vilas da Capital levando e seu programa de atividade, se eleito. As reuniões têm sido concorridas, a despeito ainda de posição antidemocrática de elementos da alta direção do PSP que insistem, reacionariamente, na tática do anticomunismo. Nada aprenderam, por exemplo, com o próprio general Porfírio da Paz, cujo apoio dos comunistas ao seu nome no último pleito foi feito ostensivamente, com os resultados conhecidos. Tratam-se, como disse Prestes em sua última conferência em São Paulo, de elementos reacionários que não são capazes de ver para onde o mundo marcha, elementos que não representam o pensamento das bases do PSP, de caráter democrático e habituados à luta, ao lado dos comunistas, pela democracia.

Adhemar de Barros

Reforçando a candidatura do sr. Cantídio Sampaio, entrou na campanha eleitoral o sr. Adhemar de Barros. Com inegável força eleitoral na capital bandeirante, um dos principais redutos do PSP no país, a entrada do sr. Adhemar de Barros mobilizará os setores fiéis ao seu nome em tantos outros pleitos.

Tribuna na Sé

Já está em funcionamento na praça de Sé uma tribuna de dirigentes

Sra. Odete Ribeiro

Os comunistas de Santos pedem divulgar que a senhora Odete Ribeiro, ex-servidora municipal, de há muito não pertence às fileiras dos comunistas, não podendo, portanto, de maneira alguma, falar em nome dos mesmos.

indiciais que apoiam aCandido-Rio Branco Paranhos. Um manifesto com mais de cem assinaturas de dirigentes sindicais apoiando o sr. Rio Branco Paranhos será publicado ainda esta semana. Haverá também um pronunciamento favorável ao sr. Cantídio em outro documento a ser elaborado.

Pânico nas hostes Jânio-CP

Em consequência, revela-se um estado de pânico nas fileiras dos que apoiam Prestes Maia, Emilio Carlos e Farabulini Júnior. O primeiro, bofetado pelos Campos Elísios, procura atrair também para a sua campanha elementos marcadamente jânistas, em meio à contradição momentânea existente entre estes candidatos, porquanto, como assinalou o manifesto dos comunistas, todos eles representam o mesmo sistema de força a serviço do latifúndio e do imperialismo. Os srs. Emilio Carlos e Farabulini Jr. afirmam-se com ênfase candidatos de Jânio, cada qual desmentindo rumores de que seu adversário esteja sendo apoiado pelo presidente da República.

Rio Branco favorito

Se continuar sendo impulsionado nos meios operários e da classe média de São Paulo, o nome do sr. Rio Branco Paranhos será o favorito no dia 26. Tendo a seu favor a estima de milhares de trabalhadores, de intelectuais, o advogado Rio Branco Paranhos não tem quem lhe faça sombra nestas condições. As forças de vanguarda que apoiam o seu nome estão em movimento e, se bem que ainda não decisivamente, para ganhar, já se sente na Cidade a presença do candidato o vice-prefeito, através da propaganda que mal começou ainda. Sem recursos financeiros para competir com os demais candidatos na propaganda de TV, imprensa e rádio, Rio Branco Paranhos está fazendo uma campanha árdua, de manhã à noite, exaustivamente, em todos os pontos da cidade levando a todos o seu propósito de dinamizar o cargo e ser, junto ao Prefeito, o defensor das reivindicações do povo de São Paulo. Os comunistas, que o apoiam com entusiasmo e confiança, intensificarão esta semana e nos últimos dias antes do pleito, seu trabalho de esclarecimento das massas, fater que ele será contribuir para a vitória do candidato da classe operária e seu companheiro de chapa, sr. Cantídio Sampaio.



Sindicato Dos Metalúrgicos de Santo André: Organização a Serviço da Classe Operária

Reportagem de ROLANDO FRATI

Por volta de 1928 foi fundada em Santo André a União Operária, entidade destinada a defender os trabalhadores, numa época em que toda a questão social era encarada pelo governo como uma simples questão de polícia. Operários de diversas categorias, muitos deles de origem europeia, preocupados com os interesses de sua classe lançaram, com a citada organização, as bases do que viria a ser um expressivo movimento, aglutinando hoje milhares de trabalhadores.

A revolução de 1930 trouxe ao operariado de Santo André um grande estímulo. A propaganda revolucionária, tratando com frequência da questão social, agitava a bandeira das reivindicações operárias, embora timidamente, é verdade, mas em grau suficiente para animar a organização dos trabalhadores. Estes passaram da União Operária para a fundação, em 1933, do Sindicato dos Trabalhadores em Oficinas Várias (têxteis, metalúrgicos, construção civil e outros), graças ao esforço então desenvolvido por Marcos Andreotti, Jorge Peloso, Oliveira, Epimaco Fratti e outros militantes do sindicalismo. Não somente a União Operária, como também o Sindicato dos Oficinas Várias, desempenhou papel de destaque nos anos que se seguiram ao da revolução chefiada pelo sr. Getúlio Vargas. Logo tiveram, entre as principais tarefas, a da defesa das liberdades democráticas, contra as violências policiais a serviços dos patrões. Uns e outros, habituados às práticas e à mentalidade dominante em qualquer movimento reivindicatório viam logo o fantasma do comunismo, aplicando aos trabalhadores duras penas. Muitas prisões foram efetuadas na época, sem quebrar porém o espírito de luta e a consciência de classe já em formação. No cumprimento da legislação posta em vigor pelo governo estabelecido em 1930 e decidida em 1934 pelo Parlamento, em 1938 o Sindicato dos Oficinas Várias foi desmembrado, dando lugar a diversos organismos sindicais, entre eles o Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas, depois ampliado com a inclusão dos trabalha-

dores nas indústrias mecânicas e de material elétrico em seus quadros. Na primeira diretoria da entidade vamos encontrar Marcos Andreotti, Antônio Nenes, Euclides, entre tantos antigos e abnegados servidores da classe operária que, através dos anos, alguns já encanecidos, conservam a fibra do passado.

Guerra ao fascismo

A ação militar e política do fascismo no mundo, com tantas repercussões no Brasil, levou mais uma vez à luta os trabalhadores de Santo André. Desde o combate aberto às hordas integralistas, o apoio ao movimento nacional libertador e a organização de amplas atividades reivindicatórias, os trabalhadores foram elevando seu nível de associação, pondo-se assim em condições de participar ativamente da ação política em favor da declaração de guerra ao Eixo e da organização da Força Expedicionária Brasileira. Constituída a FEB, os operários de Santo André, notadamente os metalúrgicos, promoveram, enquanto durou a guerra, movimento de ajuda aos nossos pracinhas, fornecendo-lhes artigos necessários, e o mais importante: garantindo-lhes uma retaguarda sólida, consciente de seu papel nos campos de batalha da Europa. As demais camadas sociais de Santo André, em consequência da atividade desenvolvida pelos operários, foram mobilizadas permanentemente para o esforço de guerra, esforço imprescindível na grande luta dos povos contra o hitlerismo.

Sindicato dos Metalúrgicos

A vitória da democracia na guerra contra o fascismo trouxe ao movimento operário em Santo André um grande desenvolvimento. Vitoriosa mundialmente a classe operária, ampliado consideravelmente o seu campo de influência, esses fatos teriam, como tiveram, reflexos positivos entre os trabalhadores da grande cidade do ABC. E as lutas então travadas por melhores condições de vida, dirigidas por homens preparados, energéticos, firmes e conscientes, con-

tribuíram para o fortalecimento do sindicalismo. O Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Santo André é a expressão do que afirmamos.

Nova sede

Com 7 mil associados, atualmente, o Sindicato prepara-se para inaugurar a nova sede. O que logo impressiona, àqueles que a visitam, é o grande salão para assembleias e outras atividades sociais. Um salão com 450 metros quadrados, capaz de acolher 2 mil trabalhadores sentados, é bem um sinal da perspectiva de organização que tem a atual diretoria da entidade, presidida por Marcos Andreotti. Amplas salas para biblioteca, serviços médicos e odontológicos, cursos, secretaria, diretoria e outros serviços indispensáveis, indicam, por sua vez, a força da entidade. O mês de maio será para o Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André de grande movimentação com o objetivo de projetar mais ainda junto a todo o povo do Município, uma organização que constitui motivo de orgulho para todos os que ali residem e é uma peça importante do movimento sindical brasileiro.

Reivindicações

As vésperas da entrega da nova sede aos associados, a diretoria do Sindicato planejou, com ratificação em assembleia, uma série de atividades no campo das reivindicações. Assim é que se prepara para a luta por 50% de aumento de salário, 240 horas como abono de Natal, abolição do decreto antigreve 9.070, pleno cumprimento da Lei de Previdência, defesa da escola pública e outras também importantes, mas de menor expressão. Para o melhor êxito de seu plano, o Sindicato promove no momento uma campanha de sindicalização, destinada a duplicar o número de associados. Entende a diretoria do Sindicato que antes do término das comemorações do 1º de Maio, atra-

vés de reuniões festivas que se prolongarão por todo aquele mês, deve ser executado, vitoriosamente, o plano de sindicalização. Este plano abrangerá as indústrias Pirelli, General Electric, Fichet, Copaf-Thompson, L.N. Metais Alumínio do Brasil, International, Elevadores Otis, Philips, Polone, Manesmann, Sermar, Arames Cleide, CIMA, Platzer, P. Saby, Lidgerwood, Braibant, Usinas São José, Confab, INA, Forbril, Cia. Paulista de Laminiação e outras.

Segundo a orientação traçada pelo Sindicato, os trabalhadores já sindicalizados dessas empresas deverão realizar amplas reuniões com o propósito de: a) eleger ou reestruturar os conselheiros de fábricas; b) discutir e formular suas reivindicações; c) planejar a forma de fazer vitoriosa a campanha de sindicalização, fazendo constar de seus planos o número dos que deverão ser sindicalizados por semana, a propaganda que deve ser levada a efeito e a hora e dia de comandos às empresas. Além disso, prêmios deverão ser distribuídos àqueles que maior número de novos sindicalizados conseguirem. A própria diretoria do Sindicato distribuirá prêmios: uma caneta Parker Júnior com gravação alusiva ao primeiro colocado; ao segundo colocado uma Consolidação das Leis do Trabalho, encadernada; um romance popular ao terceiro colocado. Os dez melhores ativistas serão, a critério da diretoria, premiados no final da campanha. Terão ainda suas fotografias colocadas na «Galeria dos Beneméritos», a ser inaugurada na sede. E notável o interesse que o plano vem despertando entre os trabalhadores e tudo leva a crer que daqui para o fim de maio o Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André terá nos seus quadros cerca de 15 mil trabalhadores, isto é, representará efetivamente a maioria metalúrgica do Município.

A atual diretoria — programa

A atual diretoria do Sindicato é constituída de Marcos Andreotti, Miguel Gui-

lherme, Filadelpho Braz, Amélio Paulo Tóchio, Onofre Ferreira, Ernesto Carraiz, Adolfo Pires; o Conselho Fiscal é integrado por José Cruz, Firmo Ricardo da Silva e Guerino Finamore. Representam a categoria no Conselho da Federação, Miguel Guilhem, Filadelpho Braz e Augusto Evangelista da Silva.

Esta diretoria foi eleita à base de um amplo programa de reivindicações a saber: Legislação Trabalhista: atualização da C.L.T.; proteção ao trabalho da mulher e do menor; higiene e segurança do trabalho; insalubridade, periculosidade, acidente do trabalho, segurança e proteção; defesa dos operários idosos que não conseguem colocação; fiscalização do trabalho. Do Salário: salário profissional, salário mínimo, salário familiar, abono de natal (240 horas). Lei Orgânica de Previdência Social. Lei de Greve e sua regulamentação. Instalação de um hospital para atender os trabalhadores contribuintes do IAPI.

Dois milhões em assistência

Embora certos de que a assistência aos trabalhadores é função do Estado, segundo preceito constitucional, o Sindicato não se descarta desse aspecto de sua atividade, enquanto desenvolve campanhas no sentido de colocar as coisas em seus devidos lugares. Por ano ele despende a elevada soma de 2 milhões de cruzeiros em assistência, atendendo anualmente a mais de 2 mil casos, de todos os tipos. A assistência médica está a cargo dos drs. Fernando Braga e David Ferman; o dentário, com os drs. João Capp e Ronaldo Benvença e a jurídica com os drs. Martinho Rodrigues, Mário Capp e Luiz Bona Júnior. Além disso, o Sindicato assiste ainda os dependentes dos sócios com mais de seis meses de inscrição no quadro social, por intermédio de um grande número de profissionais. Possui também um serviço de análises clínicas. Em Ubatuba e São Bernardo do Campo, em suas subseções, mantém idênticos serviços assistenciais. Perlo de 30 mil por ano, ou talvez mais, têm sua vida ligada ao Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e Elétricas de Santo André.

dores nas Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e Elétricas de Santo André.

Programa de maio

Para o mês em que se comemora em todo o mundo o dia da classe operária e é recordado o martírio de Saco e Vanzetti, o sindicato elaborou um programa, para cuja execução está apenas aguardando a anuência de várias personalidades políticas brasileiras. Assim, em seu amplo salão da sede da rua Dona Gertrudes de Lima, 202, deverá ser levado a efeito o seguinte programa: dia 1º de maio, com o deputado federal Sérgio Magalhães, sobre «Reivindicações atuais do operariado brasileiro»; dia 6 de maio, conferência do prof. Cesarino Júnior, sobre «Direitos Sociais»; dia 13 de maio, peça teatral a cargo da Frente Negra Brasileira; dia 20 de maio, conferência do ex-senador Luiz Carlos Prestes, sobre a personalidade de Siqueira Campos; dia 27, grande «show» com participação de Silvío Caldas. Depois de cada conferência será realizado um baile que se prolongará até às 4 horas da manhã, além de «shows».

E assim, em rápidos traços, temos a fisionomia de uma organização operária de São Paulo, com grandes serviços prestados aos trabalhadores e à causa do progresso nacional. Escola de líderes, força de trabalhadores conscientes, o Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André, como é geralmente conhecido, é uma instituição merecedora ao respeito do povo daquele município e representa, sem dúvida, uma organização de vanguarda da classe operária, cada vez mais consciente do papel que desempenha nos dias atuais e do de futuro que lhe está reservado na construção da sociedade do futuro, livre da exploração do homem pelo homem, totalmente liberta da opressão e do alheio, plenamente realizada em um mundo do qual a guerra terá sido totalmente abolida: em um mundo em que os homens de todos os países trabalham com o objetivo comum de proporcionar a todos bem estar e cultura.

NA GUATEMALA

Intensificam-se os Preparativos Militares Para Atacar Cuba

(Serviço especial de PRENSA LATINA) — TEGUCIGALPA — (PL) — Cada dia que passa acumulam-se novas provas de que o governo guatemalteco do presidente Miguel Ydigoras Fuentes, em complicidade com a Agência Central de Inteligência dos Es-

LUIS F. PALMERI

tados Unidos persiste em seus propósitos de servir de instrumento para uma agressão armada contra Cuba. Todas as notícias procedentes

da Guatemala, que chegam a esta capital através da férrea censura imposta pelo governo, indicam que a chegada de mercenários, criminosos de guerras e contra-revolucionários cubanos, são acontecimentos diários naquele país. Todas as informações confir-

am igualmente que as atividades nos campos de treinamento estabelecidos em diferentes pontos do país e na famosa base aérea de Retalhuleu, em vez de diminuir, intensificaram-se nas últimas semanas.

Alguns jornais guatemaltecos, alarmados com a situação, arriscaram-se a denunciá-la publicamente para pôr em guarda a nação.

"Está sendo planejada uma invasão de Cuba, pois a concentração de contra-revolucionários cubanos é bastante numerosa", denunciou há poucos dias o diário "Flash de Hoy", ao comentar a chegada na Guatemala do ex-general José Eleuterio Pedraza, um dos piores criminosos de guerra batistas, que figura como "chefe militar do chamado "Exército de Libertação", que tem seus quartéis principais naquele país.

Ydigoras em pé de guerra

Circularam recentemente pela Guatemala, de modo clandestino, é lógico, dois importantes e muito reveladores manifestos: um deles é firmado por um grupo de organizações patrióticas e democráticas que constituem as "Forças Populares Organizadas" e o outro pelo Partido Guatemalteco do Trabalho.

No primeiro se diz que Eisenhower, aproveitando-se da ruína moral e econômica do regime ydigorista, conseguiu estabelecer bases aéreas e de treinamento militar em Retalhuleu e nos centros de Helvetia e Chinajá, para atacar e invadir o território cubano em determinado momento.

"Na primeira semana de janeiro precisamente, acrescenta o documento publicado, fomos informados da chegada de aviões de combate a Retalhuleu, os quais, contando com as reservas perfazem já o número de 20 (ou mais), devidamente equipados no mencionado centro de Helvetia, agora propriedade de Ydigoras".

No segundo são revelados detalhes sensacionais sobre os preparativos bélicos de Ydigoras e seus conselheiros norte-americanos:

1 — Em Helvetia foram treinados seis mil homens. Há cubanos, norte-americanos e de outras nacionalidades entre eles. Estes homens foram transferidos para outros acampamentos do país quando se temeu que fossem descobertos.

2 — As provisões alimentícias para estas forças mercenárias, de criminosos de guerra e contra-revolucionários cubanos são transportadas em aviões norte-americanos que levam os números 9069 e 525.

3 — No acampamento de Helvetia há máquinas de lavar roupa capazes de lavar e secar uma



Armas para a agressão

Vários bombardeiros de procedência norte-americana, como o da foto, diariamente levam voo na base aérea de Retalhuleu para fazer treinamentos de tiro e bombardeio, como parte das instruções para o ataque a Cuba

A base de Retalhuleu, efetivamente, "pode ser considerada, em grande escala, da poderosa base naval norte-americana de San Pedro, localizada nos arredores de Los Angeles, no Estado da Califórnia. Também pode-se realizar rapidamente a mesma operação das instalações militares da zona do Canal do Panamá. Todas estas manobras podem ser feitas longe do Caribe e de Cuba, por meio do Oceano Pacífico. Isto torna Retalhuleu, o lugar ideal para um ataque contra Cuba".

Além disto, o porto de Champerico, no Pacífico, entre a base de San Pedro, na Califórnia e as Instalações do Canal do Panamá, encontra-se ligado a Retalhuleu por meio de uma excelente estrada asfaltada, que pode ser facilmente alargada e de fácil tráfego. Isto transforma Retalhuleu, do ponto-de-vista prático, numa excelente base naval do governo norte-americano na Guatemala.

Anguiano assinalou também que o pretexto de Ydigoras sobre a função da base "é um conto de fadas em que ninguém acreditou" e que "se fosse" para defender o país de um ataque de Cuba, teria sido mais conveniente instalá-la no porto de Zacapa, frente ao Caribe e não em Retalhuleu, "frente ao Pacífico".

Visita de inspeção

Em princípio deste ano rigorosas "convitadas" um grupo de jornalistas nacionais e estrangeiros para que fizessem uma visita à base de Retalhuleu, mas estes não puderam ver o que lhes foi mostrado. Segundo relatos posteriores, as tropas estavam alocadas "nas montanhas" praticando a técnica das "guerrilhas". A maioria dos "instrutores" são estrangeiros, principalmente norte-americanos. No aeroporto de Retalhuleu viram aviões bombardeiros B-26 e "outros aviões militares". Viram fuzis, metralhadoras, bazucas, luzis-metralhadoras e "outras armas".

"Pendurados nas paredes — relata um dos jornalistas — encontram-se quadros com desenhos que mostram aos soldados como prestar assistência a um ferido ou como utilizar as armas, mas a maioria deles e escrita em inglês. Perguntou-se ao Major Valadares a razão deste fato:

— E que temos instrutores norte-americanos e além disto, há alguns entre nós que falam inglês por terem estudado nos Estados Unidos.

Os jornalistas viram também dois destes instrutores estrangeiros, no comando de dois grupos de "soldados". Perguntaram-lhes seus nomes. Um disse simplesmente "Kim" e o outro "James". Pediram-se seus sobrenomes e o segundo respondeu, bruscamente: "Isto é suficiente".

De seu lado, Ydigoras declarou mais tarde a um jornalista cubano contra-revolucionário que fez parte do grupo.

"Para resolver a ameaça fidelista-comunista não é necessário proceder a uma nova reunião dos chanceleres, basta instruir os militares da Junta Inter-Americana de defesa".

Como se vê, os preparativos bélicos para agredir Cuba continuam a ser realizados na Guatemala, sob os auspícios do belicoso presidente Ydigoras e da Agência Central de Inteligência dos Estados Unidos.

Os cubanos naturalmente não desconhecem isso e portanto não suspenderam as medidas de defesa. É óbvio que se Ydigoras agredir Cuba sofrerá uma terrível derrota.



Posição humilhante

O soldado guatemalteco da foto, obrigado a cumprir as ordens do ditador de seu país, presta-se ao triste papel de delatar-se aos pés de um oficial norte-americano para aprender a manejar uma metralhadora leve, calibre 30, um dos muitos tipos de armas fornecidos pelos imperialistas do norte para a tentativa de derrubar a Revolução Cubana



Instrutor é norte-americano

Em Helvetia, funciona um dos principais centros de treinamento para invasão de Cuba pretendida por Ydigoras Fuentes, ditador da Guatemala. Desfazendo qualquer dúvida quanto aos mandantes do plano, os instrutores são, em sua maioria, oficiais norte-americanos, como o da foto, visto quando ensinava o manuseio de explosivos para atos de sabotagem e demolição

Nota Internacional

Chantagem Com a Miséria do Povo

Se alguma dúvida pudesse haver sobre os verdadeiros objetivos da política do novo governo norte-americano em relação aos países latino-americanos e aos seus problemas, a viagem do sr. Berle, primeiro, e agora o tão anunciado e cantado discurso do presidente Kennedy se encarregaram de desfazer. O enviado presidencial deixou bem claro, durante sua curta mas acidentada estada no Brasil, que os Estados Unidos subordinarão todo programa de "auxílio" aos países latino-americanos à aprovação e participação numa ação coletiva de agressão a ser desencadeada contra o povo cubano e seu governo revolucionário legítimo. O presidente, em sua mensagem, não escondeu essa condição essencial.

"Não podemos separar a liberdade política do progresso material... Nossa Aliança para o Progresso é uma aliança de governos livres e deve perseguir o objetivo de suprimir a tirania em um Hemisfério no qual ela não tem lugar... expressamos nossa especial amizade pelo povo cubano..." — esses trechos da mensagem presidencial são significativos e dizem bem do que pretende o sr. Kennedy e os homens do Departamento de Estado com sua política latino-americana.

Embelezando o seu discurso com frases bonitas sobre a liberdade, recorrendo sem o menor pudor aos sagrados princípios que levaram Bolívar, San Martín e Martí a liderar seus povos nas lutas da independência, construindo literariamente mirabolantes imagens de um futuro maravilhoso para os países latino-americanos, o presidente apenas procurou amenizar o que de chantagem é representada, a tentativa de subornar dos governos do lado de cá do Rio Grande para levar a efeito a agressão há muito tempo planejada contra o povo cubano.

O discurso, além desse fato e do palavreado bonito, diferente do utilizado pelos homens do Departamento de Estado durante o governo Eisenhower, e vazia Vazio para os povos latino-americanos, naturalmente. O plano de salvaguarda apresentado com tanta ênfase, de salvação não tem nada de novo e de concreto. De concreto, apenas os "alimentos para a paz", o plano negociado para a agricultura norte-americana colocar os excedentes e a base praga, e o aceno de distribuição daqueles 500 milhões de dólares prometidos durante a reunião de Bogotá, que vem sendo adida em virtude da resistência da maioria dos governos dos países latino-americanos a embarcar na aventura cubana preconizada pelo Departamento de Estado.

Exatamente dentro do esquema que vê os países de língua não inglesa do Continente inteiramente subordinados política e economicamente aos Estados Unidos, o discurso do presidente Kennedy coloca as questões todas e de tal maneira a manter essa situação. O "progresso" será controlado por Washington e na medida em que Washington o desejar; o avanço técnico e cultural será orientado por Estados Unidos; o dinheiro será fornecido pelos Estados Unidos na medida em que aqueles países sejam os favores e vantagens concedidos aos interesses norte-americanos.

Para isso, apenas palavras e um fato: o plano apresentado como "revolucionário" e "restaurador" deixa bem claro que a miséria e a fome serão extirpadas do continente e quando os interesses de alguns países latino-americanos se convencerem de que o "grande perigo" não está na luta pela libertação do jugo do imperialismo mas na penúria na Cuba, não o povo cubano, a fome e a miséria, e não aquilo que os Estados Unidos não querem

Navios de guerra alemães visitam o Rio

Loiros, uniformes brancos adequados ao clima tropical, no barrete as insígnias identificadoras, eles visitaram o Pão de Açúcar, o Corcovado, foram ao Maracanã e ao Pelé. São os marinheiros do «Hipper» e do «Graf Spee», barcos de guerra da nova marinha alemã, herdeiros daqueles que afundaram centenas de navios e mataram milhares de seres humanos, entre os quais brasileiros, nas águas do Atlântico durante os anos trágicos da última guerra. A visita não é agradável para aqueles que viveram e sentiram os horrores praticados pelo nazismo; não é agradável para aqueles que vêem apreensivos o renascimento, na Alemanha Ocidental, de um exército adestrado e comandado por oficiais nazistas, protegidos pelos patronos norte-americanos da guerra fria, e imbuído do espírito revanquista que domina a casta militarista que hoje detém posições predominantes no governo de Bonn. Eles, que já se instalaram na França e na Itália, estiveram no Brasil. Como visitantes, é verdade, mas não daqueles que merecem ser bem recebidos.

Obstrução contra a paz

Os trabalhos da assembleia geral da ONU, reiniciados no dia 9 de março, não apresentaram até agora nenhum progresso no que se refere à solução dos grandes problemas em litígio. As questões do Congo, do Laos, o problema do desarmamento, entre outros, vem sendo objeto de verdadeira obstrução comandada pela delegação norte-americana, interessada em notar a discussão de propostas concretas capazes de por fim à tensão mundial. No que se refere ao problema congolês, a proposta do presidente N'Krumah foi relegada a segundo plano pelos norte-americanos, que esperam uma «evolução» da crise naquele país capaz de favorecer aos interesses dos países colonialistas. A ação da representação norte-americana no organismo internacional, por outro lado, desenvolve-se no sentido de favorecer a discussão de questões de ordem secundária e provocativa (a pretensa «agressão» da China contra o Tibete, o «caso» da Hungria), tendo em vista dificultar o processo das negociações sobre o desarmamento, que pretendem adiar indefinidamente.

Ridícula a versão oficial

Quando a notícia sobre os preparativos bélicos na Guatemala tornou-se de conhecimento geral, o governo de Ydigoras disse que, em Retalhuleu, estavam sendo treinados soldados guatemaltecos "para impedir qualquer ataque procedente de Cuba".

Mas ninguém acreditou na versão. Na própria Guatemala, foi posta no ridículo pelo comentarista Francisco Anguiano, que escreveu no diário "La Hora":

"É absurdo e pueril — disse Anguiano — pretender que uma base militar em Retalhuleu poderia servir para defender o território de Guatemala, no caso de um ataque proveniente de Cuba. Tão absurdo como se os franceses tivessem construído a linha Maginot na fronteira com a Espanha, próximo dos Pirineus, para defender a França de um ataque proveniente da Alemanha".

Segundo este jornalista, que neste ponto está de acordo com os demais — a base de Retalhuleu é uma instalação que se presta muito mais a planos ofensivos que defensivos. A escolha do local deve-se não a considerações relativas à defesa do território nacional, mas às grandes facilidades de manutenção por via marítima desta localização geográfica. Esta retorta é a mais barata e também a mais discreta".

Os Comunistas e o Governo do sr. Jânio Quadros

Os comunistas brasileiros examinaram a situação política, em particular os resultados das eleições presidenciais de outubro de 1960, a constituição do governo do sr. Jânio Quadros e o crescimento das lutas de massas por melhores condições de vida. Tomando por base a orientação política traçada no V Congresso do Partido, confirmada pelos acontecimentos nacionais e internacionais, resolveram definir, através da presente resolução, sua posição no atual momento político.

— I —

A situação atual do Brasil e do mundo apresenta, em seu conjunto, um quadro favorável às forças que lutam pela emancipação nacional, pela democracia e o bem-estar do povo. Sentimos dia após dia a influência cada vez mais vigorosa dos fatores que determinam a direção do desenvolvimento social no mundo de hoje: o fortalecimento acelerado do sistema socialista, a decomposição inevitável do imperialismo, as vitórias dos povos em sua luta libertadora. Na América Latina já se inicia também uma nova etapa histórica: a gloriosa Revolução Cubana repercutiu profundamente em todo o continente, despertando o entusiasmo revolucionário do povo brasileiro, indicando-nos o caminho da liberdade, da independência nacional e do progresso social. Em nosso país, o movimento operário atravessa uma nova fase no processo de seu crescimento e fortalecimento. Com o triunfo da greve da paridade, os trabalhadores deram uma notável demonstração de seu poder e de sua coesão. A intensificação dos movimentos grevistas, o fortalecimento da unidade sindical, as greves dos funcionários públicos e da Força Pública paulistas revelam que as massas estão dispostas a pugnar pela melhoria de suas condições de vida, a defender a liberdade sindical e o direito de greve, a conquistar novos direitos. No curso da campanha eleitoral, elevou-se a consciência antiimperialista do povo brasileiro, as idéias nacionalistas e democráticas impregnaram amplas camadas do eleitorado e foram dados novos passos para a unificação das forças patrióticas.

Embora tenha sido derrotada a candidatura do marechal Lott, o problema da emancipação nacional foi colocado como um dos temas centrais da campanha eleitoral, obrigando com isso o próprio candidato das forças reacionárias e entreguistas, o sr. Jânio Quadros, a comprometer-se com teses nacionalistas e populares para conseguir apoio das massas.

Dentro desse quadro é que devemos situar o resultado das eleições presidenciais de outubro de 1960. A derrota da candidatura do marechal Teixeira Lott e a vitória do sr. Jânio Quadros constituem um revés temporário para as forças nacionalistas e democráticas. Mas a composição de um governo com características pró-imperialistas e reacionárias, como é o governo atual, não pode, por si só, alterar o curso dos acontecimentos e inverter o sentido da marcha da história. Prosseguindo em sua luta com firmeza e decisão, as forças patrióticas e populares poderão impedir qualquer retrocesso reacionário e obter novos e maiores êxitos.

A composição do novo ministério e o discurso em que o presidente Jânio Quadros esboça os rumos de seu governo confirmam a apreciação feita pelos comunistas sobre o caráter da candidatura vitoriosa. Ocupam os postos-chave da administração representantes categorizados das forças mais retrógradas e antinacionais, com as quais o sr. Jânio Quadros se comprometeu na qualidade de candidato. Os Ministérios da Fazenda, da Indústria e Comércio e a presidência do Banco do Brasil estão entregues a partidários declarados da política financeira do Fundo Monetário Internacional, conhecidos por suas ligações com os trustes estrangeiros. Quanto aos nomes indicados para os postos militares, revelam claramente a intenção do sr. Jânio Quadros de colocar nas posições de comando das forças armadas os elementos fasciosos do 24 de agosto e os que tratam de apaziguá-los por meio de concessões.

As linhas mestras da política do novo presidente aparecem ainda mais nitidamente no discurso de 31 de janeiro. Procurando impressionar a opinião pública para justificar uma pretensa política de "austeridade" no terreno econômico-financeiro, disse ele que o povo deve despojar-se dos últimos níqueis para honrar dívidas postas em nome do Brasil. Ao invés de buscar para os problemas financeiros soluções que nos libertem da dominação imperialista e aliviem a dura situação das massas populares, ameaça recorrer a medidas de sentido antinacional e antipopular como a reforma cambial exigida pelo FMI, o congelamento dos salários e vencimentos, a restrição ao crédito para o desenvolvimento industrial, o apelo a novas e maiores inversões de capital monopolista estrangeiro. Daí os seus ataques ao movimento nacionalista, que denomina de "falso nacionalismo" e de

"jacobinismo estreito", numa linguagem que o identifica a entreguistas notórios. A exigência de maiores sacrifícios ao povo está acompanhada de uma clara ameaça de repressão aos movimentos pelas reivindicações populares, sobretudo na que se refere à liberdade sindical e ao direito de greve. Não se deve, por conseguinte, alimentar ilusões em relação à essência da política do sr. Jânio Quadros, quando ele próprio se manifesta disposto a cumprir os compromissos que controlou com as forças ligadas ao imperialismo e ao latifúndio.

Entretanto, começam a manifestar-se as contradições no governo e na política do sr. Jânio Quadros. Com o objetivo de obter o apoio das massas e de setores políticos populares, o atual presidente comprometeu-se, no curso da campanha eleitoral, a realizar certas medidas de cunho progressista, como o retamento de relações diplomáticas com os países socialistas. Os passos iniciais que vem dando nesse sentido tornam patente a contradição entre as forças reacionárias que o apoiaram e predominam em seu governo e as correntes populares que sufragaram seu nome. No seio do governo já se verifica certa resistência a tais medidas de política externa anunciadas pelo sr. Jânio Quadros.

— II —

Os comunistas consideram que, em face da atual situação do País, o objetivo central das lutas do povo brasileiro é a formação de um governo nacionalista e democrático, capaz de imprimir um rumo independente e progressista ao desenvolvimento da Nação. Um governo das forças nacionalistas e democráticas poderá solucionar efetivamente, de acordo com os interesses nacionais, os problemas com que se defronta o Brasil. Esse governo pode ser alcançado como decorrência das lutas de massa pela libertação nacional e pelas reivindicações populares, como resultado de uma mudança na correlação de forças políticas, do isolamento e da derrota dos setores reacionários e entreguistas.

A luta por um governo nacionalista e democrático funde-se, portanto, com a luta por soluções positivas para os problemas do povo. Em cada setor ou local onde atuam, os comunistas deverão ampliar os contactos com os patrióticos e democratas de outras correntes, na finalidade de organizar a ação conjunta pelos objetivos de interesse comum. Em escala nacional, devemos empreender esforços para unificar todas as organizações e setores partidários, todas as organizações de massas e as personalidades que se dispõem a lutar por um programa unitário de caráter patriótico e democrático.

À frente da classe operária e das massas trabalhadoras, os comunistas lutam intransigentemente pela melhoria do nível de vida, por aumento dos salários e vencimentos, contra qualquer medida reacionária que vise ao congelamento dos salários. Cumpra intensificar a luta em torno das resoluções do III Congresso Sindical Nacional, assim como pelas reivindicações contidas no memorial que os líderes sindicais de todo País, reunidos em São Paulo, enviaram ao presidente da República, entre as quais se destacam: a liberdade e a autonomia sindicais, as medidas contra a alta do custo de vida, a reforma da justiça e da legislação do trabalho, a isenção do imposto de renda para os trabalhadores, a regulamentação dos contratos coletivos de trabalho e a escala móvel de salários.

A luta pelo bem-estar do povo exige medidas contra a carestia da vida, no sentido de deter o processo inflacionário em curso no País. São necessárias, de um lado, providências práticas imediatas que reduzam a especulação do grande comércio intermediário, mediante a fixação de preços dos artigos de consumo popular, a organização do abastecimento dos centros urbanos pelo governo federal, dos Estados e dos municípios, o estímulo à produção de subsistência e a prioridade para o transporte de gêneros alimentícios, a ampliação da rede de armazéns e silos, bem como a encampação dos frigoríficos estrangeiros. De outro lado, são indispensáveis medidas cambiais e financeiras de maior profundidade: 1) rigoroso monopólio estatal do câmbio, visando à proteção dos empreendimentos nacionais e à ampliação da receita de divisas, com prioridade absoluta para as importações essenciais; 2) estabilização dos preços-ouro dos nossos produtos de exportação, mediante uma política independente de comércio exterior e a conquista de novos mercados, sobretudo nos países socialistas; 3) restrição rigorosa da remessa de lucros, royalties e juros, assim como do retorno do capital estrangeiro, subordinando-os às necessidades do País; 4) planificação efetiva do crédito, de maneira a favorecer com prioridade as atividades produtivas essenciais e eliminar as meramente especulativas.

Para enfrentar os déficits orçamentários sem maiores emissões de papel-moe-

da, sem novos apelos a empréstimos do Estado, sem aumento dos impostos indiretos que recaem sobre as massas e sem medidas que afetem as despesas públicas indispensáveis, é imprescindível orientar a política tributária no sentido da criação de novos impostos diretos e progressivos sobre os lucros extraordinários. Em oposição à política reacionária do FMI, que tem em mira descarregar nos costas dos trabalhadores as dificuldades econômicas e financeiras, devemos lutar por uma política orientada no sentido de que paguem os monopólios internacionais, os grandes capitalistas e os latifundiários, que são os beneficiados pela inflação, e não os pobres e explorados.

Ao mesmo tempo que devemos intensificar a vigilância em defesa do monopólio estatal do petróleo, encarnado na Petrobrás, é chegada o momento de mobilizar o povo brasileiro para exigir a extensão desse monopólio à distribuição em grão dos derivados de petróleo, à aquisição de óleo bruto e aos ramos fundamentais da indústria petroquímica. A consolidação do monopólio estatal impõe a completa nacionalização das refinarias, a começar pela encampação de Capuava. De outro lado, cumpre impulsionar a luta pelo tombamento e a encampação das subsidiárias da «Brazilian Traction» e da «Bond and Share». É necessário exigir o rápido andamento, no Congresso, dos projetos de caráter antiimperialista como o que cria a Eletrobrás, o que nacionaliza os bancos de depósito e o que estabelece rigorosa restrição à remessa de lucros, royalties e juros e ao retorno do capital estrangeiro. Urge mudar radicalmente os rumos da industrialização do País, impedindo o contínuo processo da desmacionalização de nossa indústria, resultante do regime da instrução 113, dos esquemas entreguistas do GEIA e do GEICON e de outros privilégios concedidos ao capital monopolista internacional.

O desenvolvimento econômico das regiões mais atrasadas do País merece particular atenção e constitui elemento importante para a mobilização de amplas camadas da população na luta por um programa nacionalista e democrático. No que se refere ao Nordeste, é urgente a aprovação, pelo Congresso Nacional, da lei de irrigação e do plano diretor de desenvolvimento, apresentados pela SUDENE, devendo tais projetos ser melhorados no seu conteúdo o fim de que atendam às necessidades das massas.

Os interesses nacionais exigem uma política exterior independente, de amizade e cooperação com todos os povos. Reclamamos não apenas o retamento de relações com a União Soviética, a China e outros países socialistas, mas medidas efetivas que libertem nossa política externa da dependência às injunções do Departamento de Estado norte-americano. Devemos pugnar pela revogação dos acordos lesivos que nos foram impostos pelo imperialismo norte-americano, pela aceitação de ajuda técnica e econômica de qualquer procedência, em condições favoráveis ao nosso País e sem condições políticas. Exigir que nossos representantes na ONU e em outras organizações internacionais atuem de acordo com os interesses do Brasil, apoiem as propostas favoráveis à paz mundial, formem ao lado dos povos subdesenvolvidos na luta contra o imperialismo. Reclamar a imediata retirada dos militares brasileiros destacados nos contingentes da ONU que intervêm no Congo, a serviço dos interesses colonialistas. Urge combater a política de submissão à Washington praticada pela OEA e exigir do governo brasileiro que modifique sua posição naquela organização. Alertamos o povo brasileiro em face da próxima Conferência Pan-Americana, nova ameaça de intervenção dos Estados Unidos nos assuntos internos de Cuba e da América Latina. É necessário que o Brasil assumira a defesa do povo de Cuba contra os atentados por parte dos imperialistas ianques e seus servidores no continente.

A situação mundial impõe ao povo brasileiro, como a todos os povos do mundo, o dever de intensificar a luta pela preservação da paz, de apoiar as propostas de desarmamento geral feitas na ONU pelo governo soviético, assim como todas as iniciativas que objetivem impedir uma nova guerra mundial, ou as guerras locais desencadeadas pelos imperialistas. Devemos lutar pelo término da guerra da Argélia com a concessão da independência completa ao heróico povo argelino. Consideramos a luta pela paz tarefa primordial, que permite unificar na ação as mais amplas forças sociais. Nas condições do Brasil, o movimento pela paz deve ser impulsionado em ligação com a luta patriótica pela mudança da política exterior, pela denúncia do acordo militar Brasil-Estados Unidos e do ajuste de cessão de Fernando de Noronha, pela diminuição das despesas militares.

Lutamos à frente das massas camponesas por uma reforma agrária que tenha como objetivo a eliminação do latifúndio e das formas de exploração

pre-capitalistas. A fim de abrir caminho para esta transformação profunda da estrutura agrária, devemos mobilizar os camponeses na luta por medidas parciais como a desapropriação de grandes propriedades incultas ou pouco cultivadas, com base no preço da terra registrado para fins fiscais, e loteamento dos terras entre pequenos agricultores; por um forte aumento da carga tributária sobre as grandes propriedades; pela utilização das terras do Estado para formar núcleos de economia camponesa, etc. Em alguns projetos de reforma agrária existentes no Congresso Nacional, há idéias que podem ser utilizadas na luta por uma lei agrária progressista. Devemos concentrar nossos esforços na organização e esclarecimento da massa de trabalhadores agrícolas, ajudando-os a formar sindicatos, a travar a luta pelo pagamento do salário mínimo e aumento de salários, pela garantia dos direitos que lhes são assegurados na legislação trabalhista, pela conquista de novos direitos. Cumpre organizar as massas de arrendatários e parceiros na luta pela regulamentação legal dos contratos, visando a baixa das taxas de arrendamento e parceria e outras reivindicações. Junta aos pequenos e médios agricultores, devemos lutar pela fixação de preços mínimos compensadores para os seus produtos, por crédito barato e fácil. Exige particular atenção a luta dos posseiros em defesa da terra que ocupam, luta que se estende por várias regiões do País e assume por vezes o caráter de movimentos armados pela posse da terra. É necessário exigir do governo a entrega de títulos legais de posse e a garantia dos posseiros contra a grilagem.

Os comunistas chamam todos os cidadãos a defender firmemente a Constituição democrática, cada direito inscrito na Constituição, e lutarão contra qualquer tentativa reacionária de violação da legalidade. Reclamamos a completa legalidade do Partido Comunista do Brasil, medida indispensável para a consolidação da democracia no País, exigência inadiável da consciência democrática da Nação. Temos a convicção de que, nas condições atuais, é possível não somente defender vitoriosamente as conquistas democráticas do povo, mas ainda obter novos direitos através da luta de massas, conseguir a revogação de leis e dispositivos reacionários como o decreto 9.070, o artigo 58 da lei eleitoral e a lei de segurança nacional.

— III —

Em face dos compromissos do atual presidente da República com as forças pró-imperialistas e reacionárias, alertamos as massas populares, todas as forças nacionalistas e democráticas, para que se mantenham vigilantes, defendam intransigentemente suas conquistas e intensifiquem suas lutas contra quaisquer medidas do governo contrárias aos interesses nacionais. Em especial, é necessário defender passo a passo, de maneira enérgica e decidida, as liberdades democráticas e os direitos constitucionais, a liberdade sindical e o direito de greve, postos em causa no pronunciamento presidencial. Estaremos à frente das massas para mobilizá-las, organizá-las e dirigí-las na mais firme e decidida oposição a uma política reacionária.

As verdadeiras intenções do sr. Jânio Quadros, que pretende descarregar sobre os ombros dos trabalhadores os sacrifícios decorrentes de sua chamada política de "austeridade", começam a manifestar-se com o injusto e desumano decreto que aumenta o horário dos funcionários públicos, rebaixando desse modo os seus vencimentos, impedindo-os de manter uma ocupação complementar e retirando-lhes a conquista de 6 horas de trabalho, alcançada há muitos anos. É necessário intensificar a luta de massas dos servidores públicos pela revogação da medida presidencial.

Enveredando pelo caminho que traçou no seu discurso de posse, o sr. Jânio Quadros não poderá solucionar os problemas que afligem o País, mas, ao contrário, contribuirá para agravá-los ainda mais e terá que enfrentar a oposição crescente do povo brasileiro. Na situação atual do Brasil e do mundo, as forças nacionalistas e democráticas dispõem de condições favoráveis para impedir que o novo presidente realize o programa reacionário e entreguista dos grupos que o apoiaram e compõem seu governo. Para isto é indispensável, no entanto, que se unam, se organizem e

apoiem firme resistência aos atos antinacionais e antipopulares que o governo ameaça pôr em prática.

O agrupamento das forças mais caracterizadamente entreguistas em torno do governo do sr. Jânio Quadros acentua o processo de polarização de forças e permite a ampliação e o fortalecimento da frente nacionalista e democrática. Em face da composição do ministério e dos primeiros pronunciamentos reacionários do chefe do Executivo, importantes setores da população começam a manifestar seu descontentamento e sua disposição de luta. Além do movimento nacionalista, das organizações sindicais e estudantis, também entre a oficialidade patriótica das forças armadas, no parlamento e nos partidos políticos há forças ponderáveis capazes de engressar as fileiras da luta contra o entreguismo. Nosso Partido pode e deve desempenhar importante papel no agrupamento dessas forças, inclusive daqueles correntes políticas mais ligadas às massas e que têm maiores possibilidades de combater a política anunciada pelo sr. Jânio Quadros — o PTB, o PSB, o PSP e as alas nacionalistas de outros partidos. A fim de mobilizar essas forças, é necessário formular soluções nacionalistas e democráticas para os problemas brasileiros e lutar firmemente pela sua realização.

Com o objetivo de manter sua influência sobre os setores populares que nele votaram, o sr. Jânio Quadros anuncia certas medidas parciais como o estabelecimento de relações com os países socialistas e a aproximação com os países neutralistas. Qualquer passo concreto nessa direção representa uma atitude de caráter positivo em nossa política exterior. Devemos, pois, intensificar a ação de massas, exigindo a concretização de tais medidas, objetivando dar-lhes a necessária consequência e relacionando-as com as demais soluções positivas contidas em nosso programa. Entretanto, a política que o presidente anunciou em seu discurso de posse é, em essência, uma política de concessões aos imperialistas e às forças reacionárias. Não somente para os comunistas, mas para todas as forças nacionalistas e populares, constitui um dever a luta no sentido de revelar a essência dessa política e a ela contrapor uma política verdadeiramente patriótica e democrática, que contenha as soluções básicas para os problemas do País e as reformas profundas a que aspira nosso povo. Este será igualmente o caminho para unir, acima das preferências manifestadas nos urnas, as massas que votaram no sr. Jânio Quadros e as que sufragaram o candidato vencido, com o objetivo de exercer pressão sobre o novo governo e dele exigir o cumprimento das promessas de caráter nacionalista e democrático feitas durante a campanha eleitoral.

A luta de massas é o fator decisivo não só para defender as conquistas já alcançadas pelo povo brasileiro como para obter novos êxitos em favor da causa da emancipação nacional, da democracia e do bem-estar do povo e avançar no sentido da conquista de um governo nacionalista e democrático — tarefa central da classe operária e dos comunistas, aspiração de todas as forças patrióticas.

— IV —

A fim de cumprir sua missão à frente da luta de massas e contribuir para o fortalecimento da união das forças nacionalistas e democráticas, é necessário que os comunistas fortaleçam suas fileiras e se empenhem na melhor assimilação da linha política exposta na Resolução do V Congresso do PCB, assim como na luta intransigente por sua aplicação.

Uma compreensão acertada da linha política é indispensável ao combate que precisamos travar em nossas fileiras contra qualquer tendência à passividade, à acomodação e ao conformismo. A mobilização das massas exige dos comunistas uma atuação de vanguarda, a

capacidade de desencadear ações com plena iniciativa. Nossa orientação política é justa e traduz os interesses das massas, mesmo quando seja difícil, de início, movimentá-las plenamente para a ação. Cumpra-nos, portanto, não só estimular a atividade dos comunistas no seio das massas, mas também planificá-la no âmbito nacional e em cada organização partidária.

Ao mesmo tempo que devemos prosseguir no combate ao sectarismo, devemos ainda persistente à ligação do Partido com as massas, é chegada o momento de intensificarmos as nossas atividades de luta contra o espontaneísmo e as manifestações de liberalismo, que tantos males vêm causando à atividade prática dos comunistas. A eficiência de nossa atuação está na dependência de uma melhor concentração de esforços, portanto, da planificação do trabalho e do controle de sua realização. É indispensável estimular a iniciativa dos organismos inferiores e de cada militante, o que exige, antes de tudo, a elevação do nível político e ideológico de todo o Partido, principalmente através da melhor compreensão de sua orientação política. As iniciativas de baixo serão úteis e medidas em que contribuam para a concentração dos esforços de todo o Partido, se forem orientadas no sentido da realização das tarefas mais importantes de cada movimento, tarefas que são determinadas pelo centro dirigente de cada organização, a partir do centro superior de âmbito nacional, através de planos e diretivos elaborados em tempo oportuno.

Na planificação de nossa atividade precisamos dar agora uma particular atenção à educação dos dirigentes e militantes comunistas, à elevação do nível político e ideológico. É necessário fazer de cada comunista um militante ativo da causa revolucionária, um pensador consciente do marxismo-leninismo e melhor conhecedor da linha do Partido e de seus Estatutos, de maneira que esteja sempre em condições de empregar nossa orientação às massas e conduzi-las na luta.

Com objetivo de levar ao povo e divulgar a nossa Plataforma, explicar a posição dos comunistas em face dos problemas do País e difundir amplamente as idéias vitoriosas do socialismo, urge ampliar os nossos meios de propaganda, melhorar a nossa imprensa e estender sua circulação.

Devemos ter a preocupação fundamental de superar o atraso em que nos encontramos quanto ao trabalho no campo, enraizando o Partido no interior do País junto às massas camponesas e aos assalariados agrícolas, a fim de ganhá-los para a influência da classe operária.

A maior atenção deve ser dada às próximas eleições municipais e às eleições de todo o País e diversos governos estaduais em outubro de 1962. Com base na experiência adquirida nos últimos pleitos, devemos zelar oportunamente do alistamento eleitoral e da intensificação da atividade de massas daqueles companheiros que tentamos indicar aos postos eletivos.

Nosso Partido é o porta-bandeira da causa do socialismo, hoje triunfante em grande parte do mundo. Devemos ter plena consciência da invencível força que representam os povos quando se mobilizam para lutar contra o imperialismo e pelo progresso social. Unidos e organizando o povo brasileiro na luta por suas aspirações, podemos estar certos de que ele derrotará as forças reacionárias que se opõem ao progresso do País e avançará no caminho da completa emancipação nacional e da conquista de um governo nacionalista e democrático.

Rio, 10 de março de 1961.

NOVOS RUMOS

I - A União

Daqui do Recife, do Pernambuco, o bozo das Ligas Camponesas ou te manda esta carta, camponês do Brasil, na esperança de que ela chegará à tua casa.

Tu és com os teus irmãos de quase todo o Brasil. És tu quem matas a nossa fome. És tu quem matas a nossa sede. És tu quem matas a nossa dor. És tu quem matas a nossa tristeza. És tu quem matas a nossa esperança. És tu quem matas a nossa vida. És tu quem matas a nossa liberdade. És tu quem matas a nossa justiça. És tu quem matas a nossa dignidade. És tu quem matas a nossa honra. És tu quem matas a nossa paz. És tu quem matas a nossa felicidade. És tu quem matas a nossa esperança. És tu quem matas a nossa vida. És tu quem matas a nossa liberdade. És tu quem matas a nossa justiça. És tu quem matas a nossa dignidade. És tu quem matas a nossa honra. És tu quem matas a nossa paz. És tu quem matas a nossa felicidade.

Esta carta, camponês do Brasil, há de chegar à tua mão. Ainda que te encontres perdido nas selvas do Amazonas. Ou debaixo dos bambuzais do Maranhão. Ou das carnaúbas do Ceará. Ou das canaviais do Nordeste. Ou à sombra das cacaus da Bahia. Ou dos canaviais do Nordeste. Ou à sombra dos cacaus da Bahia. E dos cafés do Sul. Ou dos arrozais de S. Francisco. E na região da erva-mate. E das pampas. Ou onde se haja carraço e espinho. Com o teu irmão vestido de couro. E o outro de machado ou tição de fogo na mão lutando contra a floresta para ganhar a terra. Ou com o papo-amarelo lutando contra o grileiro para defender a terra. No Estado do Rio. No Paraná. Em Goiás. No Maranhão. Ao longo das estradas abertas sobre o peito de Brasil. Por toda parte onde tu gimes, noite e dia, no cabo da enxada, de machado, da foice, do facão e do arado.

Esta carta, camponês do Brasil, que te escreve do Recife, do quartel geral das Ligas Camponesas, aponta os caminhos por onde deves seguir em busca da tua liberdade.

Diga-te que a viagem é penosa e

cheia de ciladas, mas a tua vitória é tão certa como o nascer do sol todas as manhãs. O latifúndio é cruel. Escora-se na polícia. E no capanga. Elege os teus piores inimigos. Para ganhar o teu voto usa das receitas: a violência ou a astúcia. Com a astúcia ele te engana. A violência é o capanga. E a polícia. E a ameaça de te jogar fora da terra. De te pôr a casa abaixo. De te arrancar a lavoura. De te matar de fome. De te chamar de comunista. E dizer que Deus te castiga. Como se pudesse haver maior castigo do que esse em que tu vives. Acorrentado ao latifúndio. Em nome de uma liberdade que não é a tua liberdade. E de um Deus que não é o teu Deus.

A astúcia é de tomar por compadre. E' entrar na tua casa mansinho como um cordeiro. Com a garra escondida. Com o veneno guardado. E' te aferecer um frasco de remédio. E o «jeep» para te levar a mulher no hospital. E um pedaço de dinheiro por empréstimo. Ou uma ordem para o fiado no barracão. E' te apanhar desprevenido, quando chega a eleição para te dizer: «Compadre, prepara o título. Se o meu candidato ganhar, a «coisa muda». E quando o candidato ganha a coisa não muda. E se muda é para pior. O latifúndio incha de gordo. Tu inchas de fome. Vão-se os anos. Passam os séculos. Escuta o que te digo: Quem precisa de mudar, camponês, és tu. Mas tu só mudarás se matares o medo. E só há um remédio para matar o medo: é a união. Com um dedo tu não podes tomar a enxada, o machado, a foice ou o arado. Nem com a mão aberta porque os dedos estão separados. Tens de fechar a mão porque os dedos se unem. A Liga é a mão fechada porque é a união de todos os teus irmãos. Sózinho tu és um pingo d'água. Unido ao teu irmão, tu és uma cachoeira. A união faz a força. E' o feixe de varas. E' o rio crescendo. E' o povo marchando. E' o capanga fugindo. E' a polícia apeada. E' a justiça nascendo. E' a liberdade chegando. Com a Liga nos braços. E o Sindicato nas mãos.

II - Os Caminhos

Muitos são os caminhos que te levarão à liberdade. Liberdade quer dizer terra. Quer dizer pão. Quer dizer casa. Quer dizer remédio. Quer dizer escola. Quer dizer paz. Eu te apontarei esses caminhos. Mas eu te digo e repito: não adianta a viagem se tu fôres sózinho. Convida teu irmão sem terra ou de pouca terra. E pede que ele convide outro. No começo serão dois. Depois, dez. Depois, cem. Depois, mil. E no fim serão todos. Marchando unidos. Como unidos vão à feira, à festa, à missa, ao culto, ao enterro, à eleição. Digo e repito: a união é a mãe da liberdade. São muitos os caminhos por onde poderás viajar com os teus irmãos. Eles co-

mecam em lugares diferentes mas vão todos para o mesmo lugar. Que caminhos são esses? Esses caminhos são: 1) A democracia para o camponês. 2) O Sindicato para o camponês. 3) A Cooperativa para o camponês. 4) Uma Lei justa e humana para o camponês. 5) E o voto para o analfabeto.

Eu te explicarei tudo isso trocando em miúdiño. Tenho a esperança de acender uma luz no teu espírito. De espantar o morcego que mora dentro d'ela chupando a tua coragem. Esse morcego é o medo. Essa luz, amanhã, crescerá como uma fogueira. E depois, como um incêndio.

III - A Liga

Vamos pelo primeiro caminho. Que quer dizer a democracia para o camponês? Eu te explico. E' tirar o soldado de tua porta. E' desarmar o capanga. Porque as tuas questões devem ser resolvidas na justiça. E nunca pela polícia. E muito menos pelo capanga. Pois a polícia e o capanga esmagam a tua liberdade. E' acabar com o regime do cambão. Esse cambão existe por todo o Brasil. Mesmo em um Estado como São Paulo, nesse vagão de ouro, que os outros Estados, como locomotivos sem força, empurrem para a frente.

O Cambão é o dia de graça e a seca que tu dás ao dono da terra além de pagares o fôro ou a renda. Tem muitos séculos de vida. Nasceu com o servidão. E continua montada no teu lombo. Mudando de nome. E até sem nome. Aparecendo em contrato. E no livro do tabelião. E' acabar com o regime da meia e da terça. Que é a meia? Que é a terça? Os nomes estão dizendo. E' dar ao dono da terra a metade ou a terça parte da lavoura que tu plantas, tratos e colhes, em pagamento da renda. Não

há furto maior do trabalho alheio. E' acabar com o vale-de-barracão. Que é o vale-de-barracão? E' um papelzinho que corre como moeda nas grandes fazendas, usinas e engenhos. Não para te beneficiar, mas para te escravizar ainda mais ao latifúndio. Forçando-te a comprar mais caro o bagaço que a Cidade não quer. E' acabar com o dia de 10 e 12 horas de trabalho. Com o vazio de mais de dois metros e vinte centímetros e o pulo que ainda se dá furfutando na medição da conta. E' lutar contra o aumento de fôro, que de um ano para o outro, passa de 2 para 4 e de 5 para 10. E' acabar com toda e qualquer forma de sujeição, de servidão, de escravidão. Por isso é que a Liga existe. E é para isso que tu deves entrar na Liga. Lutar pela Liga. Porque a Liga é a cachoeira. E' o feixe de varas. E' a união. E a união, digo e repito, é a mãe da liberdade. Quem for foreiro, parceiro, posseiro ou pequeno dono de terra deve entrar na Liga. E marchar com ela. Porque ela é o guia que te ensina o caminho da liberdade.

IV - O Sindicato

O outro caminho é o sindicato rural. Que é isso? Eu te explico. Quando tu não és foreiro nem posseiro, tu és eiteiro. Alugas o teu braço. A tua vida é ainda mais dura. Não tens direito a nada. És ave de arribação. Hoje no norte. Amanhã, no sul. Trabalhas de sol

a sol. E de domingo a domingo. Morres antes do tempo. De fome. Cansado. Roido pelos vermes. Tua carta de ABC é a enxada. Teu repouso é o chão de hospital. Teu «instituto» é a cadeia. Tua aposentadoria é o cemitério. Entra governo e sai governo e a tua sorte não muda. Não te sobra tempo para nada.



NOVOS RUMOS PUBLICA EM PRIMEIRA MÃO

Carta de Alforria do Camponês

Deputado FRANCISCO JULIAO

Presidente de Monra das Ligas Camponesas

O salário não dá. E a fome não deixa. És escravo de dia. És escravo de noite. Acordado, és escravo. És escravo dormindo. O teu filho é o pasto da fome. E quando morre já nem te causa dor. Porque o teu coração não é mais coração. E' um calo no peito. O teu caminho é o Sindicato. O operário já tem. Mas tu ainda não tens. E quando tens não voga. Porque o latifúndio não quer. E o Governo não deixa. Quando se fundam os latifúndios mostra os dentes. Põe a polícia junto. Amedronta o padre. Porque para o padre, Sindicato Rural é comunismo. Salva-se um ao outro. Para o padre só voga o Circulo Operário Católico. Mas o Circulo não luta pela tua liberdade. Se te acende uma velinha tem um maço guardado para o latifúndio. As vezes a polícia se encolhe. E o padre perde o medo e fica contigo. Surge, então, a barreira maior: O Ministério do Trabalho. O

tempo se fecha. Há sempre um deputado ou um senador no partido do Ministro. E' um espólio do latifúndio. Eleito com o teu voto. Toma nota. A conversa dura horas. Há comeres e bebes. Depois o Ministro vai à casa do deputado ou do senador. Novos comeres e bebes. E o Sindicato não sai. E não saindo o Sindicato não sai o salário-mínimo. Nem as horas extraordinárias de trabalho. Nem o repouso semanal remunerado. Está explicado tudo. O Sindicato só sai se tu te unires ao teu irmão. Se aprenderes a votar. Ou se fizeres a greve. Largando a enxada. Arriando a foice. Deixando o trabalho. Marchando para a cidade. Cem. Mil. Dez mil. Todos. Gritando para o Juiz, o Prefeito, o Delegado, o Padre: QUEREMOS O SINDICATO. Esta é a receita para ganhares o Sindicato. E o Sindicato é o guia que te ensina o caminho da liberdade.

V - A Cooperativa

Mostrarei, agora, o terceiro caminho. E' a cooperativa. Que é isso? Eu te explico. Cooperativa quer dizer: um por todos e todos por um. Para que serve? Serve para o foreiro. Para o posseiro. Para o pequeno proprietário. E para o médio também. Na luta contra o latifúndio. Contra o atravessador. Contra o isolamento. Vou te dar um exemplo. Em um município há quinhentos (500) proprietários de cem (100) quadros de terra por baixo. São os médios proprietários. Há 1.000 proprietários de 20 quadros por baixo. São os pequenos proprietários. Há 5.000 foreiros ou rendeiros. Todos se juntam, os médios e os pequenos proprietários com os foreiros. E fundam uma cooperativa. Há uma lei mostrando como se faz. Com a cooperativa tu defendes do latifúndio que vive com o olho no teu pedaço de terra, na tua bola de algodão, de arroz, de banana ou de café. Como sócio da Cooperativa tu pagas uma men-

solidade que a tua bolsa não sente. E isso serve para muita coisa. Para te libertares das garras do agiota que te empresta 100 por 200. Do atravessador que compra o teu produto pelo preço que bem quer e finda enriquecendo com o teu suor. A cooperativa pode comprar o caminho para levar o teu produto à cidade cobrando um frete barato. E te fornecer os instrumentos agrícolas, o adubo, a semente, o inseticida, por um preço que tu nunca encontrarás no mercado. A cooperativa terá o agrônomo para te ensinar como a terra produz mais. E o médico para te curar. E o advogado para te defender. E o professor para educar os teus filhos. A cooperativa acaba com o teu isolamento e te oferece uma vida nova. A cooperativa é a união. Todos por um e um por todos. E a união, digo e repito, é a mãe da liberdade. A cooperativa é, portanto, bom caminho.

VI - Uma Lei Humana e Justa

Falarei, também, de uma lei humana e justa para o campo. Lei civil para ti, se és posseiro ou rendeiro. Lei trabalhista, se és eiteiro, se alugas o teu braço. Tudo está ainda por se fazer. Há séculos que é assim. Já se gritou de mais. E nada. E' que o grilo veio de cima. De bem poucas vozes. Não abala o latifúndio, que é surdo e tem o coração de pedra. E' preciso que o clamor venha de baixo. De ti. Com todos os teus irmãos. Gritando e marchando. «Abaixo o latifúndio! Abaixo a tirania! Viva a reforma agrária! Viva a liberdade!». Todos os ouvidos escutarão esse clamor se vem da massa. Tu és a massa. E o coração do latifúndio que é de pedra se derrete como gelo. Porque o clamor da massa tem o calor do fogo. E a força da água. É o estrondo do cachoeira. Há necessidade de uma lei que defenda o posseiro contra o grileiro. Aquêlle que chegou primeiro, que pôs a mata abaixo, enfrentou a malícia, o béri-béri, a cobra venenosa, o isolamento, a fome, e fez a sua casa, plantou sua lavoura, multiplicou os filhos, tem um direito sagrado a terra que conquistou com a sua coragem. O que vem depois, de mãos finas, de anel no dedo, de ciente de ouro, de roupa de linho, com o título estalando de novo, fabricado sobre o Diabo como, não passa de um saltador, de um ladrão. E' o grileiro. Quem o protege é pior do que ele. Entre os dois quem deve ficar? És tu, posseiro, que conquistastes a terra com a tua coragem, regando-a com o teu suor, ensopando-a com as tuas lágrimas e com o teu sangue quando chega o jagunço, o capanga do grileiro, ou a polícia embaldada de todos os maíes lupiões que há pelo Brasil para te expulsar sob o pretexto de que cumpre a lei. Que se apague, de uma vez para sempre, essa mancha. O posseiro deve ficar sempre na terra. O grileiro nunca, ainda que o seu título de propriedade venha enfeitado de selo como uma boneca. Enquanto não chega para o posseiro a lei que se lhe dê o papo-amarelo e o cunhete de balas. Que Democracia é essa que assiste, posseiro, o teu assassinato frio, que vê o teu sangue ensopando a terra que tu conquistaste com o teu machado. O não vai em teu socorro? Essa Democracia ainda não é a tua. E' do grileiro. Quantos rios de sangue ainda correrão por esse Brasil imenso até que a Democracia reconheça que nenhum título de grileiro deve prevalecer sobre o teu título que é a tua própria vida? Da tua união dependerá a lei porque da tua união dependerá a Democracia. E' preciso, pois, que te unas, posseiro, como o cimento ao aço, para que a Democracia sinta a tua força e a lei se faça em teu favor.

E tu, rendeiro, parceiro, ou meeiro, também não tens ainda uma lei que te proteja da ganância do dono da terra. A lei de inquilinato favorece o homem da cidade, que mora na casa alheia.

VII - O Voto Para o Analfabeto

Falarei, finalmente, do voto para o analfabeto. O Brasil tem 70 milhões de habitantes. E somente 15 milhões de eleitores. Se o analfabeto votasse metade do povo brasileiro votaria. Seriam 35 milhões de eleitores. Não há injustiça maior do que essa de se negar o voto ao analfabeto, se ele paga imposto e carrega o país nas costas. Porque o analfabeto não vota? Porque o latifúndio não quer. Está na Constituição. Por isso a nossa Democracia é capanga. Não é o Governo do povo pelo povo. Porque o povo é a maioria e a maioria não vota. E' preciso emendar a Constituição e arrancar o voto para o analfabeto. Com a pressão da massa. Do camponês e do operário. De cada cem camponês somente cinco assinam o nome. E um ou outro sabe ler. Com o operário já não é tanto. Se o país não tem escola para te ensinar, camponês, a culpa não é tua. E se a culpa não é tua o país não te pode negar o título de eleitor. Tu deves clamar na tua Liga, no teu Sindicato, por toda parte, para que a Constituição seja emendada e tu possas votar como analfabeto. Em outros países isso já acontece. Há muitas maneiras de colher o teu voto. Com esse voto tu mudarias a face do Parlamento. E os projetos de leis que lá existem em teu favor seriam aprovados. Com o teu voto o latifúndio perderia o espólio. De galdo de briga passaria o ser capão. Com o teu voto tu farias nascer escolas por toda a parte. Para ensinar os teus filhos. E tu também aprenderes a ler. Com o teu voto viria uma lei humana e justa para o campo. O Sindicato tu-

ra não vota ainda em teu socorro. Porque a maioria do Parlamento está comprometida até o gogo com o latifúndio. Quem não tem terra e testa-de-ferro de quem a tem.

Não há punição para aquêlle que de um ano para o outro dobra o teu fôro. Ou te obriga a dar o cambão. Ou toma a metade ou a terça parte da tua lavoura. Ou te arrende um quadro de terra por 150 quilos de algodão. Ou põe o gado no teu rãcão antes de tempo. E ainda te afronta com o capanga. E te derrua a casa. E te arranca a lavoura. Ou te assassina. Não há punição para o latifúndio. Ele vive sôto como o tigre. De dentes sempre aguçados para ti. Pronto a dar o bote. Devarando o teu trabalho. E o Parlamento que faz? Deixa que o tempo passe. Ignora a tua existência de escravo. Volta os vistes para fora e bate palmas aos outros povos que fizeram a reforma agrária. Se alguém se levanta dentro d'ela para clamar sua voz se perde no silêncio. Há muitos projetos de leis em teu favor. Desde 1945. Mais de duzentos. E não passa um pelo amor de Deus. Porque? Porque tu não estás ainda unido e organizado como o operário, o estudante, o militar, e funcionário público. Porque ainda não aprendeste a marchar do campo para a cidade. Como fazes quando a seca chega na seião e a fome e a sede te expulsam da terra. Porque ainda não usaste da grande arma da classe operária — a greve. Deixando a cidade sem feira. Parando o trabalho no campo. Não comprando nas lojas dos inimigos da Liga e do Sindicato. E para ti, eiteiro, trabalhador braçal, assalariado agrícola, a situação ainda é mais dura. Não te pagam o salário mínimo. A moeda que te dão é o vale de barracão. O remédio que tu conheces é a chá de fedegoso, ou a garrafada (fita de cachaca e raiz de pau. Quando és acidentado e botas sangue pela boca o teu remédio é um pinto pisado vivo com as penas e as tripas. Explorante o medo, o atraso, a ignorância, a miséria, a fome. Nunca ouviste falar em férias. A legislação trabalhista é para ti uma história de trancozo. Não existe. O que existe é o trabalho de sol a sol. De semana a semana. E' o furto da vara. E' o engano-de-lápis é a sardinha padre. E' o farinha azéda. E' o figo de alemão. E' o capanga na porta. São os traços na cabeça. E' o pau-de-arara. E' a cuia na mão. E' o facão do soldado. E' o chão do hospital. E' o cemitério — a tua aposentadoria. O teu desconsolo. Tantas vezes pedido. Tantas vezes encontrado. Com o copo de cachaca. Com a dor-de-veado. Com o cipé no pescôco. E o Parlamento o que faz? O Parlamento tem medo. A Democracia ignora! O Parlamento é cristão! E por isso ele espera que o milagre aconteça. Como aconteceu na China e em Cuba também.

ral nasceria por todo o Brasil. E a desapropriação das terras se faria facilmente. Com o pagamento da indenização não em dinheiro e a vista mas em títulos do tesouro e a prazo como noutros países.

Com o teu voto viria uma lei para garantir o posseiro contra o grileiro e o foreiro contra o latifundiário. Com o teu voto, o cambão, a meia, a terça, e o vale-de-barracão, o capanga, a vara, a sujeição, todas essas e outras formas de roubo da tua suor, do teu socógo, da tua vida, se encantariam da noite para o dia.

Com o teu voto a batalha pela reforma agrária seria vencida mais depressa e correria menos sangue. Porque o sangue já corre há séculos e ainda correrá. Com o teu voto tu passarás a ser mais respeitado porque, tu sendo a maioria, a tua voz engrossaria na Câmara de Vereadores, na Assembleia Legislativa, no Parlamento Nacional, e também no palácio da Prefeitura, do Governador, ou do Presidente da República. O voto para o analfabeto depende da tua união. Tu já formas a maioria. A maioria que não vota. Deves formar a maioria que vota. Porque só assim será a maioria que fala e também lá dentro. Mas enquanto não conquistares esse direito toma a tua carta de ABC, arranja uma horinha, e vai mesmo cansado, faminto, de tanga, a casa de teu irmão que saiba ler e aprende com ele a soletrar e a assinar teu nome.

E' grande o teu sacrifício. Mas com esse sacrifício tu conquistas o título de eleitor. Esse título de eleitor é um passo que dás para a frente no caminho da liberdade. O dia de amanhã será teu. Vai ao encontro do teu dia. Não esperes pela madrugada de olhos fechados. Abre bem os teus olhos para fitá-la como fosse a tua mãe que viesse ao teu encontro. E abre ainda mais os teus braços para recebê-la. Não há nada mais belo do que a face da liberdade. Só a face da tua mãe se parece com ela. Vai. E leva os teus irmãos. A liberdade te espera. Ela é a tua mãe.



Pernambucanos Exigem: Vassourada na Tramways

RECIFE, fevereiro (Especial para NR) — A batalha que o povo deste Estado trava há anos contra a ação nefasta da Pernambuco Tramways parece encaminhar-se para um desfecho vitorioso. Efectivamente, os serviços telefônicos já não se encontram há 3 anos em mãos do poderoso truste norte-americano, do serviço de bondes encarregou-se de dar fim a própria empresa concessionária e no que se refere à energia elétrica a situação não é muito diferente. Assim toda a energia distribuída pela Tramways no Recife e adjacências já não é de sua produção, mas sim produzida em Paulo Afonso. E a comissão solicitada pelo governo do Estado ao Ministério da Agricultura para efetuar o tombamento físico e contábil dos bens constantes do serviço de eletricidade da Tramways chega ao fim de sua tarefa.

Nos próximos dias deverão partir para o Sul os dois técnicos que aqui vieram para efetuar o tombamento. Trabalharão eles durante quase um ano, num esforço exaustivo, e agora estão prestes a concluir sua missão. Todos os postes, transformadores, equipamentos de qualquer natureza — conforme

este jornal já rezeu anteriormente — foram contados e avaliados pela comissão de tombamento. E não apenas isto: através de um exame exaustivo na escrita da Pernambuco Tramways, velha de 50 anos — a Tramways está enquistada em Pernambuco desde julho de 1912 — foi feito o levantamento de todas as despesas realizadas pela companhia na compra de material, no pagamento do pessoal, na distribuição e na remessa de juros, lucros, royalties, amortização do capital, de empréstimos, etc. Uma tarefa verdadeiramente hercúlea.

O trabalho empreendido pela comissão de tombamento deveria constituir uma rotina nas atribuições da Divisão de Águas, de acordo com o que determina a legislação em vigor. Entretanto, o que se sabe é que se contam pelos dedos os casos de tombamentos efetuados. Ora, como a fixação de tarifas, nos termos da lei, deve ser feita com base no patrimônio do concessionário, o desconhecimento desse patrimônio coloca o governo numa posição totalmente passiva. As tarifas fixadas no Brasil o são, realmente, em função apenas dos dados

fornecidos pelas próprias empresas, à base do que elas declaram ser o seu patrimônio e não dos investimentos realmente efetuados. Isto se deve, em grande parte, à política de convivência da Divisão de Águas do Ministério da Agricultura com os trustes de eletricidade. A alegação de que o Departamento se encontra desparelhado deveria levar os seus diretores a exigir maiores recursos humanos e materiais para o cumprimento de suas funções.

Para a realização do tombamento, neste Estado, foi preciso o empenho direto do governador Cid Sampaio, apoiado pelas forças que o elegeram em 1958, as quais, no programa elaborado, exigiram a encampação da Pernambuco Tramways. E o tombamento é exatamente o primeiro passo nesse sentido, uma vez que só mediante sua realização pode o Poder Público conhecer o que será objeto de encampação.

No Rio Grande do Sul, onde a opinião pública impusera igualmente a realização do tombamento, foram apuradas gravíssimas irregularidades: mediante diferentes tipos de falcatruas, a empresa local já havia feito remessas que supe-

ravam amplamente aquelas que a lei permitia. Sua encampação, assim, foi o passo natural para que o Estado se pusesse a coberto de prejuízos ainda maiores.

Em Pernambuco, dada a situação privilegiada que sempre desfrutou e do domínio incontrastável que exercia na vida do Estado, tudo indica que faíscas tão ou mais graves do que as apuradas no Rio Grande do Sul terão sido praticadas pela Tramways, também subsidiária da Bond & Share, tal como sua mal sucedida co-irmã de Porto Alegre.

Dessa maneira, é esta uma oportunidade única para que o governo estadual dê a prometida vassourada na Pernambuco Tramways, livrando o nosso Estado desse câncer que vive empestecendo a economia pernambucana. As forças populares não somente apóiam firmemente uma ação resoluta contra a Tramways, como exigem do Ministério da Agricultura — do sr. João Agripino, particularmente, ao que consta futuro candidato à senatória pela Paraíba — a única atitude compatível com os compromissos que assumiu: a defesa dos interesses nacionais. Que sejam conhecidos os resultados apurados pela comissão de tombamento, tal como foi feito no Rio Grande do Sul.

Quando ao sr. Cid Sampaio, que se afastou das forças populares no último pleito, mas foi eleito por elas em 1958, exigem dele os patriotas pernambucanos que defenda os interesses do Estado, ainda que venha a encontrar dificuldades na esfera federal e passando por cima das atuais divergências políticas. A luta contra a Tramways une todos os pernambucanos, acima de quaisquer divergências, tal como a luta contra a sucursal gaúcha da Bond & Share uniu todos os gaúchos.

A atuação da Pernambuco Tramways, sobretudo a partir da última guerra mundial, é a história de uma empresa decadente, que se recusou a fazer novos investimentos, limitando-se a extrair o máximo de lucros, a vender e desviar o que deveria restituir ao Estado. Em síntese, mostrou que a apregoiada eficiência das empresas estrangeiras concessionárias de serviços públicos, no Brasil, não passa de lenda e que elas só são eficientes para retirar lucros do bolso do povo.

Essa a causa principal da opinião pública do Estado, em impressionante unanimidade, reclamar a encampação da Tramways e sua completa retirada do Estado. Prova disso são as sucessivas vitórias obtidas pelo governo do Estado na ação que está movendo contra o extinto serviço de bondes, há muito sepultado pela própria Tramways, mas cujo contrato só termina formalmente dentro de oito ou nove anos.

Em vista de uma série de irregularidades cometidas pelo truste norte-americano, o governo entrou na justiça com uma ação pleiteando a extinção da Tramways e indenização de 600 milhões de cruzeiros. Entre as irregularidades praticadas pela Tramways incluem-se o não cumprimento do contrato, o desvio subreptício de máquinas e bens pertencentes ao serviço de bondes e outras.

Conforme noticiamos há meses (NR de 12 a 18 de agosto de 1960), a justiça estadual não somente acolheu a ação do governo, como denegou medidas pleiteadas pela Tramways e, finalmente, decretou o sequestro dos bens do serviço de bondes, solicitado pelo Estado, apesar das objeções levantadas pelo truste norte-americano.

Entretanto, inexplicavelmente, passadas as eleições de outubro, o assunto entrou em ponto morto. A opinião pública, que vinha acompanhando pelos jornais a luta contra a Tramways, viu o assunto sumir como por encanto. Por quê?

No pé em que as coisas se encontram, com o apoio das mais amplas camadas da população e em face do público e solene desprezo da Tramways pelos contratos assinados com o Estado, há todas as condições para que a ação seja vitoriosa, com a extinção imediata do contrato, a restituição de todo o acervo de bens pertencente direta ou indiretamente ao serviço de bondes, a reposição integral do patrimônio, inclusive a soma necessária a esse fim.

E essa atitude firme que os patriotas pernambucanos esperam do sr. Cid Sampaio.

Dicionário

Organizações e Classes Medievais

O afluxo de servos fugitivos para a cidade, onde podiam pôr-se a salvo da dominação dos seus antigos senhores, criou, todavia, um problema para os artesãos: o aumento da concorrência. Daí a organização destes últimos em gremios.

Os gremios eram a forma feudal de organização do artesanato. Compunham-se dos mestres, dos oficiais e dos aprendizes, mas só os primeiros gozavam da plenitude de direitos. Os gremios fixavam a duração da jornada de trabalho, o número de oficiais e aprendizes em cada oficina, estabeleciam as cotas de produção e de matérias-primas, bem como seus preços e, com frequência, eram também os gremios que efetuavam as compras de matérias-primas. Os métodos de trabalho eram obrigatórios para todos, o que tinha por fim impedir que uns mestres se destacassem dos outros.

Nos primeiros tempos de sua existência desmembraram um papel a cada ponto progressista, pois fortaleciam o artesanato urbano. Entretanto, suas rígidas normas, impedindo o desenvolvimento da técnica, transformavam-se em obstáculo à ampliação das forças produtivas e das relações mercantis, cuja tendência era a expansão. Além disso, os gremios condenavam os oficiais e aprendizes a permanecer a vida toda nessas categorias, pois de fato não podiam passar a mestres. As relações dos mestres com os seus colaboradores foram perdendo o anterior caráter patriarcal e transformando-se em relações entre patrões e empregados. Acentuou-se a exploração destes últimos, que eram obrigados a trabalhar 11 e 12 horas por dia, em troca de mísero salário. Em consequência, os oficiais começaram a congregarem em entidades secretas — as Irmandades —, eram perseguidas por todos os meios pelos gremios.

Do mesmo tempo em que os artesãos congregavam-se nos gremios, os comerciantes — a parte mais rica da população urbana — organizavam-se nas corporações. Da mesma forma que os gremios, as corporações existiram em quase todas as cidades, no feudalismo. A principal finalidade das corporações consistia em defender os interesses dos comerciantes na luta de concorrência contra os forasteiros, o estabelecimento de pesos e medidas e a defesa dos direitos dos comerciantes em face das exações abusivas cometidas pelos senhores feudais.

A sociedade feudal dividia-se em duas classes fundamentais: os senhores feudais e os camponeses. Os primeiros, por sua vez, compunham-se de elementos mais ricos — os suzeranos — e dos mais pobres — os vassallos — que pagavam tributo aos primeiros e, em troca de sua proteção, participavam nas guerras ao lado dos suzeranos. Por sua vez, os suzeranos eram vassallos de outros suzeranos. Assim era constituída a hierarquia feudal. Os latifundiários feudais estavam à frente do Estado e constituíram uma camada social, a nobreza, que destruiu de amplos privilégios.

O clero — tanto o eclesiástico, como o monástico — situava-se entre os maiores proprietários de terras e gozava da condição de camada social dominante, ao lado da nobreza. Os camponeses eram a imensa base da pirâmide feudal. Eram privados de direitos políticos e podiam ser vendidos juntamente com as terras em que trabalhavam.

Nas cidades, encontravam-se os comerciantes, os usurários, os donos de terras e os grandes proprietários de imóveis, contra os quais lutavam, reivindicando uma participação no poder, os artesãos, que constituíam o grosso da população. A luta de classes das camadas mais baixas da cidade contra a aristocracia urbana e os senhores feudais fundia-se com a dos camponeses servos contra a exploração feudal.

Unidos Venceremos

FELICIANO E. NETTO

Sob a inspiração e iniciativa de uma equipe formada por valerosos e experimentados líderes sindicais, e de conformidade com as exigências de uma necessidade histórica das massas trabalhadoras em nosso país, foi no ano de 1945 fundado o glorioso Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Barra Mansa e Volta Redonda.

Naquela época, os trabalhadores brasileiros, juntamente com seus irmãos do mundo inteiro, lutavam galhardamente para completar a derrota militar, política e moral do fascismo, que havia surgido na face da terra instigado e sustentado sem reservas pelo capitalismo financeiro moribundo, e que escolheu para suas primeiras e grandes vítimas os trabalhadores e seus sindicatos. Para vencê-lo foi necessário suportar ingentes sacrifícios e trabalhar sem desfalecimento, visando preparar uma base econômica, política e militar capaz de levá-lo à derrota, de forma insofismável e definitiva.

A amizade e a compreensão desenvolvidas entre os trabalhadores durante os duros e longos anos de luta contra o fascismo trouxeram novas esperanças e a visão de um mundo novo, de mais progresso e bem-estar para todos. Esta perspectiva influenciou decisivamente em todo processo de formação do nosso sindicato, e muito contribuiu para que a ação desenvolvida pelos companheiros componentes da comissão organizadora fosse também desde o início impregnada do mais elevado espírito de compreensão e unidade.

Apesar dos 16 anos que já nos separam daquele feito memorável dos trabalhadores no Vale do Paraíba, lembramo-nos ainda e com orgulho justificado uma das primeiras e gigantescas assembleias realizadas no Cine Eden em Barra Mansa, à qual compareceram perto de dez mil operários. Uma grande faixa, certamente trabalhada por mãos calosas, mas muito hábeis, compunha a decoração previamente organizada, na qual podia-se ler, em grossas letras: UNIDOS VENCEREMOS. O caráter profético desta palavra-de-ordem foi mais tarde demonstrado pelas inúmeras lutas que os metalúrgicos tiveram de travar, destacando-se dentre elas, e como sendo de maior importância, a que foi levada a efeito contra a tentativa de intervenção ministerial no Sindicato em 1955. Com essa luta, os metalúrgicos de Volta Redonda puderam comprovar à luz de sua própria ex-

periência, que quando as fileiras da classe operária estão unidas, não existe força no mundo capaz de impedir a obtenção de grandes vitórias na luta pela defesa de suas conquistas e pelo alcance de novas reivindicações. Assim como hoje ninguém mais pode ignorar, quando a classe operária está dividida, jamais suas reivindicações poderão ser plenamente satisfeitas. Isto é verdadeiro, naturalmente, em relação a todos os sindicatos e aplica-se igualmente em todas as épocas. Se, por exemplo, agora, por ocasião da aprovação do atual acordo salarial, os metalúrgicos de Volta Redonda não se deixassem impressionar pelas afirmativas de que não adiantava recusar a contra-proposta da CSN, por se tratar de uma empresa muito poderosa, etc, etc, e se se firmassem na convicção de que a maior e mais poderosa força social em Volta Redonda são os trabalhadores, fato este já sobejamente comprovado em 1955, e também que os três bilhões e seiscentos milhões de cruzeiros em lucros líquidos obtidos pela CSN em 1959 são fruto exclusivo do trabalho dos operários, e que portanto a CSN podia e pode muito bem firmar um acordo salarial em bases mais vantajosas para seus serventuários, o resultado não seria esse que aí estamos contemplando, de quase três mil e quinhentos operários prejudicados em um direito que já haviam conquistado através de duras lutas (o adicional). Isto inevitavelmente aconteceu, porque os metalúrgicos têm nestes últimos anos, deixado arrefecer um pouco a sua vigilância em relação à vida do sindicato. Apesar de possuir um presidente capaz, que ajudado por outros diretores bastante abnegados, formando sem dúvida uma diretoria que tem correspondido em certa medida ao apoio recebido dos associados, existem no entanto algumas debilidades e a principal delas consiste no fato de a diretoria vir enfraquecendo um pouco em suas mãos uma série de questões que poderiam e deveriam ser enfrentadas por um número muito maior de colaboradores. Para citar apenas um exemplo, observamos que um dos fatores altamente positivos e que durante certo período vinha contribuindo para enraizar e popularizar cada vez mais o sindicato entre os associados, mantendo-os constantemente informados de tudo que se passa em sua organização sindical é a experiência dos delegados sindicais nos locais de trabalho. Estes, como sabemos, foram aos poucos diminuindo suas atividades e hoje praticamente não mais existem como ativistas sindicais. Nestas

condições, o sindicato corre o risco de ir aos poucos se transformando numa espécie de organização anarco-sindicalista, baseada sua atividade numa minoria de colaboradores, desprezando milhares de metalúrgicos em condições de fazer alguma coisa em benefício de seu sindicato e que ficam completamente sem atividade. Compreendemos que esta tendência negativa na vida do Sindicato pode ser imediatamente corrigida; se os dirigentes e líderes metalúrgicos forem capazes de realizar na prática uma salutar e efetiva política de unidade. Para que tal política de unidade seja benéfica, e corresponda aos anseios de todos os associados, deve basear-se em quatro pontos fundamentais. 1) Reconhecer que é necessário substituir todo propósito de arrogância e de intolerância e falso conceito de superioridade por um efetivo espírito de tolerância e de cooperação.

2) Estabelecer entre os representantes de concepções ou tendências diferenciadas, muito comuns no movimento sindical, uma cooperação harmoniosa, ao invés de impor interesses estritamente de grupos ou de facções políticas.

3) Respeitar o direito de todos a adotar a concepção que julgar mais conveniente.

4) Extirpar da prática sindical qualquer manifestação ou ato de discriminação entre os associados.

Acreditamos sinceramente que os metalúrgicos de Volta Redonda, e com eles todos os que vivem e labutam no Vale do Paraíba, possuem todas as condições para alcançar uma posição de destaque à frente da grande luta que todos teremos de travar para atingir um nível de vida condizente com as nossas necessidades.

Para tanto, reconhecemos por um lado que são imensas e muito ricas as experiências acumuladas em todo um processo de lutas memoráveis levadas a efeito nestes 16 anos de existência do sindicato e por outro lado, constatamos também em seu seio, a existência de líderes experimentados e dispostos em ajudar a elevar a corporação ao grau de vigilância e combatividade, que lhe está reservado no atual estágio de desenvolvimento da sociedade-brasileira. E finalmente, constatamos também que está reforçada uma vez mais entre os metalúrgicos a compreensão de que para triunfar, os trabalhadores precisam estivar mais e mais a unidade em suas fileiras.

Nota Econômica Alternativas Econômico-Financeiras

Até o momento em que redigimos esta nota não é conhecida sequer a data em que se vai reunir a SOMOC para traçar as normas cambiais por que se regerá o país ao menos num futuro imediato. Enquanto isto, dada a situação de "suspense" numa esfera tão importante, como a do câmbio, as compras do país no exterior estão praticamente paralisadas. Se não se encontram de todo, deve-se em grande parte ao expediente adotado pela administração Kubitschek de vender cada semana, fora dos leilões de divisas, uma quantidade três vezes maior do que a posta em leilão em cada um deles (adicional triplice). Tal prática, se concorreu para prover o governo de maiores recursos em cruzeiros — pois o pagamento das FVC vendidas era feito até 72 horas após a compra ou arrematação — aliviando, assim, o Executivo da necessidade de mais emissões, trouxe como contrapartida um estímulo às importações absolutamente injustificável e absurdo. E, o que é pior: comprometeu recursos em moeda estrangeira que somente entrariam dentro de algum tempo, dada a escassez de dólares que caracteriza o atual momento.

E tudo isso fez o governo anterior para fugir à adoção de uma política externa realmente independente, capaz de abrir ao menos uma neva de clareza nos sombrios horizontes que ainda hoje cercam nossas relações econômicas com o mundo exterior. A verdade é que também nesse terreno o governo do sr. Juscelino Kubitschek procurou conciliar o inconciliável — os interesses do desenvolvimento econômico independente do Brasil com os dos trustes norte-americanos que saqueiam o nosso país.

O resultado aí está: com as facilidades concedidas para importações, notadamente da área das moedas convertíveis, a balança comercial do país em 1960 apresentou um déficit de quase 190 milhões de dólares (incluindo fretes e seguros), seguramente um dos maiores de nossa história. O déficit, claro está, não resulta, apenas, do estímulo às importações, mas também de pouco ou nada haver feito o governo para melhorar os nossos termos de intercâmbio. No mundo de hoje, somente pessoas desfraldas, ou forças econômicas interessadas em que o Brasil continue preso no carro do imperialismo, podem aceitar como uma fatalidade inevitável a tendência à desvalorização dos preços daquilo que produzimos e à elevação dos preços daquilo que compramos no exterior.

A incerteza quanto à data da reunião da SOMOC produziria maiores efeitos se se tivesse uma inflação mais ou menos precisa do que pretende o governo no âmbito econômico-financeiro. De um lado, está a SOMOC

entregue a um típico economista burguês do século XIX, o sr. Otávio Buihões, que vive a sonhar com livre concorrência em plena época do monopolismo. Daí as diretrizes ortodoxas que, segundo se afirma, ele preconiza, em síntese a prática de uma política deflacionária, semelhante à adotada na Argentina. De outro lado, tanto o presidente do Banco do Brasil, como o ministro da Fazenda e o próprio presidente da República — no encontro com o grupo do CONCLAP — manifestaram opiniões que não são exatamente idênticas à atribuída ao sr. Buihões e segundo as quais continuariam as emissões e o crédito voltaria a favorecer a produção (atualmente, em face da expectativa, há uma grande retração bancária).

Um ponto, porém, parece assentado: a elevação do câmbio de custo para 150 ou 200 cruzeiros. Tal aumento terá repercussões imediatas em toda a economia nacional. Para que se faça uma ideia, basta ver que dois terços dos nossos dispêndios no exterior são feitos a câmbio de custo. Somente nos itens petróleo e trigo, que absorveram uns 350 milhões de dólares por ano, a passagem do câmbio de custo de 100 para 150 cruzeiros, por exemplo, significaria um aumento do custo da ordem de 17,5 bilhões de cruzeiros, a ser pago pelos consumidores. De fato, o aumento seria muito maior, pois iria produzir efeito sobre sucessivas etapas do processo de produção e consumo.

Há, porém, quem afirme que as importações da área do dólar seriam drasticamente reduzidas. Esse seria, certamente, um dos meios de aliviar a pressão cambial. Mas, cabem aí algumas indagações: estará, realmente, o governo disposto a realizar uma política externa independente? Em caso afirmativo, estaria preparado para fazer frente aos golpes de represália, sobretudo dos interesses atingidos das trustes norte-americanas e dos seus agentes internos? Estaria, por exemplo, disposto a responder a esses golpes restringindo as remessas de lucros, dividendos, royalties, etc., que constituem uma via de exaustão do país? Inteligentemente, a verdade é que não há nenhuma expectativa, quando à frente dos nossos destinos a economia e das finanças encontram-se encastelados defensores ou representantes de interesses imperialistas e de retrogrados forças imperiais, como os sr. Agripino e Buihões.

Desde lá, porém, uma única e certa aplicação no Brasil de uma política semelhante à de Foz de Iguaçu (do FMI) teria que vencer resistências muito maiores do que as que se levantaram na Argentina. E não seriam apenas os trabalhadores os que a ela se oporão.

Josué Almeida

Exemplo a Ser Seguido

Patrocinando em 1960, na Bahia, a realização do 1º Seminário Latino-Americano de Reforma e Democratização do Ensino Superior, a UNE iniciou em nosso país um amplo debate sobre essa momentosa questão.

Na ocasião, a Comissão de Educação da Entidade preparou e apresentou uma tese sobre a situação da Univ. de Brasília, onde, além de analisar a situação objetiva do ensino superior, preconizava numerosas soluções visando atender os diferentes aspectos analisados. A tese foi publicada na revista «Movimento» e amplamente difundida no país e no exterior. Estava aberta entre nós o debate sobre um assunto que há muito empolga e apasiona os estudantes de quase todos os países do nosso Continente. Posteriormente, uma série de movimentos estudantis desencadeados tais como a greve do Mackenzie, das Faculdades de Direito, Engenharia, Farmácia, Odontologia e Ciências Econômicas de Goiás, das universidades baianas que durou nada menos que 105 dias, tomou a Reforma Universitária assunto obrigatório dos jornais estudantis, dos revistas especializadas em problemas educacionais, da imprensa em geral. As idéias foram surgindo e sendo debatidas. Multiplicou-se o número dos que queriam discutir a Reforma. Agora, é importante dar um passo à frente no caminho iniciado com o Seminário Latino-Americano. Compreendendo isso a UNE propôs-se realizar em breve um Seminário de Reforma Universitária no Brasil. Daqui de nossa coluna achamos a idéia bastante oportuna e aplaudimo-la. Agora, é com satisfação que a vemos frutificar através de diferentes atividades que começam a surgir nos diversos pontos do país como iniciativas das UUEE, e mesmo de Diretórios Acadêmicos e DD. CC.EE. Isso por si só, é uma garantia de que o Seminário em escala nacional será uma realidade. Entre tais iniciativas há uma que merece ser destacada para que possa servir de exemplo aos estudantes e suas organizações. Trata-se de numerosas perguntas que foram elaboradas pela FEURGS e publicadas sob a denominação de «Inquérito Universitário».

As perguntas que abrangem todos os aspectos do ensino superior que deverão ser respondidas pelos universitários gaúchos. Atendida essa objetivo a FEURGS terá material suficiente para fazer um bom balanço da verdadeira situação do ensino superior no R. G. do Sul.

Pensamos que o exemplo é útil e deveria ser seguido por outros Estados. Apesar de certos traços comuns existentes entre as diferentes universidades, sejam elas particulares ou oficiais, quer seja em terreno técnico ou administrativo, as particularidades locais também devem pesar bastante na elaboração geral de uma Reforma Universitária se temos em conta as características próprias de cada região de um país tão grande como é o Brasil. Seria pois interessante e oportuno que cada UEE elaborasse seus questionários visando a: 1º — Efetuar um levantamento da situação da Universidade no Estado: número de faculdade e alunos, composição social dos estudantes, situação econômica dos universitários, corpo docente, equipamento técnico de pesquisa e material didático, relação entre educação técnica-científica e humanista, orçamento universitário, universidades privadas e estatais, autonomia e Reforma Universitária (autonomia administrativa, financeira, didática) 2º — Auscultar as diferentes opiniões sobre quais as soluções a serem apresentadas a fim de que se atenda a Reforma nos seguintes aspectos essenciais: programas de ensino, distribuições do tempo escolar, ligação entre a teoria e a prática, colocação da educação superior ao nível de atendimento, as exigências do desenvolvimento, organização de Magistério Superior (concursos, vitalidade de cátedra, pós-graduação).

Não temos dúvida, se isso for feito, se for seguido o exemplo da FEURGS, poderemos chegar a um Seminário Nacional com um levantamento sério e profundo da Universidade em Geral mas também com uma idéia clara e precisa sobre as características particulares da Universidade em cada Região e aquilo que se faz necessário ser reformado para que a Universidade se desenvolva harmoniosamente e de modo simultâneo em todos os Estados da Federação.

A FEURGS INAUGURA RESTAURANTE E PROMOVE EXPOSIÇÃO

Com a presença do Reitor, estudantes e personalidades do mundo educacional a FEURGS inaugurou a 7.ª do corrente os seguintes serviços médicos sanitários completamente gratuitos: serviço de farmácia, gabinete odontológico, laboratório de análise, ambulatório e serviços médicos.

A FEURGS, que é uma das mais fortes e prestigiadas organizações estudantis do Rio Grande do Sul, vem desenvolvendo sérios estudos no sentido de dar à nossa assistência cultural ao estudante gaúcho. O plano de sua Secretaria de Cultura já em execução é dos mais interessantes. Entre as iniciativas já realizadas destacamos a Exposição de Cerâmica e Pintura recentemente ins-

Jânio Retém Verbas e Ameaça de Paralisação Total a Policlínica da UME

O atraso do MEC na liberação das verbas destinadas a UME ameaça de paralisação total a Policlínica Central dos Estudantes que desde 1954 presta inestimáveis serviços médicos a mais de 200 estudantes por dia. Para solucionar satisfatoriamente a questão mobilizam-se as organizações estudantis da Guanabara.

Situação crítica

Em virtude da não fornecimento das verbas destinadas anualmente à UME a situação da Policlínica Central dos Estudantes é das mais precárias. O pessoal que atende aos diferentes departamentos não recebe há 4 meses e muitos deles se mantêm em seus postos exclusivamente por espírito de abnegação e solidariedade aos estudantes pobres. Em sua exposição sobre o descabido ali reinante, feita no último conselho da UME, o presidente em exercício da entidade afirmou que «não existe mais material para o funcionamento dos diferentes departamentos assistenciais como ocorre com os gabinetes dentários, um dos mais procurados». Alguns outros setores como o de Raio X e a Fisioterapia estão paralisados. Os outros funcionam em estado precário.

O dentista Sebastião Setubal bastante conhecedor da situação da policlínica afirmou à nossa reportagem que para não paralisar de todo o trabalho e manter a Policlínica em funcionamento, mesmo que precariamente, muitos funcionários levam consigo os materiais necessários ao trabalho como é o caso dos dentistas que levam suas «brocas».

O que é Policlínica?

Fundada em 1954 por iniciativa de um grupo de jovens estudantes, irmãos de um mesmo e forte idealismo — proporcionar à numerosa classe dos Estudantes Universitários ou de cursos secundários do Rio, assistência médico-hospitalar e odontológica inteiramente gratuita — a Policlínica é uma organização que atende em média 200 estudantes por dia. Conte atualmente com 10 Departamentos médicos especializados a saber: Clínica Geral, Gastroenterologia, Oftalmologia, Tisiologia, Otorrinolaringologia, Radiologia, Laboratório de Análises e Pesquisas, Cirurgia e Fisioterapia. Dispõe ainda de um ambulatório de curativos, uma farmácia em duas dependências destinada a vender aos estudantes medicamentos e preços reduzidos, uma enfermaria para moças com 5 leitos e outra para rapazes, uma cozinha dietética com dependências, 5

DISCRIMINAÇÃO POLÍTICA CONTRA ESTUDANTE CATARINENSE

Os estudantes de Joinville acabam de dirigir a UBES um telegrama pedindo para ela protestar junto ao ministro da Educação por motivo da recusa de matrícula ao estudante Polibio Adolfo Braga por parte do Colégio Bom Jesus, daquela cidade.

Procurado por nossa reportagem para maiores esclarecimentos sobre o fato, o secretário geral da UBES, estudante Diniz Cabral, declarou:

«Trata-se de mais um caso de discriminação das Escolas Particulares contra os estudantes que se colocam na vanguarda da defesa da Escola Pública». A seguir expôs a situação do estudante de Joinville: «O Colégio Bom Jesus disse-nos ele, acaba de negar matrícula ao estudante Polibio Adolfo Braga, presidente da União Joinvilense

VIAJOU PARA MOSCOU O VICE-PRESIDENTE DE ASSUNTOS INTERNACIONAIS DA UNE

Pelo Boeing da Air France, que partiu na madrugada do dia 8, seguiu com destino a Moscou o estudante Nelson Vanuzzi, vice-presidente de Assuntos Internacionais da UNE. Ao «balafar» compareceram numerosas estudantes e membros da diretoria.

Na capital soviética Nelson, como representante da UNE, ocupará o cargo de membro do Secretariado Permanente que prepara o Fórum Internacional da Juventude a se realizar naquela cidade no mês de julho do corrente ano.

instalada na «Mataborrão», conhecida pavilhão de Porto Alegre, como parte do Programa de Intercâmbio Cultural Estudantil Brasil-Argentina. Participaram da exposição cerca de 40 estudantes e professores de Buenos Aires que chegaram à capital do Rio Grande do Sul em ônibus oferecido pela FEURGS. Naquela oportunidade, além da Exposição de Cerâmica e Pintura, foram realizados uma sessão de poesia apresentando trabalhos de conhecidos poetas modernos e uma noite de teatro.

Proseguindo em suas iniciativas, a FEURGS acaba de contratar o Teatro do Arena de São Paulo para exibir-se no Rio Grande do Sul sob o patrocínio dessa entidade.

gabinetes dentários que funcionam em três turnos.

O pessoal

Para atender a tão numerosos e importantes serviços a Policlínica dispõe de 1 Diretor, 10 médicos, 12 cirurgiões-dentistas, 1 médico laboratorista, 3 enfermeiros, 2 atendentes, 4 auxiliares de laboratório, um auxiliar de raio X, 1 farmacêutico, 1 Administrador, 4 funcionários de Secretaria, 1 porteiro, 1 vigia noturno e 3 serventes, que se revezam num trabalho ininterrupto das 8 às 20 horas.

Novas instalações

Além do «Serviço Domiciliar de Urgência», ainda sob a gestão de Alfredo Marques Vianna, os dirigentes da UME com o objetivo de dotar a Policlínica de moderna equipagem médico-cirúrgica inauguraram o Centro Cirúrgico Prof. Mário Pinotti. Esse Centro está modernamente instalado e dispõe de mais recente aparelhagem exigida pela ciência, destacando-se — mas a para alta cirurgia e sala completa para esterilização geral, sendo todo ele ventilado por ar refrigerado. Atualmente, em virtude da falta de material, o Centro Cirúrgico está completamente paralisado o que não pode deixar de causar pesar aos numerosos estudantes que se servem dos serviços assistenciais da União Metropolitana de Estudantes.

Verbas e orçamento

As instalações da Policlínica Central dos Estudantes custaram à entidade que recebeu auxílio do Ministério da Educação e Cultura, cerca de 16 milhões de cruzeiros, capital esse logo transformado em precioso auxílio a milhares de estudantes cariocas ou de outros Estados que procuram a Guanabara para realizar seus estudos. A Policlínica vinha recebendo uma dotação de oito milhões de cruzeiros a fim de manter em perfeito estado de funcionamento os numerosos departamentos e serviços acima citados. Atualmente, porém, em virtude de exigências descobertas feitas pelo MEC, as verbas da UME embora já aprovadas pelo Tribunal de Contas continuam retidas, criando uma situação verdadeiramente penosa para a entidade estudantil guanabarina profundamente interessada em dar aos estudantes cariocas necessitados o máximo possível de assistência médico-hospitalar.

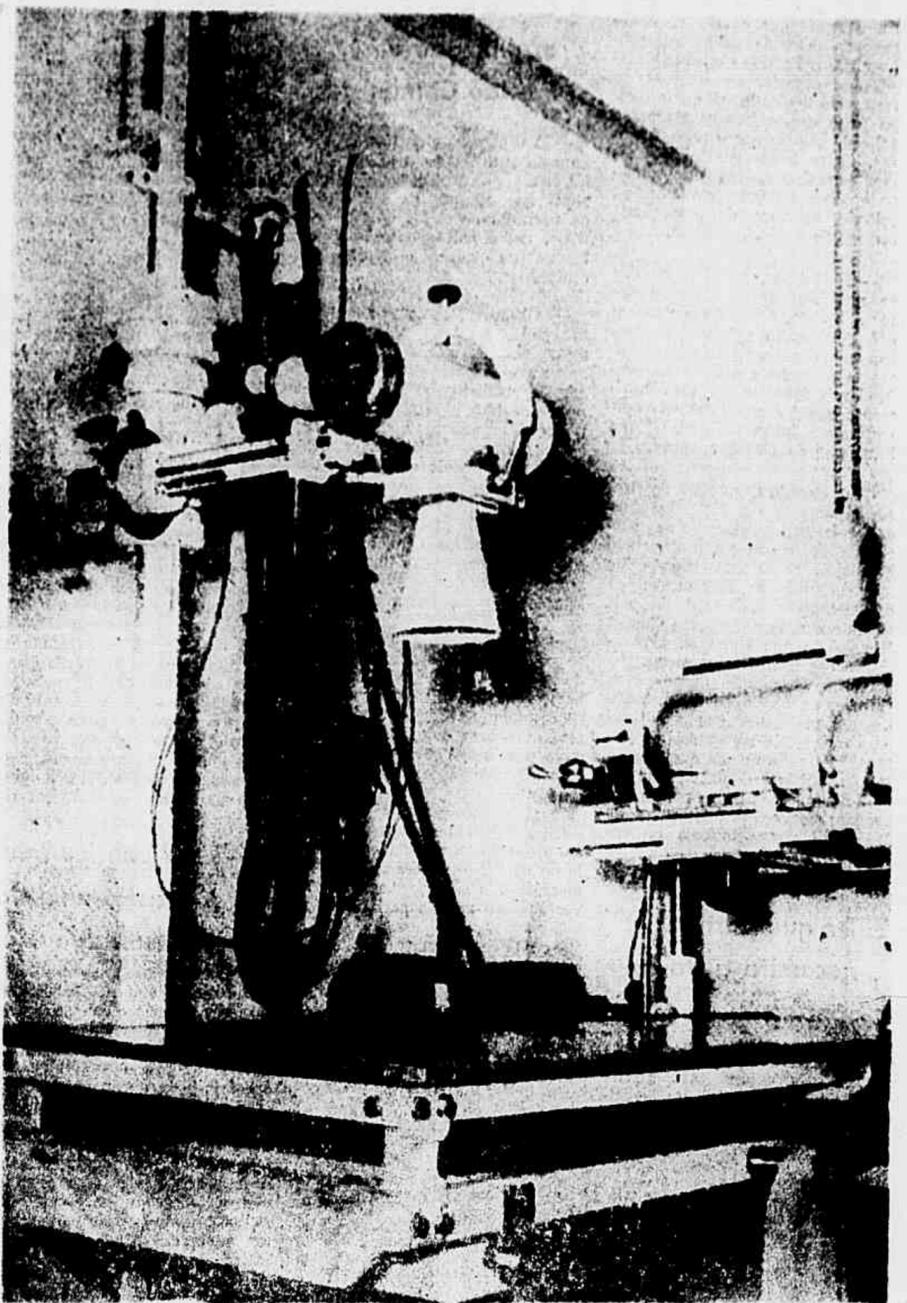
Reagem os estudantes

Importantes medidas já foram tomadas pela UME visando resolver a situação da Policlínica. Após a reunião do

Conselho em que se tratou do assunto, o diretório, após expor através de circular, a situação a todos os comensais do Restaurante Calabouço, vem procurando mobilizar todos os DD-AA a fim de que estes pressionem o ministro Brigido Tinoco no sentido de a ques-

ção seja devidamente solucionada no mais breve espaço de tempo possível. Não basta porém a mobilização dos cúpulos estudantis. Urge que todos os estudantes cariocas unifiquem seus esforços e exijam que as verbas destinadas a UME sejam rapidamente entre-

ques. Com o objetivo de levar a bom termo seu vasto plano de assistência social ampla a todos os estudantes do Estado da Guanabara e em especial aos estudantes universitários, a UME nesta emergência espera a colaboração de todos os estudantes de nosso Estado.



Ameaçada de fechar

Praticamente Resolvida a Crise da UEE Gaúcha

«Com a realização de três reuniões sob a minha presidência e da qual participaram todas as Federações Estudantis filiadas a UEE, praticamente está resolvida a crise que vinha atravessando a entidade máxima dos estudantes gaúchos», declarou à nossa reportagem o vice-presidente da UEE, Nelson Vanuzzi que acaba de regressar de Porto Alegre.

Origens da crise

Como é do conhecimento público a

Entre os bons serviços prestados pela UME aos universitários que estudam no Estado da Guanabara emite-se, sem dúvida, a Policlínica Central dos Estudantes, que funciona desde 1954, ao lado do restaurante do Calabouço. Agora, com a retenção das verbas pelo presidente da República, aquela instituição está ameaçada de paralisar suas atividades.

UEE do Rio Grande do Sul não compareceu à reunião do Conselho da UEE realizada no começo do ano na cidade de Manaus em virtude da difícil situação em que se encontrava. A crise iniciou-se com o pedido de demissão da diretoria presidida por De La Justine. Com o presidente demitiram-se outros diretores, entre os quais Fernando Tavares e Pêcles Druck. As demissões foram originadas pelas sérias controvérsias surgidas entre a diretoria presidida por De La Justine e o Conselho da UEE que

não via com bons olhos a administração incidente e as posições políticas contrárias aos interesses dos estudantes que vinham sendo adotados por aquela diretoria. A crise agravou-se com a decisão de Ivan Ferreira, vice-presidente da entidade, de permanecer à frente da mesma. Diante de sua decisão desentendiam-se as Federações Filiadas à UEE (FEURGS, DCE da PUC, FAP (Pelotas), FUPE (escolas particulares) culminando o alito com a retirada da FEURGS e os grupos de Pelotas, São Maria e Rio Grande. Para o retorno, essas organizações exigiam: demissão de Ivã Ferreira para a renovação completa da entidade. Exigências mais sérias foram feitas pela FEURGS e incluíam entre outras a reformulação administrativa e eleitoral (voto universal indireto), isto é, estabelecimento de colégios eleitorais com voto de maioria e minoria.

Vence o espírito de unidade

Com a presença de Nelson Vanuzzi em Porto Alegre foram realizadas naquela cidade 3 reuniões com as diferentes Federações a fim de solucionar a questão. «Em maio os estudantes gaúchos farão o seu congresso universitário. Não temos dúvidas de que naquela oportunidade darão uma demonstração de seu alto espírito de unidade e de suas acentuadas tendências democráticas colocando-se decisivamente ao lado de outras UUEE. Já hoje, sob o bandeira da UNE, lutam pela democracia e o progresso de nossa pátria» afirmou Vanuzzi ao término da rápida entrevista que manteve com a nossa reportagem.

ESTUDANTES GAÚCHOS INICIAM «INQUÉRITO UNIVERSITÁRIO»

Integrando-se na Campanha Nacional pela Reforma Universitária que a UNE já coordena em todo o país, a FEURGS (Federação Estudantil Universitária do Rio Grande do Sul) elaborou e distribuiu 7.500 exemplares de um questionário entre todos os estudantes gaúchos visando ascultar-lhe a opinião sobre a atual situação da Universidade no Rio Grande do Sul, foi, igualmente, elaborado um questionário especial para os vestibulandos.

Na introdução do questionário explica-se a razão da pesquisa que já se inicia com grande apoio dos estudantes: «O primeiro passo para reivindicar-se uma Reforma, é saber exatamente o que deve ser reformado, o que não é satisfatório. E para isso estamos fazendo esse levantamento, um dos mais completos inquéritos já apresentados à

classe estudantil, por seus próprios dirigentes.

Responder com seriedade e honestidade aos quesitos deste questionário é essencial à consecução de nossos ideais, pois só assim teremos a visão do que necessitamos para isso.

Confiamos na maturidade social e política dos nossos colegas, para estarmos certos de que o «Inquérito Universitário da FEURGS será um êxito absoluto, uma vitória da classe estudantil».

O Inquérito Universitário abarca os seguintes temas:

- 1º — Condição sócio-econômica do Universitário; 2º — Formação pré-universitária; 3º — Condições gerais de ensino; 4º — Educação para o desenvolvimento; 5º — Composição do Corpo Docente e 6º — Consciência estudantil.

1. Como e por que surgiu o Partido Comunista

— Os inimigos do comunismo repleam constantemente a calúnia de que o Partido Comunista é uma criação artificial de um punhado de agitadores, dos "agentes de Moscou". As idéias comunistas são, segundo eles, uma "ideologia exótica", estranha ao povo brasileiro e aos seus interesses.

— Se assim fosse, não se poderia compreender a enorme vitalidade do PC e das idéias que propaga. Se o Partido Comunista fosse uma organização artificial, já teria sido liquidada há muito tempo pelas campanhas de repressão policial, pelo terror e pelas torturas. Se as idéias comunistas fossem estranhas ao nosso povo, não poderiam sobreviver em face da colossal máquina de propaganda dos inimigos do comunismo.

— Entretanto, o PC se enraiza cada vez mais entre os trabalhadores e o povo. Suas idéias ganham cada dia novas consciências. Isto demonstra que o Partido Comunista surgiu como resultado de profundas exigências do desenvolvimento social e sua existência corresponde a interesses reais — aos interesses da classe operária.

— O Partido Comunista do Brasil foi fundado em 1922. Sua fundação decorre da elevação da consciência de classe do proletariado brasileiro, como consequência de um conjunto de fenômenos: a) o crescimento industrial do país durante e após a Primeira Guerra Mundial, o que levou ao agravamento das contradições sociais; b) a Grande Revolução Socialista de Outubro, a formação do primeiro Estado proletário, que significou uma reviravolta na história da humanidade e levou aos quatro cantos do mundo a doutrina triunfante do marxismo-leninismo; c) os grandes movimentos grevistas de 1917-1919 nos principais centros industriais do Brasil.

2. De que partido necessita a classe operária?

— A classe operária dispõe de várias organizações para a sua luta: sindicatos, sociedades beneficentes, cooperativas, etc. Por que é necessário, então, o Partido Comunista?

— De todas as organizações criadas pelo proletariado, somente o seu partido político pode expressar corretamente os interesses fundamentais da classe operária e conduzi-la à vitória final. Apenas com a ajuda dos sindicatos, das sociedades beneficentes, etc. os operários não poderão liquidar o capitalismo e construir a sociedade socialista. Para este fim é necessária uma organização de tipo superior, que não se limite à luta pela satisfação das necessidades imediatas dos trabalhadores e tenha como objetivo conduzir a classe operária ao Poder, realizar a transformação revolucionária da sociedade. Esta organização é o Partido Comunista.

— O Partido Comunista deve ser, portanto, a vanguarda da classe operária, a parte mais avançada e consciente dessa classe, capaz de conduzir as amplas massas trabalhadoras na luta pela eliminação do capitalismo e pela construção do socialismo.

— Por que o Partido Comunista pode desempenhar esse papel de vanguarda?

a) O Partido Comunista não atua às cegas, orienta-se pela teoria revolucionária — do marxismo-leninismo, que expressa cientificamente os interesses fundamentais da classe operária;

b) A principal força do Partido Comunista consiste em não estar isolado, em não constituir um grupo estreito e fechado de revolucionários, mas em manter-se ligado intimamente às grandes massas trabalhadoras, cujas lutas se esforça por encabeçar.

— Sendo, por sua natureza, o partido da classe operária, o Partido Comunista deve possuir raízes não só no meio operário mas em outras camadas do povo.

— Os comunistas não são pessoas excepcionais, mas operários, camponeses, intelectuais e empregados comuns, gente simples do povo. Devem distinguir-se apenas por sua maior consciência dos interesses coletivos, por sua firmeza de convicções e, conseqüentemente, por seu espírito revolucionário,

DOIS ESQUEMAS PARA PALESTRAS

O Que é o Partido Comunista?

por sua disposição de enfrentar todas as dificuldades na luta pela grandiosa causa que abraçaram.

3. Como é organizado o Partido Comunista

— A organização do Partido Comunista não é uma concepção arbitrária. Ela decorre do próprio papel que desempenha o Partido, da natureza de classe do proletariado, dos objetivos e tarefas em função dos quais se organizam os comunistas.

— Os interesses expressos pelo PC não constituem uma simples soma dos interesses particulares dos trabalhadores isolados, ou de setores profissionais. São os interesses de toda a classe. Tais interesses só podem manifestar-se através de uma vontade única, que reúne uma grande quantidade de ações particulares em uma luta comum. Somente uma direção centralizada pode unificar todas as forças, orientá-las para um objetivo determinado, dar unidade às ações isoladas dos operários ou de setores da classe operária.

— Mas a vontade única no PC só pode ser criada por meios democráticos, isto é, através do trabalho conjunto, coletivo, quando se confrontam diferentes opiniões e propostas para adotar-se em seguida resoluções obrigatórias para todos. A vontade comum elaborada por este meio reflete de maneira mais completa e real as necessidades objetivas da luta de classe do proletariado. Assim, o centralismo do PC é um centralismo democrático, ou seja, baseado na vontade das massas partidárias.

— O centralismo democrático significa:

a) eleição de todos os órgãos dirigentes do Partido, de baixo a cima.

b) prestação de contas periódica dos órgãos do Partido perante as organizações partidárias que os elegeram.

c) rigorosa disciplina partidária e subordinação da minoria à maioria.

d) caráter obrigatório das resoluções dos órgãos superiores para os órgãos inferiores.

— O ingresso no Partido Comunista implica, portanto, em deveres e direitos para o combatente da causa operária. Membro do Partido é todo aquele que aceita o Programa e os Estatutos do PCB e que contribui para a atividade deste com meios materiais e por sua participação em uma das organizações partidárias.

4. Liberdade de discussão e unidade de ação

— O principal método de trabalho partidário é a ampla discussão de todas as questões, a elaboração coletiva das resoluções. Isto é necessário para a generalização da experiência, para a descoberta dos erros, para que cada um se convença do acerto das decisões adotadas.

— A discussão deve implicar no exercício da crítica, na revelação das deficiências, no esclarecimento de suas raízes e na apresentação de propostas para a sua correção. A crítica ajuda o Partido a avançar e educa seus quadros.

— Mas o Partido distingue a crítica que, o fortalece da crítica que o enfraquece, da crítica pela crítica, do "criticismo". Assegurando a liberdade de crítica, chamando à responsabilidade os que tentam sufocá-la, ao mesmo tempo o Partido não dá a ninguém o direito de utilizar esta liberdade para enfraquecer autas fileiras.

— Onde está o limite que distingue a crítica útil da crítica nociva? Para a determinação deste

limite existem o Programa, as resoluções e os Estatutos do Partido. Garantindo amplos direitos a seus membros, o Partido exige deles fidelidade a seu programa, a seus objetivos e a seus ideais. O Partido não concilia com a pregação de opiniões antipartidárias e as considera incompatíveis com a permanência em seu seio.

— Enquanto as resoluções não são adotadas, podem expressar-se no Partido diferentes opiniões, elucidar-se pontos-de-vista opostos. Mas,

depois de aprovadas as decisões, todos os comunistas atuam como um só homem. Nisto reside a essência da disciplina partidária, que exige a subordinação da minoria à maioria e o caráter obrigatório das resoluções adotadas.

— A disciplina comunista não é uma disciplina cega. Sua força consiste em que é uma disciplina consciente, porque se baseia na solidariedade ideológica dos comunistas, na aceitação consciente das resoluções partidárias, em cuja elaboração cada comunista teve participação ativa.

O Que Quer o Partido Comunista?

1 — Os objetivos políticos do Partido Comunista do Brasil

A classe operária tem por missão histórica a abolição da exploração do homem pelo homem. O Partido Comunista é a vanguarda política da classe operária. Seu objetivo final é, portanto, o estabelecimento da sociedade socialista, baseada na propriedade social dos meios de produção, como etapa de transição à sociedade sem classes — o comunismo. Somente o socialismo pode pôr fim à exploração do homem pelo homem e aos antagonismos de classe. Somente ele pode dar a nosso povo a completa emancipação na-

cional e social, o pleno florescimento de suas forças produtivas, o desenvolvimento do bem-estar material, da liberdade e da cultura.

O caminho para alcançar esse objetivo é a ação política, junto à classe operária e a todo o povo. Só se pode, porém, alcançar o socialismo quando chegam a determinado grau de maturidade as contradições da economia, os antagonismos de classe e, conseqüentemente, a consciência da classe operária e do conjunto do povo.

2 — Uma política que combina a teoria marxista-leninista e as peculiaridades da realidade nacional

Por isso mesmo, os comunistas não baseiam sua política apenas em seus desejos e em seus objetivos finais. O socialismo representará uma conquista não apenas dos comunistas — mas da classe operária e da nação em seu conjunto. Sem perder de vista o objetivo final do socialismo, os comunistas lutam, hoje, pelas soluções justas e viáveis que respondem aos problemas prementes de nossa vida social. Lutam por dar a essas soluções um sentido progressista, revolucionário, conseqüente, capaz de aproximá-las das soluções refletidas em seus objetivos finais. A política dos comunistas apoia-se na ciência social do marxismo-leninismo, no estudo da realidade presente e na ação das massas populares. É uma política que por sua justiça e por sua consciência, deve ser compreendida, adotada e aplicada pelos trabalhadores, suas aspirações gerais e das condições novas e favoráveis que se desenvolvem no mundo, ela tem em conta, obrigatoriamente, a realidade econômica, política e social de nosso país. Deve, portanto, unir à base teórica do marxismo-leninismo, que indica os caminhos e os objetivos da sociedade socialista, as condições concretas de nossa sociedade e as exigências de seu desenvolvimento atual.

3 — As exigências atuais de nossa sociedade

A revolução brasileira processa-se numa época nova, de transição do capitalismo ao socialismo, em que se acentuam, dia a dia, a superioridade do regime e do sistema socialistas, a luta dos povos por sua libertação nacional e o debilitamento do imperialismo e de seu sistema. No entanto, as tarefas fundamentais que se colocam diante do povo brasileiro não são, ainda, tarefas de caráter socialista. O desenvolvimento do Brasil é ainda entravado, fundamentalmente, pela exploração do capital imperialista internacional e pelo monopólio da propriedade da terra, em mãos da classe dos latifundiários.

Eis por que as tarefas básicas de nosso povo são, hoje, a conquista da emancipação do país face ao domínio imperialista e a eliminação da estrutura agrária atrasada, assim como o estabelecimento de amplas liberdades democráticas e a melhoria das condições de vida das massas populares. Os comunistas empenham-se na realização dessas transformações, ao lado de todas as forças patrióticas e progressistas, certos de que elas constituem uma etapa prévia e necessária no caminho para o socialismo.

4 — As soluções positivas e a aproximação aos objetivos finais

A realização dessas tarefas implica em transformações revolucionárias na sociedade brasileira. Exige uma profunda mudança na correlação de forças políticas e a passagem do Poder estatal às mãos das forças ant imperialistas e antifundadas — a classe operária, os camponeses, a pequena burguesia e a burguesia ligada aos interesses nacionais. Como força revolucionária mais conseqüente, o proletariado deve ter, entre elas, o papel dirigente.

A realidade indica que o maior obstáculo ao desenvolvimento independente e progressista do Brasil é a exploração imperialista norte-americana. Essa exploração assume formas variadas, tanto no plano econômico quanto no terreno político e social. Ela entrava a plena utilização de nossos recursos e possibilidades internas, nosso progresso e nossa emancipação econômica; impõe dificuldades ao processo de democratização e à instauração de uma política externa consentânea com os interesses nacionais; apoia as forças de rea-

propriação de grandes propriedades incultas ou pouco cultivadas, da forte tributação sobre as grandes propriedades, da utilização das terras do Estado para a criação de núcleos de economia camponesa. Atacando, assim, os dois obstáculos principais que se opõem ao avanço de nossa sociedade, essas medidas fornecem, ao mesmo tempo, as bases positivas de um desenvolvimento independente: a ampliação do campo do monopólio de Estado, como base do crescimento de setores econômicos fundamentais (energia, petróleo, siderurgia, indústria química, minérios, transportes, câmbio); um comércio exterior e uma política externa independentes; a correção das desigualdades e o nosso desenvolvimento; o estímulo às iniciativas de interesse nacional; o fortalecimento de nosso regime democrático, a elevação do nível de vida e de cultura do povo.

A conquista dessas reformas econômicas e políticas, de caráter ant imperialista e popular, é possível desde já, mesmo nos quadros do atual regime. A condição para isso é a formação de um governo de coalizão que represente, no Poder estatal, as forças integrantes da frente nacionalista e democrática. A luta por soluções positivas e imediatas para os problemas do povo — e a luta por um governo nacionalista e democrático capaz de realizá-las — constituem, do ponto de vista tático, a tarefa central da classe operária e dos comunistas. Esse governo pode ser conquistado através da luta de massas e da mudança da correlação de forças políticas. Sua conquista depende, portanto, essencialmente, da ação política dos comunistas, do crescimento das lutas de massas, do poderio da frente nacionalista e democrática e do papel que nela desempenharem as forças revolucionárias mais conseqüentes, sobretudo a classe operária, os camponeses e outras camadas populares.

5 — A legalidade do Partido Comunista do Brasil é uma exigência de nosso desenvolvimento econômico, político e social

A classe operária é parte integrante da nação brasileira, a sua força mais avançada e progressista, ligada à mais avançada forma de produção: a grande indústria. É a principal criadora da riqueza nacional. Constitui parte considerável de nossa população ativa, com 3 milhões de trabalhadores urbanos e 4 milhões de assalariados agrícolas. Através de seu partido político — o Partido Comunista do Brasil — conta com uma doutrina científica sobre o desenvolvimento social e com um programa de emancipação nacional e social para todo o povo. Possui, pois, as condições necessárias — além do direito e do dever — para participar, com as demais forças de progresso social, da pesquisa e do confronto das soluções para os problemas nacionais, e da luta por sua aplicação. Está chamada, por seu caráter, por sua força, por sua organização, por sua missão histórica, por sua ciência social, a conduzir o povo em sua luta emancipadora, visto que seus interesses se confundem com os da sociedade em seu conjunto.

Como vanguarda de uma classe revolucionária e progressista, o Partido Comunista do Brasil é um partido eminentemente democrático, profundamente patriótico e nacional: é o defensor natural e fiel dos interesses do povo e dos in-

3. Dirigir as massas e aprender com as massas

— O Partido Comunista só pode ser vanguarda se está estreitamente ligado às massas e goza do seu apoio. Como se torna o PC um verdadeiro dirigente das massas de que exprime e defende corretamente os interesses delas. E só pode convencê-las não com palavras, mas com fatos, por sua política, por sua iniciativa, por sua fidelidade ao povo.

— O Partido só pode dirigir as massas e ensiná-las quando ele próprio aprende com as massas, isto é, quando estuda atentamente o que surge da prática das massas, quando se embebe da sabedoria do povo. Aprender com as massas para ensinar às massas — eis o princípio marxista-leninista seguido pelos Partidos Comunistas.

sapropriação de grandes propriedades incultas ou pouco cultivadas, da forte tributação sobre as grandes propriedades, da utilização das terras do Estado para a criação de núcleos de economia camponesa. Atacando, assim, os dois obstáculos principais que se opõem ao avanço de nossa sociedade, essas medidas fornecem, ao mesmo tempo, as bases positivas de um desenvolvimento independente: a ampliação do campo do monopólio de Estado, como base do crescimento de setores econômicos fundamentais (energia, petróleo, siderurgia, indústria química, minérios, transportes, câmbio); um comércio exterior e uma política externa independentes; a correção das desigualdades e o nosso desenvolvimento; o estímulo às iniciativas de interesse nacional; o fortalecimento de nosso regime democrático, a elevação do nível de vida e de cultura do povo.

A conquista dessas reformas econômicas e políticas, de caráter ant imperialista e popular, é possível desde já, mesmo nos quadros do atual regime. A condição para isso é a formação de um governo de coalizão que represente, no Poder estatal, as forças integrantes da frente nacionalista e democrática. A luta por soluções positivas e imediatas para os problemas do povo — e a luta por um governo nacionalista e democrático capaz de realizá-las — constituem, do ponto de vista tático, a tarefa central da classe operária e dos comunistas. Esse governo pode ser conquistado através da luta de massas e da mudança da correlação de forças políticas. Sua conquista depende, portanto, essencialmente, da ação política dos comunistas, do crescimento das lutas de massas, do poderio da frente nacionalista e democrática e do papel que nela desempenharem as forças revolucionárias mais conseqüentes, sobretudo a classe operária, os camponeses e outras camadas populares.

teresses nacionais. Sua história é a história da luta pela democracia, pelos direitos e interesses das massas trabalhadoras, pela soberania e pelo progresso da Pátria, pela paz e a amizade entre os povos, por uma sociedade melhor, pelo socialismo. Negar à classe operária o direito de participar da vida política, negar ao Partido Comunista o direito de contribuir ao debate e à aplicação das soluções que os interesses do povo e do país reclamam — significaria dividir a nação, enfraquecer a luta nacional e democrática, favorecer a ação dos monopólios estrangeiros, de seus agentes e das forças internas de reação e de atraso; enfraquecer a democracia brasileira, dividir e trair ao povo.

As bandeiras dos comunistas, seu programa de lutas — ontem como hoje — são a bandeira e o programa da Nação em seu conjunto, apontam para a emancipação nacional e social, nascem dos interesses do presente e do futuro de nosso povo e de nossa Pátria.

A luta pela legalidade do Partido Comunista do Brasil é, pois, uma exigência do interesse nacional, da luta justa de todos os patriotas, de todos os democratas, pela liberdade, a independência e o progresso de nosso país.

(Bibliografia: Resolução Política do V Congresso)

10 DO 39 ANIVERSÁRIO DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

A HEGEMONIA DO PROLETARIADO

AMARO VALENTIM

A hegemonia (direção) do proletariado é um conceito científico que define o papel histórico que a classe operária tem e desempenhar nas revoluções de nosso tempo. Com o surgimento do regime capitalista, e burguesia e o proletariado, como classes fundamentais da sociedade, disputam a hegemonia da revolução social em cada país.

A história registra uma série de revoluções sociais cuja direção foi exercida pela burguesia. Estão neste caso a revolução burguesa na Inglaterra, começada em 1648 e consolidada em 1688; a revolução burguesa na França, que se processou entre 1789 e 1875. Também o movimento popular de 1930, no Brasil, foi outro exemplo de hegemonia da burguesia.

A história mostra que as revoluções dirigidas pela burguesia, apesar de seu caráter progressista e dos valiosos conquistas democráticas proporcionadas por elas, não deram solução aos problemas sociais e econômicos dos países em que se processaram. Isso porque a burguesia, ao apoiar-se nos camponeses e no proletariado para derrubar o poder dos latifundiários, tomou o poder para si mesma. Isto é, substituiu um regime de exploração por outro.

Os comunistas russos estudaram a experiência do movimento operário internacional, o conteúdo e as vantagens das revoluções democrático-burguesas realizadas anteriormente e, com base nesta análise, criaram o partido marxista-leninista do proletariado. Orientaram a ação do proletariado de seu país, forjaram a aliança operário-camponesa e derrubaram o poder dos latifundiários e da burguesia czarista, construindo em seguida na Rússia o primeiro regime socialista, livre da exploração do homem pelo homem.

A generalização científica da experiência da Revolução Socialista de Outubro estabelece o princípio da hegemonia do proletariado, como verdade universal do marxismo-leninismo. A hegemonia do proletariado é condição indispensável para a realização consistente da revolução socialista, em qualquer país. É a base em que se assenta a ditadura do proletariado, sem a qual é inconcebível a passagem ao socialismo.

O V Congresso do PCB, ao elaborar e aprovar a sua Resolução Política, levou em conta a atual etapa histórica do desenvolvimento econômico, social e político da sociedade brasileira. E definiu a revolução brasileira, na etapa atual, como uma revolução antiimperialista e antifeudal, nacional e democrática.

Chega ao fim esta série de reportagens e vejo, pelas minhas anotações, quanto coisa deixou de ser dita. Em Cuba tudo se renova, não há um só aspecto da vida do país que não tenha passado ou esteja passando por transformações radicais. E tudo acontece em um ritmo tão veloz que o repórter ou o comentarista está sempre sob o risco de apresentar como novidade objetivos ou realizações cujas marcas já tenham sido superadas. «Fidel não dorme», dizem sempre os cubanos. Mas a impressão que nos fica de contato de um mês com o povo de Cuba, é o conhecimento daquilo que já fizeram e do que estão fazendo em prazos tão curtos, é que não se trata apenas dos chefes da Revolução. Parece que a febre da criação revigora de tal modo o povo que chegam a se tornar dispensáveis o repouso e o sono.

Começa a planificação

Isso não quer dizer, no entanto, que o país avance desordenadamente, sem saber com toda clareza para onde vai. Ao contrário: em lugar da anarquia e da irracionalidade de antes, o desenvolvimento do país obedece hoje a uma planificação que, se nos primeiros tempos, atingia apenas setores ou grupos de setores, atualmente orienta toda a vida nacional.

Sob a presidência do próprio Fidel Castro, trabalha intensamente a Junta Central de Planificação. Os resultados de sua atividade se revelam até aqui em programas determinados para empresas ou setores. Mas a missão principal da Junta é a elaboração de um plano único de desenvolvimento da economia nacional. Segundo se sabe, esse plano vem sendo cuidadosamente aperfeiçoado e orientará toda a economia do país a partir de 1962. Será um plano de cinco anos, visando atingir, no plano da produção, três objetivos centrais: diversificação da agricultura, crescimento da

lista e antifeudal, nacional e democrática. Também para que esta revolução seja levada à frente, de modo consistente e radical, é indispensável a hegemonia do proletariado. Diz a Resolução do V Congresso:

«O interesse do proletariado consiste em que a revolução nacional e democrática se desenvolva ininterruptamente, adquira a máxima amplitude e profundidade, em que venha a ser uma revolução democrático-burguesa de novo tipo, parte integrante da revolução socialista mundial.

«Para que isto aconteça é indispensável a hegemonia do proletariado na frente revolucionária e a conquista de um poder das forças antiimperialistas e antifeudais sob a direção do proletariado.»

Essa conclusão teórica do PCB tem grande significação política, pois coloca nas mãos do proletariado a missão histórica da direção da revolução brasileira. Mas o proletariado não conquistará a hegemonia do movimento de um dia para o outro, por força de uma resolução. O proletariado conseguirá a hegemonia no processo diário, permanente e consistente da luta de classes.

No nível atual da luta antiimperialista e antifeudal no Brasil o proletariado ainda não exerce a hegemonia do movimento. Já exerce, entretanto, uma considerável influência nos rumos que tomam os acontecimentos políticos no País. As organizações sindicais proletárias ajudam o fortalecimento e ampliação da frente única nacionalista e democrática. Cresce o número de conferências estaduais e nacionais, bem como o número de greves, realizadas pela classe operária. O proletariado tem crescente participação nas lutas antiimperialistas e democráticas de nosso povo, como a luta pelo petróleo, a luta pelas liberdades democráticas em agosto de 54 e novembro de 55, etc. O proletariado participa das eleições e já constitui uma força política e eleitoral respeitada e disputada por todos os partidos.

CUBA: TERRITÓRIO LIVRE DA AMÉRICA

A Revolução Destruiu o Grande Tabu

ALMIR MATOS, enviado especial a Cuba (última de uma série de cinco reportagens)

Indústria leve e lançamento das bases para a indústria pesada. Em relação com esses objetivos, uma vertical elevação do bem-estar material e do nível cultural de todo o povo cubano.

A possibilidade de uma planificação tão vasta não pode surpreender quando se sabe que os imperialistas, os latifundiários e a burguesia que preferiu trair a pátria perderam todas as posições-chave que antes se encontravam em suas mãos. As riquezas e os principais recursos do país já não se acham sob o poder de minorias exploradoras: são propriedades de todo o povo. Isso é o que aconteceu com cerca de 80 por cento da indústria, com os serviços públicos, o sistema bancário, o comércio exterior e o grande comércio interno, as empresas de transportes e uma grande parte das terras do país. No campo, metade da agricultura já está coletivizada. E os pequenos e médios produtores — aqueles que não se convenceram ainda, pela própria experiência, das vantagens da cooperação — encontram por parte do Estado uma assistência técnica e financeira que jamais conheceram, mantendo com o Poder revolucionário, de uma maneira geral, as melhores relações. Quase toda a produção mercantil dos proprietários individuais é entregue aos órgãos estatais, que têm assim a possibilidade de estender até eles as metas de sua planificação.

O plano quinquenal destina-se a alterar profundamente a fisionomia de Cuba. E será um exemplo de como um país, ainda semifeudal e saqueado pelos monopólios norte-americanos, conquista o progresso e torna o seu povo realmente feliz.

O crescimento do proletariado brasileiro não é só numérico, mas também organizativo. O proletariado brasileiro já criou e desenvolveu o seu Partido Comunista, orientado pela teoria marxista-leninista, e aumenta cada dia seu espírito de luta, sua combatividade e sua consciência de classe.

Assim, embora ainda não tenha a hegemonia do movimento, o proletariado brasileiro tem todas as condições para assumir a direção de nossa revolução. Os que afirmam o contrário, acentuando sobre as debilidades atuais do proletariado, além de cometer um erro de apreciação, defendem na prática a continuação da hegemonia com a burguesia — classe exploradora, vacilante e inconsequente, que teme o aprofundamento das ações revolucionárias de massas e tende ao compromisso com o imperialismo e o latifúndio.

Além de ter todas as condições para tornar-se a classe hegemônica de nossa revolução, o proletariado brasileiro tem a seu favor o fato de constituir a classe mais progressista da sociedade. E, por isso, a única classe capaz de dirigir, de maneira firme e coerente, a luta revolucionária em defesa, tanto de seus interesses específicos, como dos interesses do conjunto da Nação e das demais classes e forças empenhadas em nossa revolução antiimperialista e democrática.

Outra questão importante, na qual também se manifesta uma tendência prejudicial ao proletariado, é a questão do lugar a ser ocupado pelas camponesas na frente única. Alguns afirmam que os camponeses são atrasados, estão dispersos e têm pouca expressão política, e concluem daí que, atualmente, a questão fundamental da frente única é a da aliança do proletariado com a burguesia. Há, por outro lado, quem afirma que devemos nos preocupar agora principalmente com a aliança com a burguesia porque o problema da aliança com os camponeses «já está resolvido».

Tais afirmações, do ponto-de-vista

da revolução brasileira, são incorretas e fogem ao espírito da teoria marxista-leninista, que caracteriza o camponato como aliado fundamental da classe operária.

A aliança do proletariado com as massas camponesas tem prioridade na frente única. A medida que se forje essa aliança o proletariado ganha força para assumir a hegemonia da revolução. Acentuar a importância dessa aliança não significa em absoluto desprezar as outras forças políticas. A aliança do proletariado com a burguesia nacional e outras camadas progressistas do povo brasileiro é um imperativo do caráter de nossa revolução antiimperialista e antifeudal. Mas, considerar que o problema da aliança operário-camponesa no Brasil «já está resolvido» é fugir à realidade.

Não é justo afirmar que a massa camponesa atualmente já está ganhando para a influência e direção do proletariado e de seu Partido Comunista. Os assalariados agrícolas e os camponeses constituem a grande maioria da população, e apenas uma pequena parcela deles foi despertada para a luta contra seus exploradores. Essa fraqueza do movimento camponês se reflete nas debilidades da atuação do proletariado no movimento antiimperialista e democrático.

Os comunistas precisam convencer-se de que são débeis atualmente os laços existentes entre a classe operária e os camponeses. Essa debilidade é reconhecida por nós há muitos anos. Mas, por incompreensão ideológica, ainda não rompemos a passividade e a acomodação em nossas fileiras e temos dificuldades em encontrar as formas de organização e de luta acessíveis ao nível da massa camponesa em cada localidade.

Apesar do esforço e da abnegação dos companheiros, e apesar dos sucessos alcançados, há muito ainda por fazer, para que o proletariado assuma a hegemonia da revolução e imprima o esta um impulso decisivo e vitorioso. E

preciso elevar a unidade e a consciência política e ideológica da classe operária; atrair para a atividade sindical

Teoria e Prática

Na URSS Ainda Existem Traços de Ideologia Burguesa?

(Resposta ao leitor Tarcísio Cunha, de Fernandópolis)

Sim, ainda há restos de ideologia burguesa, nos países socialistas. Eles existem inclusive na URSS que, há 25 anos, começou a construção do socialismo e abriu caminho para a sociedade comunista.

A explicação não está apenas em que, durante cerca de trinta anos, a União Soviética viveu sob o cerco capitalista, sob sua pressão econômica, política e ideológica; e em que o mundo, ainda hoje, abrange dois sistemas sociais diferentes, com suas duas ideologias fundamentais. A explicação está, antes de tudo, em que o comunismo, com sua economia nova e com a nova consciência de seus homens, é todo um processo de desenvolvimento. Surge dos flancos do capitalismo, como dizia Marx — e guarda, por longo tempo, o selo e as marcas desse regime: daí, as fases necessárias de transformação e crescimento. O socialismo é sua etapa inferior: uma etapa em que a propriedade capitalista já não existe — mas subsistem traços tão poderosos da sociedade burguesa como a igualdade formal e a repartição efetivamente desigual da renda, à base ainda do trabalho fornecido — e não, das necessidades reais dos homens; como a subordinação escravizadora dos indivíduos à divisão do trabalho — e, com ela, a oposição entre a atividade intelectual e o trabalho físico; como a atitude frente ao trabalho, considerado ainda um meio de vida — e não uma necessidade vital, o primeiro dever para com a sociedade em seu conjunto. Ao mesmo tempo, o socialismo liquida a exploração do homem pelo homem — pela primeira vez na história da sociedade de classes — instaura um tipo superior de democracia e assegura a prática efetiva dos direitos dos indivíduos e a igualdade econômica e política das nações. E, assim, uma ponte necessária entre o passado e o futuro, um estágio que amadurece as condições da sociedade comunista, enquanto arrasta ainda — combatendo-as — restos da sociedade burguesa, com a correspondente força da tradição e do hábito na consciência dos homens.

Não estranha, portanto, que ele reúna, objetivamente, os elementos concretos de uma nova atitude face à coletividade — e a inércia da consciência anterior, modelada na sociedade capitalista. Daí, a necessidade de habituar os homens, gradativamente, nos princípios e nas regras da nova vida; de moldar uma compreensão nova do trabalho e da propriedade socialista, de interesse coletivo, das normas de conduta familiar e social, do espírito de inovação, da intransigência face ao conservantismo e às sobrevivências do passado; de desenvolver o zelo pelo patrimônio público e a compreensão do sentido histórico da atividade diária. Enquanto essa nova consciência se modela, continuam a manifestar-se as resistências à disciplina do trabalho, à prática da moral comunista, ao princípio segundo o qual quem não trabalha não come, ao respeito à propriedade coletiva. Subsistem, como elementos isolados, a tendência à embriaguez, o apolitismo, o burocratismo, a subversão e outros fenômenos estranhos ao novo regime. E subsiste o Estado — um Estado que perece e define a medida que a economia, a sociedade e os homens se transformam.

Deve-se ainda levar em conta que a consciência reflete as condições de vida material — mas não se transforma simultaneamente com elas. Sua modificação faz-se mais lentamente, atrasa-se em relação à sua base material. Isso torna a inércia da ideologia burguesa e dos hábitos e concepções da pequena burguesia mais duráveis — como depois da abolição da propriedade privada capitalista.

És porque, ainda hoje, os partidos comunistas e operários dos países socialistas continuam a dedicar um esforço todo especial ao problema ideológico. O XX Congresso do PCUS insistiu sobre a unidade indissolúvel das premissas materiais e espirituais para a transição ao comunismo; sobre a ligação entre a abundância de bens materiais, a eliminação das diferenças de classe, a cultura e a consciência comunista dos cidadãos. O XXI Congresso lançou, com o plano setenal, o problema de um ascenso impetuoso em todos os ramos da produção — e, portanto, do consumo e do bem-estar das massas. Em 1970, os soviéticos terão o mais elevado nível de vida do mundo — e terão também um nível de consumo mais homogêneo, através de uma distribuição menos desigual do produto social. Mais recentemente, uma Resolução sobre o trabalho ideológico chama a uma posição mais ativa contra as sobrevivências do passado na consciência dos cidadãos soviéticos; a maior esforço na educação da juventude e de todo o povo no espírito do coletivismo e do amor ao trabalho, do internacionalismo socialista, do patriotismo soviético e dos elevados princípios da moral da nova sociedade. Assim, não apenas se prepara a base material e técnica de uma época nova; preparam-se os cidadãos dotados de nova cultura e de novas qualidades morais.

É tendo em conta essa unidade entre a base material e a consciência dos homens, sua renovação e sua ação recíproca, que avança a prática da edificação comunista.

ao cúmulo de propagar teses como a da «alienação progressiva da soberania nacional», considerando que o patriotismo e a dignidade nacional se haviam convertido em desprezíveis peças de museu.

Cuba destruiu o grande tabu. Comprovou para que serve o pan-americano: a defesa dos monopólios ianques. Reduziu a nada o fatalismo geográfico: sendo o país mais próximo dos Estados Unidos, a uma distância de somente 90 milhas, foi o primeiro a libertar-se. E demonstrou aos desfiados que força imensa é o sentimento nacional.

Cuba está nos mostrando que o imperialismo pode ser derrotado aqui mesmo, em suas próprias barbas envelhecidas e decrepitas. O que se faz necessário é lutar, é reunir forças, é agir com inteligência e firmeza: não fazer o jogo do inimigo, mas não temer o inimigo.

Por outro lado, Cuba está nos mostrando também que derrotar o imperialismo e os traidores a seu serviço não é só possível. É também necessário, desde que se pretenda realmente imprimir ao país uma orientação independente e libertá-lo do atraso, da miséria e da ignorância. Em Cuba, o que os imperialistas ianques e seus serviços não fizeram em 60 anos de dominação, o Poder revolucionário está fazendo — e muito mais, e muito melhor — em dois anos de luta. Seria totalmente ilusório pretender-se fazer avançar qualquer um de nossos países latino-americanos sem que, como condição preliminar, se removam os dois grandes fatores de atraso e dependência: a dominação estrangeira imperialista e o monopólio semi-feudal da terra.

Cuba destruiu o grande tabu. Também nós, todos nós, podemos fazê-lo.

Libertação social

Vê-se por aí que, a 1º de janeiro de 1959, o povo cubano não conquistou apenas a sua independência política, isto é, a libertação em face do domínio que o imperialismo ianque exercia sobre o país, apoiado na tração das classes dominantes. A vitória do Exército Rebelde era o primeiro passo também para a libertação social dos trabalhadores e das grandes massas exploradoras de Cuba. Os três fatores que impediam essa libertação foram afastados com o triunfo de 1º de janeiro e o avanço do processo revolucionário: o imperialismo, o latifúndio e o Poder político das classes reacionárias. Hoje, o Poder de Cuba pertence ao povo. O Estado já não é uma arma a serviço dos exploradores e opressores, mas, ao invés disso, um instrumento que, servindo à imensa maioria da nação, tem como principal objetivo consolidar as conquistas revolucionárias e edificar uma nova sociedade — livre, culta, progressista e feliz.

Os operários já não trabalham para os trustes ianques nem para os milionários. Os camponeses já não se esgotam na terra para, no fim de penosa jornada, entregar a «meia» ou a «terça» ao latifundiário que gozava a vida em Miami. Os filhos dos trabalhadores já não crescem como bestas, ignorantes e marcados pela tísica ou a verminose. As Universidades já não são um privilégio, suas portas se abrem para todos. E os negros já não têm motivo de baixar a cabeça ou andar esgueirados pelas ruas de Havana porque os linchadores ianques não governam mais.

O povo de Cuba é o senhor em sua pátria.

Revolução e unidade

Muitas explicações podem ser dadas para os êxitos da Revolução. Uma, no entanto, deve ser particularizada: a perfeita unidade das forças revolucionárias, em torno do Poder que tem em Fidel Castro o seu grande líder. Com o triunfo de 1º de janeiro de 1959 não foram desfeitos apenas o Exército e os demais elementos de repressão da tirania. Os partidos que traíram o povo, levantando as armas em defesa da Standard Oil e da United Fruit, foram proscritos pelo povo. Mantiveram-se, por sua fidelidade à Revolução e à pátria, o Partido Socialista Popular e os movimentos 26 de Julho e 13 de Março. E entre essas forças estruturou-se, sem protocolos nem compromissos mútuos, uma unidade extraordinariamente sólida. Em relação aos dois últimos movimentos, por sua própria composição originária de classe, verificou-se uma inevitável diferenciação: na medida em que avançava o processo revolucionário muitos «companheiros de viagem», que pretendiam corrigir os profundos males do país com tímidos curativos de mercúrio-cromo, saltaram na primeira ou na segunda estação. Hoje, estão na Flórida, enquanto ficaram uns poucos para lançar bombas criminosas. Mas essa divisão de águas serviu exatamente para reforçar e consolidar a unidade. Expressando os interesses da classe operária, do camponato, da pequena burguesia urbana e dos setores patrióticos da burguesia nacional essas três

forças políticas se entendem magnificamente, no plano de uma identidade que é cada vez maior. Vai-se tornando mais provável que chegarão esses forças, num momento ainda difícil de prever, a uma unificação de caráter orgânico e programático. Isso, porém, virá a seu tempo, sem precipitação, mas também sem receios.

Não pode existir dúvida é quanto à solidez da frente revolucionária, quer entre as massas quer entre as suas forças dirigentes.

Possível e necessário

A Revolução Cubana, sobretudo para os povos da América Latina, oferece experiências e ensinamentos do maior interesse. Em meio a todas elas, penso entretanto não ser difícil apontar a lição mais importante: é possível, em nosso próprio continente, derrotar o imperialismo norte-americano e construir uma nova sociedade, apesar dos imperialistas e contra o desejo dos imperialistas. Durante muitos anos procurou o império do dólar manter-se intacto nesta parte do mundo forjando mentiras e tabus. Aos nossos povos procuraram impor todo o tipo de falsas ideias e de infames preconceitos. O pan-americano é um embuste: criou uma suposta solidariedade continental, que não servia senão para encobrir a defesa dos privilégios ianques em nossa pátria. Tentou-se fazer crer, inclusive, que era uma fatalidade a submissão aos trustes e ao governo dos Estados Unidos. Elaborou-se com essa finalidade uma teoria: o fatalismo geográfico. E desfiados homens-de-palha, como João Neves da Fontoura, chegam

A Família Cósmica



A mãe
feliz

Strelka, a primeira viajante do espaço, deu à luz seis cachorrinhos logo que retornou da sua viagem pioneira. São os primeiros membros da família cósmica e, naturalmente, candidatos naturais à grande aventura.

O presente
e o futuro

A realidade da foto à esquerda diz bem que a montagem fotográfica da direita logo deixará de ser ficção. As conquistas da ciência no campo das experiências e das realizações no domínio da navegação espacial fazem prever, para muito breve, a viagem do homem pelo espaço cósmico. A Lua já começou a ser desbravada, naves são lançadas e recuperadas, a estação interplanetária (foto, à esquerda) caminha em direção a Vênus. Não falta muito para que as naves tripuladas pelo homem desbravem a imensidão do cosmos e naveguem em direção a outros planetas.

AGORA CHEGOU A VEZ DO HOMEM

O avanço da ciência é tão rápido que acontecimentos que há 3 anos abalavam o mundo, hoje parecem experimentos primitivos. A esfera de 84 quilos que os soviéticos atiraram ao espaço em 3 de outubro de 1957, o sputnik I que abriu à humanidade a era da conquista do espaço, o sacrifício maravilhoso e comovente da cadelinha Laika, a primeira viajante do Cosmos, o povo os lembra que, como se recorda da façanha do primitivo «Demoiselle», com o qual Santos Dumont estreitou Paris e o mundo fazendo voar um aparelho mais pesado do que o ar.

Durante os 3 últimos anos, a partir do primeiro e espetacular feito dos soviéticos, os jornais gritaram em manchetes e em intervalos de tempo cada vez menores os novos avanços da ciência astronáutica visando a dotar a humanidade dos meios necessários para realizar seu grande sonho: a exploração do mundo interplanetário, descobrimento do mundo maravilhoso do Cosmos.

Depois dos «sputniks», que já são mais ou menos coisa do passado, balinhas que até os norte-americanos são capazes de lançar como diz o povo, abriram-se os caminhos da exploração dos planetas do sistema solar. O primeiro objetivo foi a Lua: os soviéticos encarregaram-se, primeiro de mandar um foguete ao satélite da Terra, engalanado com bandeiras e inscrições; depois, foi a vez de uma nave espacial que contornou a Lua, fotografou o seu lado desconhecido e acabou com grande parte do mistério que envolvia o «planeta dos namorados».

O segundo objetivo é permitir ao homem as condições necessárias para empreender a grande aventura. E, não será surpresa se amanhã ou depois vier o anúncio do feito.

Os soviéticos, que se encontram na vanguarda dos Estados Unidos na luta pelo desbravamento do Cosmos, deram passos importantíssimos, nos

últimos dias, visando a preparar o lançamento do satélite tripulado pelo homem. Já em agosto de 1960, depois de experiências preliminares, era lançado um protótipo da nave espacial. Depois de dar 19 voltas em redor da Terra, o veículo retornou ao nosso planeta trazendo incólumes seus tripulantes: as cadelinhas Bielka e Strelka, além de pequenos animais e algumas plantas. No dia 9 último a quarta nave espacial era lançada e recuperada. Esse feito dos cientistas da URSS parece que decidiu definitivamente os problemas da viagem do homem ao Cosmos. A nave lançada agora, tripulada pela cadelinha Chernushka, pesava 4,7 toneladas e, segundo declarações de especialistas, é o modelo exato daquela que levará o primeiro ser humano em sua viagem maravilhosa.

O lançamento da nave espacial que entrou em órbita e depois retornou à Terra, a quarta experiência bem sucedida realizada pela URSS, foi precedida de outra não menos espetacular feito: o lançamento de uma estação interplanetária que se dirige ao planeta Vênus, devendo encontrá-la nos primeiros dias de maio próximo. Esse feito, além de abrir definitivamente o caminho para a exploração dos planetas do sistema solar, tem um outro aspecto de grande importância: a estação foi lançada não da Terra, mas de uma plataforma de 6 toneladas posta em órbita dias antes.

Três anos se passaram daquele dia 3 de outubro em que foi atirado ao espaço e posto em órbita o primeiro satélite artificial. De lá para cá, soviéticos e americanos lançaram mais de 50, desde as «balinhas» como são conhecidos os «Vanguards» aos «caminhões do espaço» como são popularmente chamados os satélites de várias toneladas de peso postos em órbita pelos soviéticos. A Lua começou a ser desbravada, Vênus espera a passagem do primeiro veículo terrestre, já foi lançada uma plataforma espacial para atirar foguetes em direção a outros planetas, não vai demorar muito e o sonho de Júlio Verne se tornará realidade: o homem iniciará a sua maior aventura.



Esta
foi

Strelka viajou na primeira nave espacial tripulada lançada em órbita e recuperada pelos soviéticos. Seu feito propiciou as observações necessárias para facilitar o voo do primeiro ser humano.



Este
vai

Nada mais lhe falta além de ter de tomar seu posto na nave espacial e viajar para o «desconhecido». O astronauta soviético, depois das viagens pioneiras de Strelka e Chernushka, não tem mais o que temer.



Tudo
em ordem

Cãezinhos filhos de uma mãe excepcional, os rebentos de Strelka recebem toda a atenção e cuidados da medicina veterinária. Logo depois de nascerem foram submetidos a rigorosa observação e controle.



Iguais
aos outros

Apesar da fama e do prestígio de sua mãe, Strelka, os filhos Matishka e Danka fazem questão de ser iguais aos outros. Brincam e brigam quando bem lhes apraz.

NOVOS RUMOS